oficina global

RELATÓRIO | **ABRIL, 2022**

PERSPETIVAS DO DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS RESIDENTES NA FREGUESIA DE SANTA CLARA EM LISBOA, PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

cesa ISEG

Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa
Rua Miguel Lupi, 20 • 1249-078 Lisboa, Portugal • Telf: (351) 213 925 983 • E-mail: cesa@iseg.ulisboa.pt

Ficha técnica
Título: Perspetivas do desenvolvimento dos jovens residentes na Freguesia de Santa Clara em Lisboa, pós-pandemia Covid-19
Investigação e Redação: Hemma Tengler (coord.), Gabriel Londe Medeiros, Ana Luiza Penna, Rafaela Almeida Lima, Jessica de Jesus Rodrigues Tavares
Edição: Oficina Global
Data: março de 2022
Local de edição: Lisboa ISBN
Design Gráfico, Paginação: Natália Mendes
Foto de capa: Arte dos jovens do Per11

O estudo foi realizado por Hemma Tengler, Gabriel Londe Medeiros, Ana Luiza Penna, Rafaela Almeida Lima e Jessica de Jesus Rodrigues Tavares, investigadores da Oficina Global, uma iniciativa académica que procura aliar a investigação à ação em colaboração com instituições públicas e organizações da sociedade civil. A Oficina Global é apoiada pelo CEsA - Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento e pelo ISEG – Lisbon School of Economics and Management da Universidade de Lisboa.

Hemma Tengler é doutorada em Geografia pela Universidade de Innsbruck, na Áustria e mestre em Administração de Negócios pela Universidade do País de Gales, na Grã-Bretanha. É professora associada pela Universidade Católica de Moçambique na Cidade da Beira e consultora para diversas organizações da cooperação internacional. Tem vinte cinco anos de experiência na gestão de projetos de desenvolvimento da Cooperação Internacional na África Austral, com destaque em projetos de descentralização e boa governação.

Gabriel Londe Medeiros é mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional pelo ISEG – Universidade de Lisboa e licenciado em Relações Internacionais pela PUC-Minas. Tem experiência profissional de mais de 10 anos na área da cooperação internacional e gestão de projetos e desenvolve estudos na área do desenvolvimento sustentável.

Ana Luiza Penna é mestranda em Desenvolvimento e Cooperação Internacional no ISEG-Universidade de Lisboa, no âmbito do qual investiga sobre intervenção estatal e desenvolvimento local. Tem uma experiência de dois anos de trabalho em organizações da sociedade civil no Brasil.

Jéssica de Jesus Rodrigues Tavares é mestranda em Desenvolvimento e Cooperação Internacional e licenciada em Economia no ISEG - Universidade de Lisboa. Tem experiência de um ano de trabalho na área financeira, nomeadamente com fundos de pensões e recuperação de crédito.

Rafaela Almeida Lima é mestranda em Desenvolvimento e Cooperação Internacional no ISEG-Universidade de Lisboa, em que investiga sobre questões de desenvolvimento, género e educação. Tem experiência de três anos de trabalho na área jurídica e dois anos de trabalho em organização da sociedade civil no Brasil.

Agradecimentos

O presente estudo foi uma iniciativa da Oficina Global, um projeto do Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento e do Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional do ISEG-Universidade de Lisboa. Os autores agradecem o apoio da Junta de Freguesia de Santa Clara durante a realização deste estudo e a colaboração dos técnicos e responsáveis das organizações que responderam às entrevistas, nomeadamente a Santa Casa de Misericórdia de Lisboa – Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira, Aga Khan Development Network, Associação Lusofonia Cultura e Cidadania (ALCC), Associação dos Moradores do PER 11, Associação dos Moradores das Galinheiras, Grupo Comunitário das Galinheiras e Ameixoeira, Associação Miguel Reis, Culturface, Associação Espaço Mundo, Centro Social Paroquial das Galinheiras, Centro Social da Musgueira, Associação Raízes – Passaporte, Clube Atlético da Alta da Lisboa, Grupo Recreativo Desportivo Tunelense, Grupo Desportivo Águias da Charneca e Grupo Recreativo Águias da Musgueira.

Por fim, gostaríamos de agradecer especialmente a todos os jovens da freguesia que aceitaram participar neste estudo e nos concederam as entrevistas e responderam aos questionários. Agradecemos igualmente o apoio das escolas que facilitaram o contato com os jovens, nomeadamente a Escola Básica Pintor Almada Negreiros, a Escola Secundária Lindley Sintra e o Gabinete de Integração Profissional no Campo das Amoreiras.

Índice

Acrónimos **5**

Tabelas..... **6**

Gráficos..... **6**

Mapas... ..... **6**

Sumário executivo **7**

1. Introdução **10**

1.1. Descrição do problema..... 10

1.2. Objetivos 11

1.3. Metodologia..... 11

1.4. Aspetos éticos 14

1.5. Limitações do estudo..... 14

PARTE I. **16**

2. A juventude de Lisboa e o desenvolvimento local na literatura **17**

2.1. As políticas de desenvolvimento territorial, social e económico de Lisboa 19

2.2. Desenvolvimento local 21

2.3. Impacto socioecónomico da Covid -19 nos jovens..... 21

3. A Freguesia de Santa Clara **23**

3.1. O Desenvolvimento Territorial da Freguesia de Santa Clara 23

3.2. O programa BIP/ZIP 2014-2021 25

3.3. O programa Bairros Saudáveis..... 26

3.4. Demografia em Santa Clara 26

3.5. Infraestruturas sociais 26

3.6. Educação em Santa Clara 27

3.7. Emprego em Santa Clara 30

3.8. Habitação em Santa Clara..... 31

PARTE II **33**

4. Resultados das entrevistas com as instituições e organizações..... **34**

4.1. Mapeamento das organizações da sociedade civil que envolvem jovens de 15 a 24 anos 34

4.2. Sobre as intervenções das associações e instituições para a juventude..... 37

4.3. Contexto socioeconómico e territorial 38

4.4. Plano local de desenvolvimento..... 41

4.5. Participação e envolvimento dos jovens no desenvolvimento da comunidade 42

4.6. A perceção das instituições e organizações dos principais problemas dos jovens 43

4.7. Impacto da pandemia 44

5. Resultados de dados obtidos de jovens 46
5.1. Resultados dos questionários com jovens 46
5.1.1. Perfil socioeconômico dos inquiridos 47
5.1.2. Desafios e perspetivas 48
5.1.3. Impacto da pandemia da Covid-19 49
5.1.4. A participação no desenvolvimento da Freguesia 50
5.2. Resultados das entrevistas com jovens 52
5.2.1. Perfil socioeconómico dos jovens entrevistados 53
5.2.2. Desafios e perspetivas dos jovens entrevistados 63
5.2.3. Impacto da pandemia 70
5.2.4. Os jovens e a freguesia 74
6. Conclusões 80
7. Ideias para o futuro 86
8. Referências bibliográficas 88
Anexos.. 93
Anexo 1: Perguntas guiadoras para entrevistas individuais com jovens 93
Anexo 2: Questionário 94
Anexo 3: Guia de perguntas de entrevistas de instituições e organizações 100
Anexo 4: Consentimento informado 101
Anexo 5: Inventário de organizações com intervenções para jovens 103
Anexo 6: Tabela de Cursos da Escola Profissional Gustave Eiffel, Lumiar 108
Anexo 7: Edifícios municipais e sua população na Freguesia de Santa Clara 109
Anexo 8: Mapa AUGIS 110
Anexo 9: Projetos para jovens do BIP/ZIP na Freguesia de Santa Clara, 2011-2021 111

Acrónimos

AEM	Associação Espaço Mundo
AKDN	Aga Khan Development Network
ALCC	Associação Lusofonia Cultura e Cidadania
AML	Área Metropolitana de Lisboa
ARU	Área da Reabilitação Urbana
AUGI	Áreas Urbanas de Genesis Ilegais
BIP ZIP	Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária
CDCA	Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira
CMJ	Conselho Municipal de Juventude
CML	Câmara Municipal de Lisboa
CNJ	Conselho Nacional de Juventude
CSF	Comissão Social da Freguesia
DLBC	Desenvolvimento Local de Base Comunitária
GAL	Grupo Local de Ação
GCGA	Grupo Comunitário Galinheiras Ameixoeira
IEFP	Instituto do Emprego e Formação Profissional
INE	Instituto Nacional de Estatística
JFSC	Junta da Freguesia de Santa Clara
NEEF	Não em emprego, escola ou formação
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OSC	Organização da Sociedade Civil
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa
PCAAC	Programa Comunitário de ajuda alimentar a carenciados
PEDU	Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano
PDM	Plano Diretor Municipal
PER	Programa Especial de Realojamento
PNJ	Plano Nacional de Juventude
PP	Plano de Pormenor
PU	Plano de Urbanização
PUAL	Plano de Urbanização do Alto Lumiar
RSI	Rendimento Social de Inserção
SCML	Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
UOPG	Unidade Operativa de Planeamento e Gestão

Tabelas

Tabela 1: Detalhes da amostra - jovens entrevistados separados por sexo e por idade 13
Tabela 2: Dados populacionais dos censos 2001, 2011 e 2021 26
Tabela 3: População residente em Santa Clara por nível de ensino 2011 e 2021 28
Tabela 4: Desempregados registados no final de 2019, 2020 e 2021 na Freguesia Santa Clara. 31
Tabela 5: Desempregados registados no final de 2019, 2020 e 2021 no Concelho de Lisboa 31
Tabela 6: Quadro de organizações da sociedade civil que envolvem jovens de 15 a 24 anos.... 35
Tabela 7: Composição da amostra de jovens inquiridos 46
Tabela 8: Os maiores desafios que os jovens enfrentam no seu dia a dia 48
Tabela 9: Dados dos jovens entrevistados 52
Tabela 10: As seis categorias de análise do impacto da pandemia 70

Gráficos

Gráfico 1: Zonas da Freguesia de Santa Clara onde vivem os jovens inquiridos 46
Gráfico 2: Ocupação atual dos jovens inquiridos 47
Gráfico 3: Experiências que os jovens já tiveram no passado 48
Gráfico 4: Como julgas o impacto da pandemia na sua vida (por faixa etária) 50
Gráfico 5: O que os jovens gostariam que mudasse na Freguesia 51

Mapas

Mapa 1: Territórios de intervenção prioritária de Lisboa 21
Mapa 2: Serviços e infraestruturas para jovens na Freguesia de Santa Clara 27
Mapa 3: Organizações da sociedade civil em Santa Clara que envolvem jovens 34

Sumário executivo

O presente estudo foi realizado entre os meses de setembro e dezembro de 2021 e teve como objetivo identificar as perspetivas, analisar as barreiras do desenvolvimento pessoal e local e compreender o impacto da Covid-19 na vida dos jovens de 15 a 24 anos residentes na Freguesia de Santa Clara, em Lisboa. O estudo serve para a melhor compreensão das vulnerabilidades e perspetivas dos jovens e investigou até que ponto as iniciativas por parte das instituições públicas e organizações da sociedade civil conseguem dar respostas a estes desafios. Os resultados deste estudo de caso dos jovens de uma freguesia específica da cidade de Lisboa podem ser utilizados para a planificação das políticas públicas para os jovens.

Os estudos documentais nos mostram que esta freguesia situada na periferia da cidade de Lisboa tem indicadores sociais abaixo da média, com alto nível de abandono e insucesso escolar e baixos rendimentos familiares. Os dados mais atualizados apresentam uma realidade complexa, com baixos níveis de qualificação, altas taxas de desemprego e uma grande diversidade cultural e social.

Para este trabalho foi preciso mobilizar diversos recursos metodológicos do tipo qualitativo e quantitativo. Inicialmente foi realizada uma revisão da literatura, seguida pelo estudo documental. Posteriormente foram realizadas as entrevistas semiestruturadas e o inquérito por questionário online. No total, foram entrevistados 24 representantes de organizações locais, 42 jovens e recolhidos 91 questionários que possibilitaram a comparação das perceções dos jovens com os pontos de vista dos representantes das organizações.

Os respondentes caracterizaram a freguesia onde vivem e atuam como uma zona sensível. Quanto ao desenvolvimento dos jovens de 15 a 24 anos, observou-se que a fragilidade socioeconómica das famílias e as tensões entre classes sociais e culturas é um fator comprometedor. No entanto, a maioria dos jovens entrevistados demonstraram uma resiliência e uma vontade de melhorar de vida e tornar-se independentes.

Resultados chave:

Diferenciações entre os jovens consoante a idade, sexo, identidade cultural e ocupação

Os percursos dos jovens são variáveis e dependem de fatores pessoais, sociais e económicos. Longe de existir um percurso padrão, observa-se apenas semelhanças dentro de grupos específicos. Assim como Pappamikail (2010), este estudo se apercebeu da existência de várias juventudes, o que une os jovens é o desejo de se tornarem independentes.

Foi possível perceber que o grupo etário de 15 a 19 anos distingue-se dos jovens com mais de 20 anos em termos de ocupação e gestão de tempo. Os mais jovens maioritariamente estão a estudar e os mais velhos ou estão a trabalhar ou a estudar. As jovens raparigas relatam mais dificuldades emocionais e atingem um nível escolar mais alto que os rapazes, que por sua vez entram mais cedo no mercado de trabalho. Os imigrantes dos PALOPs relataram dificuldades específicas na escola, nas questões burocráticas e na integração social. Eles também assumem com maior frequência os cuidados familiares em comparação com os outros grupos identificados no estudo. Entre os membros da etnia cigana entrevistados, foi possível perceber que há mais casos de jovens com baixa escolaridade e que trabalham de maneira independente. A

constituição de família e o desejo de permanecer na freguesia é também mais observado neste grupo.

Jovens com perspetivas concretas

A maioria dos jovens desenha um plano concreto para o futuro em relação a profissão, formação e moradia que ambicionam ter. Os jovens entrevistados indicaram uma variedade de profissões em áreas de interesse, desde que sejam diferentes das profissões dos pais, pois não querem seguir os exemplos de casa. Os jovens entrevistados demostram um alto grau de determinação para alcançar os seus objetivos, mas estão cientes que o alcance dos seus objetivos depende de apoios e da superação de barreiras estruturais. Também consideram o término dos estudos ou do curso profissionalizante como um passo fundamental para concretizar o seu plano e seguir a profissão desejada. Apesar da vontade de elevar o nível académico, são obrigados a integrar o mercado de trabalho para terem melhores condições para realizar o seu projeto de vida. Estas dificuldades e barreiras são muitas vezes interpretadas como falta de clareza na definição dos objetivos, como foi possível perceber na entrevista com as instituições, que trabalham com um público mais alargado de jovens.

Os desafios dos jovens e as barreiras de concretização dos seus planos para o futuro

Para os jovens, os principais desafios identificados estão associados às questões financeiras ligadas, muitas vezes, a continuidade dos estudos e as poucas oportunidades de emprego. Nota-se que existe uma diferença na perceção dos problemas que são enfrentados pelos jovens. Por parte das organizações, destacam em primeiro lugar o abandono escolar e a falta de perspetiva como sendo os principais problemas dos jovens da freguesia, enquanto os próprios jovens afirmam que a disponibilidade de cursos e escolas na freguesia são os maiores problemas. A maioria entende a importância dos estudos para se ter um bom emprego, apesar de haver uma parcela de jovens que não percecionam os estudos como uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento.

As barreiras identificadas pelos jovens resumem-se em três categorias: a falta de programas de apoio para jovens em geral, a falta de oportunidades de emprego e a falta de oportunidades educacionais, que incluem oferta e variedade insuficientes de cursos e de bolsas.

O impacto da pandemia da Covid-19

A perceção do impacto da pandemia na vida dos jovens foi mais notada no primeiro confinamento. Tanto os jovens como as associações destacaram os impactos económicos e psicológicos do isolamento como sendo os mais relevantes. As alterações na rotina diária foram notadas por todos. Os jovens mostraram-se, em geral, resilientes e os estudantes adaptaram-se ao ensino online e adquiriram novos conhecimentos digitais, apesar das dificuldades apresentadas por alguns relativamente a falta de suporte familiar e dos meios técnicos básicos necessários. A pandemia teve um impacto mais visível na vida e nos planos de futuro dos jovens com mais de 20 anos.

Neste contexto, as instituições locais viram-se obrigadas a alterar seu modo de trabalho e intensificarem a ajuda prestada à população, nomeadamente, o apoio alimentar, o apoio aos estudos à distância e a intensificação do acompanhamento social.

Resposta às necessidades e a participação dos jovens no desenvolvimento local

No geral, os jovens reconhecem que as organizações contribuem para o seu desenvolvimento, através do apoio e reforço escolar, das atividades de tempo livre, da oferta de formação em habilidades e competências básicas e o apoio para a inserção no mercado de trabalho. Os serviços da Junta de Freguesia, com exceção do Gabinete de Inserção Profissional, ainda são pouco conhecidos e utilizados pelos jovens de 15 a 24 anos.

Os planos de desenvolvimento municipal da CML não são amplamente conhecidos pelas organizações e pela população e, a nível local, não existe um plano de desenvolvimento. Em relação a plano de desenvolvimento direcionado as juventudes, estes planos não existem em ambas as esferas.

Em resposta às suas necessidades, os jovens propuseram algumas mudanças na freguesia, tais como a atribuição de bolsas para a continuação dos estudos, criação de novos espaços para o desenvolvimento das habilidades artísticas, desportivas e de convívio. Além disso, deram destaque a programas habitacionais para jovens, pois consideram que a habitação é um aspeto importante que define sua independência. Em contraste, os representantes das organizações, que lidam diariamente com um público mais alargado de jovens, retratam a juventude de Santa Clara como sendo desmotivada e desinteressada em relação à freguesia, mas reconhecem que desenvolvem poucos programas direcionados ao desenvolvimento pessoal dos jovens da faixa etária de 15 a 24 anos neste território.

Quanto à participação dos jovens no desenvolvimento local, os respondentes do questionário apresentaram pouco interesse em contribuir para a freguesia, enquanto os entrevistados apresentaram interesses e exemplos da sua contribuição, o que também foi observado pelas associações locais.

Conclusão:

No que respeita a pandemia, observou-se através das informações e dados coletados que houve um aumento da vulnerabilidade de muitos jovens da freguesia, ainda que a perceção de alguns não seja imediata ou evidente. Os jovens têm anseios de um futuro melhor em relação ao seu desenvolvimento pessoal e profissional. Eles possuem estratégias e determinação para alcançar os seus objetivos, mas estão cientes de barreiras estruturais e individuais.

Devido à ausência de um plano de desenvolvimento específico para os jovens, suas necessidades não estão a ser atendidas e os programas nem sempre refletem as reais necessidades dos jovens. A mudança desta realidade passa pelo envolvimento participativo dos jovens na tomada de decisões na freguesia e pela inclusão no planeamento e concretização de programas para a juventude. As atividades desenvolvidas pelas associações precisam de mais suporte, mas estas também devem repensar a sua oferta de atividades e projetos para os jovens, em moldes adaptados ao contexto e às novas exigências pós-pandemia.

Palavras-Chave: *Desenvolvimento local, jovens de 15 a 24 anos, perspetivas, NEEF, impacto da Covid-19*

1. Introdução

O estudo desenvolvido na Freguesia de Santa Clara em Lisboa centra-se nos residentes de 15 a 24 anos, nomeadamente nas suas perspetivas de futuro e no enquadramento dos jovens nos planos de desenvolvimento local, considerando o impacto da pandemia da Covid-19. Os jovens são uma peça fundamental para promoção e compreensão do desenvolvimento socioeconómico local. As suas capacidades, ideias, motivações, forças e talentos representam um potencial enorme para a sociedade. Para um desenvolvimento local mais efetivo, é necessário conhecer as necessidades e as perspetivas dos jovens, bem como as barreiras que enfrentam para a concretização dos seus planos. A opinião dos jovens ainda é pouco conhecida e surge, assim, o questionamento sobre como os jovens estão a ser considerados nos processos da planificação e programas locais.

A Freguesia de Santa Clara é caracterizada como zona de expansão urbana com funções maioritariamente habitacionais, pouco comércio e poucas empresas de pequeno e médio porte. Trata-se de uma zona na periferia da cidade que integra o programa Bairros e Territórios de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP) designados assim na Estratégia de Desenvolvimento Local da Câmara Municipal de Lisboa. A Freguesia beneficiou-se do programa especial de realojamento (PER) com construção de habitações municipais e a nova urbanização da Alta de Lisboa, que resultou no aumento da população a partir dos anos 2000. De acordo com os resultados preliminares do Censo de 2021, a população da Freguesia de Santa Clara cresceu 5.3% em relação a 2011, totalizando 23.673 habitantes, tendência oposta à do Concelho de Lisboa que continua a perder população. Do total de habitantes da Freguesia de Santa Clara, estima-se que cerca de 30% tem menos de 25 anos de idade.

Este estudo também procurou identificar os efeitos da pandemia da Covid-19 na camada jovem residente em Santa Clara. Apesar da pandemia ser um fenómeno novo, que ainda não terminou, há estudos realizados a nível nacional e internacional que indicam que a pandemia agravou as vulnerabilidades em um contexto mais geral, e os efeitos socioeconómicos foram distintos quando analisados por classes sociais.

1.1. Descrição do problema

A Freguesia Santa Clara caracteriza-se por indicadores sociais desfavoráveis face aos valores médios obtidos para a cidade de Lisboa. Apresenta problemas sociais, tais como baixos níveis de qualificação escolar e profissional (taxas mais altas de analfabetismo, de pessoas sem grau de ensino completo e de abandono escolar de Lisboa), valores elevados de desemprego e emprego precário, alto número de jovens NEEF e exclusão social (Rede Social Lisboa, II Diagnóstico social de Lisboa 2015-2016, pp.24, 26, 69, 82, 182). É um bairro multicultural e multilinguístico de diversidades e vulnerabilidades complexas (Rede Social Lisboa, II Diagnóstico social de Lisboa 2015-2016: 260, 269 e 276).

A camada jovem de 15 a 24 anos é afetada pelas vulnerabilidades existentes na freguesia, mas pouco se sabe sobre as perspetivas dos jovens, sobre as suas necessidades e até que ponto as iniciativas e projetos das instituições públicas e organizações da sociedade civil conseguem dar respostas. A partir da análise comparativa dos dados demográficos dos Censos de 2011 e

2021 observa-se um aumento de 7,8% de pessoas na faixa etária de 0-14 anos (4464 pessoas) e um aumento de 4.5% na faixa etária de 15-24 anos (2884 pessoas). A população de Santa Clara com menos de 25 anos de idade aumentou em 6.4%, de 6903 para 7348 pessoas entre 2011 e 2021. De igual modo observa-se a tendência de envelhecimento da população com 65 anos ou mais, em 2011 representavam 14% da população e em 2021 representam 16%.

1.2. Objetivos

O objetivo geral do estudo é identificar as perspetivas da juventude residente na Freguesia de Santa Clara, e reconciliá-las com o plano e iniciativas existentes de desenvolvimento local.

Objetivos específicos

Objetivo específico 1: Elaborar um diagnóstico da situação socioeconómica da camada jovem dos 15-24 anos e os efeitos da pandemia da Covid-19.

Implica mapear a situação socioeconómica da camada jovem na freguesia e as instituições educativas e sociais frequentadas que oferecem algum tipo de apoio ao desenvolvimento dos jovens. Para então identificar os impactos psicossociais e económicos da pandemia nesta parcela da população.

Objetivo específico 2: Identificar e analisar as perspetivas e barreiras do desenvolvimento pessoal dos jovens.

Realizar um levantamento das perspetivas dos jovens e identificar as barreiras sociais, económicas, estruturais e individuais para a concretização. Faz-se necessário um levantamento das iniciativas e projetos da Junta da Freguesia e das organizações da sociedade civil que oferecem apoio ao desenvolvimento dos jovens em Santa Clara.

Objetivo específico 3: Identificar lacunas e oportunidades de integrar as perspetivas e necessidades dos jovens num plano de desenvolvimento local da freguesia.

Implica fazer a comparação entre as perspetivas dos jovens, suas necessidades, os planos, as iniciativas e os projetos na freguesia e analisar o potencial dos jovens para o desenvolvimento da freguesia.

Objetivo específico 4: Ajudar na reflexão das entidades públicas e organizações locais sobre a importância da integração das necessidades dos jovens nos programas de desenvolvimento local.

1.3. Metodologia

O presente estudo tem por objetivo responder as perguntas científicas e testar as várias hipóteses levantadas.

Perguntas científicas a serem respondidas:

- Como a pandemia da Covid-19 afetou a situação socioeconómica e a perceção de oportunidades da camada jovem residente na Freguesia de Santa Clara?
- Quais as perspetivas de vida e do desenvolvimento dos jovens de Santa Clara?

- Quais as barreiras para concretizar os anseios mencionados pelos jovens?
- Como são contemplados os anseios e a participação dos jovens nos programas, projetos e serviços ofertados pelo Governo Local?

Hipóteses a serem testadas:

- A pandemia da Covid-19 aumentou a vulnerabilidade e reduziu as oportunidades de emprego e estudo dos jovens. Os jovens têm anseios para um futuro melhor tanto em relação ao seu desenvolvimento pessoal e profissional quanto para o desenvolvimento da freguesia.
- As perspetivas e necessidades dos jovens são pouco refletidas nos programas, projetos e serviços existentes na Freguesia de Santa Clara.
- Há barreiras para a criação de programas e projetos para o público jovem.

O desenho do estudo baseia-se na combinação de métodos qualitativos e quantitativos. Segundo Campbell & Fiske (1959) e Johnson & Onwuegbuzie (2004) o uso de uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos permite aumentar a validade dos resultados através da triangulação dos resultados.

A área geográfica do estudo, é composta pelas antigas freguesias da Ameixoeira e da Charneca que hoje recebem o nome de Santa Clara. O público-alvo é a população jovem com idades entre 15 e 24 anos. O estudo foi realizado entre setembro e dezembro de 2021 e decorreu em 4 fases.

Fase 1: Pré-estudo: Análise documental e mapeamento de infraestruturas, serviços e organizações no terreno (setembro – outubro 2021).

O Pré-estudo começou com a recolha e a análise documental de programas, planos nacionais e municipais, diagnósticos sociais e estudos relativos a freguesia e a juventude. Estabeleceu-se contatos preliminares com os principais atores que trabalham direta ou indiretamente com a juventude na freguesia: instituições estatais, instituições de ensino, associações e organizações da sociedade civil. Quando foi realizado um inventário das organizações e um mapeamento das infraestruturas e dos serviços para os jovens existentes na freguesia. Foram desenvolvidos e testados os guiões para as entrevistas semiestruturadas e o questionário (guias e questionário nos anexos 1 a 3).

Fase 2: Entrevistas semiestruturadas com representantes de instituições (setembro-novembro 2021)

A segunda fase do estudo consistiu na realização das entrevistas com as instituições e associações em Santa Clara que lidam com a juventude. Os critérios de inclusão de pessoas chaves de referência no estudo foram:

- Ter o seu foco profissional ou campo da atuação na Freguesia de Santa Clara
- Desempenhar uma função pública ou uma função numa organização da sociedade civil

Entre setembro e novembro de 2021 realizaram-se 24 entrevistas, das quais 15 entrevistas com representantes de associações locais de âmbito social, 5 entrevistas com grupos desportivos e 4 entrevistas com representantes de instituições públicas.

Fase 3: Entrevistas semiestruturadas e inquérito por questionário com jovens (outubro-dezembro 2021)

Em um universo de aproximadamente 2900 jovens, era previsto uma amostra por conveniência de pelo menos 1% ou pelo menos 30 jovens a serem entrevistados. Os critérios de participação seja nas entrevistas como no inquérito foram: ter idade entre 15 e 24 anos e residir na Freguesia de Santa Clara.

Tabela 1: Detalhes da amostra - jovens entrevistados separados por sexo e por idade

Idade	Homens	Mulheres	Total
15 anos	1	1	2
16 anos	1	2	3
17 anos	2	4	6
18 anos	0	6	6
19 anos	2	0	2
20 anos	2	3	5
21 anos	7	3	10
22 anos	1	1	2
23 anos	2	1	3
24 anos	1	2	3
Total	**19**	**23**	**42**

As estratégias de recrutamento de jovens para entrevistas foram:

- Por indicação das organizações que trabalham com jovens (32 entrevistas);
- Através da abordagem aleatória em sítios estratégicos de concentração de jovens, como por exemplo campos de desporto, jardins, terminais de autocarros (10 entrevistas);

Entre outubro e dezembro de 2021 foram realizadas um total de 42 entrevistas individuais com jovens provenientes de todas as zonas e bairros da freguesia. O segundo instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário elaborado no Qualtrics e aplicado durante os meses de novembro e dezembro de 2021. A amostra do estudo é não-probabilística.

A seleção da amostra foi realizada após a identificação das escolas e centros de formação existentes em Santa Clara e proximidades. A aplicação do questionário contou com a colaboração destas instituições, nomeadamente a Escola Básica Pintor Almada Negreiros, o GIP da Freguesia, o GIP-ALCC e das Escolas Profissionais Gustave Eiffel e a Escola Secundária do Lumiar Lindley Cintra, ambas na Freguesia do Lumiar, mas frequentadas por estudantes da freguesia de Santa Clara uma vez que não há escolas secundárias em Santa Clara. Os questionários foram aplicados aos estudantes identificados pelas instituições que se enquadravam nos requisitos do estudo. A aplicação do questionário foi realizada de duas formas: online por meio da distribuição do link e em formato impresso, em razão das limitações de acesso a computadores ou telemóveis do público-alvo da pesquisa. Foram respondidos 133 questionários. Destes, apenas 91 foram classificados para a análise no estudo[1]. A amostra válida representa 3,15% da população total.

Fase 4: Análise de Dados e Redação do Relatório

Após a conclusão das entrevistas e da aplicação do inquérito por questionário, foram produzidos resumos das entrevistas com as organizações, e as entrevistas individuais com jovens foram transcritas. Os resumos e as transcrições foram analisados com o MAXQDA2020. A análise dos dados das entrevistas individuais segue o método da teoria fundamentada (grounded theory), um método indutivo de investigação fundado por Anselm Strauss e Barney Glaser (1967) que visa formular uma nova teoria através da análise de entrevistas e observações.

A análise dos dados recolhidos seguiu os seguintes passos:

- Codificação das entrevistas e produção de lista de códigos no Maxqda 2020.
- Agrupamento de códigos em categorias e extração dos resultados por categoria no MAXQDA2020.
- Análise dos dados quantitativos do inquérito consoante os instrumentos da estatística descritiva e analítica do software Qualtrics.
- Triangulação da análise das entrevistas de jovens com os resultados do inquérito: Formulação de narrativa por parte dos jovens.
- Formulação de narrativa por parte das organizações.
- Comparação da narrativa dos jovens com a narrativa das organizações e formulação duma teoria sobre as perspetivas dos jovens.

Por fim, os resultados obtidos foram confrontados com as publicações e os estudos referidos na revisão de literatura e as respostas das perguntas científicas do estudo foram apresentadas.

1.4. Aspetos éticos

A confidencialidade das informações obtidas e a voluntariedade da participação no estudo são garantidas através da obtenção do consentimento informado antes das entrevistas individuais. Em caso de entrevistas e inquéritos com menores de idade, foi solicitada a autorização dos encarregados de educação (formulário no anexo 1).

1.5. Limitações do estudo

As limitações metodológicas do estudo, pela sua natureza qualitativa é baseada em histórias e impressões sem avaliação crítica objetiva. Quanto a natureza quantitativa dos questionários, não é possível aprofundar nas respostas. Os resultados dum estudo deste tipo não podem ser generalizados, mas tem o mérito de indicar causas e pensamentos profundos que aparecem repetidas vezes na recolha de informações dos métodos aplicados.

Limitações do estudo em relação ao processo de recolha de dados:

- Dificuldades de disponibilidade de jovens para a entrevistas;
- Constrangimentos de tempo de duração de entrevistas tornou as vezes impossível fazer todas as perguntas;
- Dificuldades na mobilização dos respondentes provenientes dos diferentes grupos sociais;
- Os questionários foram respondidos maioritariamente por 2 escolas e 2 GIP;

- Alguns respondentes tiveram dificuldades de compreensão e de expressão apesar da realização do pré-teste;
- Algumas respostas podem não corresponder a verdade;
- Nem toda a documentação oficial necessário poderá ser disponibilizada em tempo hábil.

PARTE I

2. A juventude de Lisboa e o desenvolvimento local na literatura

> *A juventude (…) "É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto pela interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nessa oportunidade que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social".*
>
> Juventude e Contemporaneidade, UNESCO 2007, pág. 79.

O conceito de juventude é uma categoria social complexa e por isto muito difícil de definir (Pappámikail, 2010: 395). Portanto, de forma a reconhecer a grande diversidade de culturas e modos juvenis, muitos sociólogos falam do conceito de juventude no plural, ou seja, juventudes (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007:241). A sociologia tem explorado as similaridades entre os jovens, as expectativas, aspirações e consumos culturais, mas também as diferenças existentes. Torna-se difícil definir a juventude do ponto de vista duma faixa etária e diante desta dificuldade, o presente estudo escolheu a faixa etária 15 a 24 anos para que fosse possível a comparação com os dados estatísticos existentes no país.

O interesse da sociologia na juventude enquanto categoria social desenvolveu-se com os movimentos sociais a partir dos anos 60 e 70 com o surgimento de novas práticas e estilos de vida, novos valores e atitudes distantes da cultura dominante (Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007:245). Em Portugal, grandes inquéritos quantitativos foram aplicados à juventude durante as décadas 80 e 90 e o objetivo era compreender melhor os comportamentos sociais e culturais dos jovens.

A perda de população jovem é uma realidade na cidade de Lisboa, como mostram os dados demográficos desde 1981. Os Censos de 2001 e 2011 apresentam uma perda de população na ordem de 2% e de 2011 a 2021 esta perda foi de 1.2% (INE, 2021). Esta ligeira perda de população em Lisboa entre 2001 e 2011 incide sobre os jovens de 15 a 24 anos com um decréscimo de 25% e sobre a população idosa com 65 anos ou mais, com um decréscimo em 1,62% (Rede Social Lisboa, II Diagnóstico Social, 2016).

Ao contrário dos Censos anteriores, em 2021 observou-se um ligeiro aumento do número de jovens em Lisboa. Em 2011 verificou-se o maior peso de jovens de 15 a 24 anos na população total nas freguesias da Coroa Noroeste da Cidade, com destaque para a freguesia de Santa Clara (12,3%). Este peso de 12.2% dos jovens manteve-se em 2021 em Santa Clara. As freguesias com maior aumento de jovens entre 2011 e 2021 foram: Parque das Nações, Belém, Alvalade e Areeiro (INE, 2021).

Risco de pobreza e medidas de alívio

Os dados de 2013 (Rede Social Lisboa, II Diagnóstico Social, 2016) e de 2018 (Diogo et al, 2021) mostram que o risco de pobreza afeta mais as mulheres, as crianças e os jovens menores de 18 anos e as famílias com crianças. Diogo et.al (2021) constatam uma natureza estrutural e

uma dimensão familiar da pobreza em Portugal, e acrescentam que a maior parte dos indivíduos herdaram a pobreza dos pais, que apresentam baixos rendimentos e pouca escolaridade.

No mesmo estudo, Diogo et al (2021) identificam quatro perfis principais de pessoas vivendo abaixo do limiar de pobreza: os reformados, os precários, os desempregados e os trabalhadores com pouca qualificação. No grupo dos precários encontra-se muitos jovens que dependem muito do apoio de seus familiares, enquanto os desempregados dependem mais dos apoios sociais do Estado e de outras instituições. Vários estudos (Vieira e Ferreira, 2018, Carcillo, 2015, Tavares, 2021) confirmam a relação entre o nível mais baixo de escolaridade dos jovens e a redução das oportunidades de emprego, o aumento do risco de desemprego e a inclusão dos jovens no que ficou denominado como jovens NEEF, que não estudam, não trabalham, nem estão em algum tipo de formação. Entre as políticas sociais de combate à pobreza destacam-se o Programa Comunitário de ajuda alimentar a carenciados (PCAAC, promovido pela UE), o Rendimento Social de Inserção (RSI) e o abono de família, crianças e jovens.

Em Lisboa, entre 2009 e 2015 o número de beneficiários do PCAAC aumentou em 350%. Em metade das freguesias o aumento dos beneficiários foi acima da média. No que se refere ao número dos beneficiários do RSI, os menores de 18 anos eram a maioria. A taxa de beneficiários era de 4% dos agregados familiares no Conselho de Lisboa. Na Freguesia de Santa Clara a taxa era de 11%, a mais alta de todas as freguesias em 2014 (II Diagnóstico Social, 2016: 254). No mesmo ano Santa Clara também tinha a taxa mais alta de beneficiários de Subsídio Social de Desemprego (18%).

As condições de vida da juventude em Lisboa são diferentes e podem ser observadas de maneira desagregada pelo local onde vivem, tendo em vista que características socioeconómicas das famílias e comunidades e a conjuntura estrutural onde estão inseridas influenciam as suas oportunidades, de acordo com o estudo de Vieira e Ferreira (2018). Por exemplo: em Portugal 90% dos NEEF vivem em agregados com um parente, e tendem a ter pais com baixo nível de escolaridade (Carcillo, 2015).

Das políticas internacionais da juventude a políticas do nível nacional e local

Em 1985 foi criada em Portugal o Conselho Nacional de Juventude (CNJ) com estatuto jurídico público (Lei 1/2006). O CNJ é uma plataforma de diversas associações juvenis culturais, ambientais, escutistas, partidárias, estudantis, sindicalistas e confessionais. Tanto as políticas da União Europeia como os objetivos de desenvolvimento sustentáveis (ODS) da ONU influenciam e orientam as políticas de juventude ao nível nacional e local. Numa avaliação voluntária da implementação da Agenda 2030 feita em Portugal em 2017, foram escolhidas os ODS 4 (Educação de Qualidade), 5 (Igualdade de Género), 9 (Inovação e Infraestruturas), 10 (Reduzir as Desigualdades) e 11 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) como prioritários para todo o país.

Enquanto as organizações juvenis enfatizaram a necessidade da participação de jovens na governança, como consta na Declaração de Braga de 2012 (FNAJ, 2012), este princípio só foi integrado ao Plano Nacional para a Juventude em 2018.

Com o aumento do desemprego juvenil, da precariedade e das dificuldades de integração de jovens “nem-nem" no mercado do trabalho no período da crise económica e financeira de 2008 a 2013, surgiu o Plano Estratégico de Iniciativas de Promoção de Empregabilidade Jovem e

Apoio às Pequenas e Médias Empresas e foi lançada a Garantia para Juventude que dirige-se particularmente aos jovens "nem-nem" até os 29 anos de idade. Em 2016, em Portugal, cerca de 30% dos jovens com menos de 25 anos foram abrangidos pelas medidas do governo na área do emprego (Ferreira & Vieira, 2018:7).

Ao nível dos municípios somente 12% dos municípios, principalmente na Área Metropolitana de Lisboa, tem "uma unidade orgânica exclusivamente dedicada à intervenção na área da juventude (Vieira & Ferreira, 2019). Sendo que 60,6% destas referidas unidades partilham essa intervenção com outras áreas de atuação", como por exemplo a educação, desporto e ação social (Vieira & Ferreira, 2019:41).

Na maioria dos municípios os orçamentos dedicados à juventude correspondem a menos de 1% do orçamento total municipal (Vieira & Ferreira, 2019:62) e 91% dos municípios respondentes ao estudo não possuem um plano estratégico para a juventude (Vieira & Ferreira, 2019:70) nem uma participação inclusiva dos jovens (Vieira & Ferreira, 2019:74). Os municípios disponibilizam infraestruturas e serviços (não somente aos jovens) tais como equipamentos desportivos, transporte escolar, manuais escolares e bolsas de estudo, gabinetes de apoio ao empreendedorismo e serviços de saúde reprodutiva (Vieira & Ferreira, 2019:83, 84).

2.1. As políticas de desenvolvimento territorial, social e económico de Lisboa

Em Lisboa, as grandes linhas de desenvolvimento da cidade presentes no Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa foram propostas por Etienne de Groer em 1948 (CML, 2021). Até hoje a estrutura do espaço urbano reflete este plano que é uma mistura da estruturação setorial ao longo de vias e de zonas concêntricas populacionais do centro para a periferia. Acerca do recente desenvolvimento territorial de Lisboa destacam-se dois tipos de documentos orientadores:

- Os Planos Estratégicos de Desenvolvimento Urbano do Município que estabelecem os objetivos e as linhas orientadoras da atuação municipal incluindo o ordenamento e o desenvolvimento da cidade (CML, 2021). No Plano Estratégico de Lisboa (PEL) de 1992 a atual área onde encontra-se a Freguesia de Santa Clara foi considerada parte da "Coroa de Inovação" da área metropolitana. Devido a não monitorização do PEL, as assimetrias como a dicotomia Centro-Periferia não foram ultrapassadas (Correia, 2013:19). O plano estratégico atual, o PEDU 2014-2020, define três grandes objetivos para Lisboa: Mais Pessoas (reverter a queda demográfica), Mais Emprego e Melhor Cidade em termos da qualidade de vida urbana e intervenção nos bairros e zonas da intervenção prioritária (BIPZIP).
- Os Planos Diretores Municipais (PDMs) são um instrumento de planeamento territorial que classifica o solo e as regras aplicáveis à ocupação e uso. O PDM de 1994 introduziu pela primeira vez políticas de reabilitação urbana e proteção do ambiente e do património cultural, com destaque para o centro histórico da cidade (CML, 2021). No PDM de 2012 (em vigor, retificado em 2020) a reabilitação urbana tem prioridade, introduzindo um sistema de créditos e bonificação. O Plano Diretor Municipal de 2012 contempla seis áreas da reabilitação urbana, entre os quais se incluem a Freguesia de Santa Clara (ARU, 2018:14).

Devido a expansão da cidade e as necessidades de habitações, foram planificadas pela CML novos núcleos urbanos denominados de "novas centralidades" (de Reis Santos, 2018:41). A Alta de Lisboa que abrange o território de Santa Clara e do Lumiar pode ser considerada um exemplo de um novo núcleo de crescimento, uma "cidade dentro de uma cidade consolidada" (Correia, 2013:2 e SGAL, 2005:10,9). Uma urbanização de raiz com prédios modernos, espaços verdes, equipamentos coletivos, comércio de pequena escala e fácil acessibilidade. Uma parte das habitações foram enquadradas no Programa Especial de Realojamento (PER) para onde foram realojadas as populações de bairros de construções precárias.

O Plano de Urbanização da Alta de Lisboa (PUAL) previa a Alta de Lisboa como uma nova centralidade na capital do país (SGAL, 2005:41). Segundo Mendes & Morgado (2009:3) as centralidades caracterizam-se com base em três indicadores: densidade populacional (relação entre construções e população), conectividade (sistemas de transporte) e diversidade das funções. Uma centralidade é um centro urbano que oferece bens e serviços a uma população exterior e tem o poder de atração e difusão, resultado da sua eficácia e acessibilidade (Choay, 1972).

Quando a densidade coincide com a diversidade das funções e onde a conetividade é forte pode-se caracterizar como uma centralidade (Mendes & Morgado, 2008:6). A conectividade da Alta de Lisboa com a área urbana consolidada, é garantida pela estrutura viária e pela rede de transportes (Correia, 2013:90). Correia (2013: 100) considera a criação da Alta de Lisboa como nova centralidade um sucesso, pois alcançou-se os objetivos de contornar a degradação e criar empreendimentos de alta qualidade arquitetónica o que foi possível por causa da aplicação de instrumentos eficazes de gestão do território. Em um outro ponto de vista, Choay (1976) acredita que a Alta de Lisboa não cumpre os critérios duma centralidade devido a baixa diversidade de funções e serviços e poder de atração, mas pode ser considerada um núcleo de crescimento consoante o modelo de Harris e Ullmann (1945).

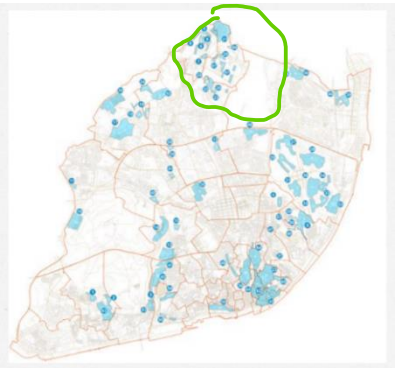
O Programa Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP/ZIP)

Após o mapeamento das desigualdades (Correia & da Silva, 1987:19), foi introduzida em 2010 pela CML a Estratégia de Desenvolvimento Local em territórios de intervenção prioritária (BIP/ZIP) nas zonas de expansão da cidade. A gestão é de responsabilidade da CML e as juntas de freguesia dão o parecer a cerca das candidaturas das associações promotoras de projetos anuais.

O BIP/ZIP representa uma mudança paradigmática para o envolvimento de todos os atores da comunidade nas intervenções, tornando-as mais complexas e integradas. De acordo com o mapeamento do BIP/ZIP, existem 67 territórios que precisam de um esforço para a melhoria da qualidade de vida. O programa, através de pequenos projetos, tem o objetivo de suprir as diversas necessidades das comunidades locais. Entre estes territórios encontra-se a zona territorial de Santa Clara (Câmara Municipal de Lisboa, 2021)[1].

[1] Informação retirada do Portal BIP/ZIP. Disponível em: < https://bipzip.lisboa.pt/conhece-os-bipzip/dez-pontos-bipzip/index.htm>

Mapa 1: Territórios de intervenção prioritária de Lisboa



Fonte: DMHL. 2017, p.3.

2.2. Desenvolvimento local

O desenvolvimento local é intimamente ligado ao processo da descentralização. Com a reforma administrativa do Município de Lisboa de 2012, as Juntas de Freguesia adquiram atribuições que antes eram da responsabilidade da CML, em quatro novas áreas temáticas: manutenção e limpeza do espaço público, gestão e manutenção de equipamentos, licenciamento de proximidade e habitação e intervenção comunitária (Medeiros, 2019). Porém muitas áreas de operacionalização de planos ao nível local, por exemplo as operações de reabilitação previstas no ARU de Santa Clara, cabem a CML em estreita articulação com a Junta da Freguesia (ARU, 2012: 7).

As estratégias do desenvolvimento local incluem o empoderamento da população, processos participativos da governação local, a provisão de serviços numa vertente multissectorial e o crescimento do setor privado (Helling, Serrano & Warren 2005:6). Novas formas de participação na tomada de decisões foram adotadas, como por exemplo o orçamento participativo municipal, um exercício de cidadania ativa e informada na decisão sobre o orçamento municipal. Em Portugal, municípios como o de Palmela foram pioneiros na introdução deste mecanismo de democracia participativa. (Ferrão & Delicado, 2017:51). Em Lisboa também se iniciou o processo ao nível do conselho e existem freguesias que também já adotam estas medidas, mas não há dados sobre este processo a nível municipal.

Entre as políticas públicas adotadas para incentivar a participação dos jovens no desenvolvimento local através de pequenas e medias empresas de jovens (Ferrão & Delicado, 2017:48) destaca-se a promoção de associações juvenis. No entanto, observa-se diferenças na densidade de associações juvenis pelo país. Em Lisboa a densidade de associações juvenis por população jovem é a metade de Bragança e Vila Real (Ferrão & Delicado, 2017:49).

2.3. Impacto socioecónomico da Covid-19 nos jovens

Embora a pandemia da Covid-19 ainda seja um fenómeno recente, já existem evidências do seu impacto psicológico, social, económico e político em estudos internacionais e nacionais.

Entre os estudos do impacto da Covid-19 realizados em Portugal, destaca-se o estudo qualitativo de Branquinho (2020) sobre os jovens de 16 a 24 anos, que identificou o impacto da Covid-19 seguindo o modelo biopsicossocial de Engels (1977). Os participantes sublinharam

como negativo a perda de contacto com outros jovens. Quanto ao impacto na vida diária, relataram alterações no sono, na alimentação, na frequência dos exercícios físicos e a redução da produtividade. Entre os exemplos do impacto negativo na saúde constam dores de cabeça e musculares devido a falta de exercício físico, depressão, ansiedade e solidão.

O estudo de Gama et al (2021:5) traz evidências das desigualdades do risco de exposição ao vírus e da perda de rendimento dos diferentes grupos socioeconómicos em Portugal durante o primeiro confinamento. A pandemia parece ter um efeito duplo em grupos socioeconomicamente vulneráveis no sentido de aumentar as carências económicas e os problemas da saúde mental (Gama, 2021:7). Em relação ao impacto da pandemia no emprego, o recente estudo de Tavares et al (2021) constata que as medidas de apoio ao emprego durante o primeiro confinamento em 2020 em Portugal não produziu efeitos suficientes e causou "desempregados imediatos" particularmente entre os trabalhadores vulneráveis como por exemplo os trabalhadores informais, independentes e com vínculos contratuais fragéis. O desemprego afetou mais os homens, jovens com menos de 35 anos e com habilitações literárias do 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário.

3. A Freguesia de Santa Clara

3.1. O Desenvolvimento Territorial da Freguesia de Santa Clara

O território de Santa Clara passou por várias fases de ocupação ao longo do tempo. Até finais do século XIX, era uma zona ocupada por quintas de famílias nobres até o seu declínio, quando estes espaços começam a ser ocupados por famílias com poucos recursos, altura em que surgiram dois núcleos habitacionais, a parte histórica da Ameixoeira e a Charneca à volta do Campo das Amoreiras (Santo, 2013, dos Reis Santos, 2018:40). Nos finais do século XXI tem início um processo de expansão da cidade para o norte com uma divisão social entre os bairros da burguesia, os bairros dos operários e os bairros dos mais carentes (dos Reis Santos, 2018:39).

A Ameixoeira e a Charneca eram aldeias situadas fora de Lisboa sem linhas de transporte e assim continuaram, como áreas de difícil acesso mesmo após a construção do Aeroporto Internacional e da Segunda Circular nos anos 50 e 60 (Brito, 1976:58 e Antunes, 2015:151). A partir dos anos 50, o crescimento populacional na área acelerou devido ao êxodo rural e o aumento da imigração proveniente dos PALOP. Estes processos contribuíram para o aumento das habitações precárias (bairros de barracas) na Quinta Grande, Quinta do Louro, Quinta da Pailepa, Galinheiras e áreas urbanas de génese ilegal (AUGI) como o Bairro Sete Céus (dos Reis Santos, 2018:39 e Antunes, 2015:151, 164). Já nos anos 60, uma parte da Ameixoeira, na fronteira com o Lumiar foi abrangida pelos primeiros planos de urbanização, através da construção de prédios - reservando 10% dos apartamentos para famílias com poucos recursos. Entretanto, os bairros informais não foram contemplados nestes planos (Antunes, 2015: 178). Os bairros informais consolidaram-se entre os anos 60 e 90. Viviam na parte do Alto do Lumiar nesta altura cerca de 10.000 habitantes, privados de serviços fundamentais como eletricidade, água, transporte e segurança. Os autores Antunes (2015: 165,166) e Socyka et al (1991:3-4) referem-se a forte identidade social e a organização interna dos moradores destas zonas que resultou na instalação dos serviços básicos.

A partir de 1993 as áreas baldias da parte da Ameixoeira e da Alta do Lumiar são contempladas com a construção de habitações no âmbito do Programa Especial de Realojamento (PER) que permitiu acesso a habitação às famílias menos favorecidas e teve como objetivo a erradicação das barracas (CML, PIMP e PER, 2013:7). No âmbito do PER foram construídas habitações municipais em várias zonas da atual Freguesia de Santa Clara. Nas duas décadas de 1991 a 2011 foram construídas 30% dos edifícios em Santa Clara e regista-se um crescimento de 50% no número de famílias nos bairros periféricos (Vale, 2018:133, INE Censo 2001, Gebalis, 2020 e Antunes, 2015:184,185).

Desde a entrada em vigor da Lei n.º 56/2012, de 8 de novembro, o Concelho de Lisboa está dividido em 24 freguesias para efeitos administrativos e em cinco Zonas de gestão ou Unidades de Intervenção Territorial (UIT). Anteriormente, a cidade dividia-se em 53 freguesias. A reforma administrativa fez surgir a nova Freguesia de Santa Clara na Coroa Norte de Lisboa, composta pelas antigas freguesias da Ameixoeira no Oeste e da Charneca no Este.

Após a aprovação, em 1998, do PUAL surge uma área de renovação e expansão urbana denominada "Alta de Lisboa" (Correia, 2013:2), que inclui a Freguesia de Santa Clara, para onde foram realojadas comunidades inteiras. Planificadas para acolher inicialmente 65.000 habitantes, atualmente são 23.701 habitantes, 45% deles a viver nos PER (Antunes, 2015:217). Dos 19.500 fogos planificados, 3.227 são PER e 15.473 venda-livre. Até 2008 foram concretizadas 95% dos fogos dos PER e 41% dos fogos de venda-livre (CML, 2009 e CML, 2013, Correia, 2013:81).

Vários autores, em suas avaliações, apontam sobre aspetos positivos do "projeto" da Alta de Lisboa, como por exemplo da satisfação dos moradores com as novas condições habitacionais, transporte e infraestruturas sociais e a oportunidade de construção de um "Mix Social" de diferentes classes sociais (Correia, 2013:96,97 e Antunes, 2015:252), porém identificam algumas dificuldades e problemas, tais como as dificuldades de convivência, a manutenção da diferenciação social e cultural entre os moradores, a continuação dos velhos problemas de toxicodependência, alcoolismo, baixa escolaridade, desemprego, a degradação dos espaços públicos (Anuntes, 2015, Correia, 2013) e baixo nível de concretização de equipamentos coletivos de serviços e de abastecimento (CML, 2009).

A Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Santa Clara – Ameixoeira e Galinheiras

O território da Santa Clara faz parte da Unidade Operativa de Planeamento e Gestão 1 (UOPG1) – Coroa Norte[2]. Uma grande parte do território da Freguesia de Santa Clara está delimitada como Área de Reabilitação Urbana (ARU), onde estão a ser realizados programas de reabilitação urbana, requalificação de edifícios e espaços públicos. O programa da reabilitação pretende melhorar a coesão territorial e social e estabelecer a continuidade entre a Alta de Lisboa e as regiões da Charneca e das Galinheiras (ARU, 2018:14).

A Área de Reabilitação Urbana de Santa Clara abrange a parte oeste da atual freguesia, tais como o antigo Núcleo Histórico da Ameixoeira, as antigas quintas e zonas adjacentes, os bairros municipais e os quatro núcleos delimitados como áreas urbanas de génese ilegal (AUGI) das Galinheiras, do Bairro de Grafanil, da Quinta da Torrinha, da Quinta da Mourisca entre outras pequenas parcelas (ARU, 2018:13).

> "*Das áreas polarizadas pelo Jardim de Santa Clara, servidas pelo Metropolitano, ao bairro quase inacessível das Galinheiras, passando pelas AUGI e os conjuntos de realojamento edificados na transição do milénio, o território é geograficamente heterogéneo, desestruturado, fragmentado, de difícil acessibilidade e extremado do ponto de vista sociológico*." (ARU, 2018:5).

Está planificado para ser concluído até 2030 um novo eixo viário, a construção de equipamentos de capacitação da população em particular dos jovens, a urbanização de novas áreas para atrair novos residentes, estruturas verdes e a reabilitação do edificado (ARU, 2018:6). As operações de reabilitação previstas no ARU de Santa Clara cabem a CML em estreita

[2] UOPG (Unidade Operativa de Planeamento e Gestão): é a unidade operativa de planeamento e gestão da porção contínua de território, delimitada em plano diretor municipal ou plano de urbanização para efeitos de programação da execução do plano ou a realização de operações urbanísticas. As UOPGs de Lisboa são definidas no PDM.

articulação com a Junta da Freguesia (ARU, 2018: 7). A participação da comunidade é prevista através das Comissões de Gestão Conjunta de AUGI, dos BIPZIPs e do Orçamento Participativo.

O Plano e Orçamento da Junta da Freguesia de Santa Clara de 2019 refere-se pugnar pela requalificação urbanística da freguesia, nomeadamente dos Centros Históricos e de todas as zonas das AUGIs do ARU de Santa Clara e elaborar o Plano de Pormenor da AUGI das Galinheiras (Junta da Freguesia de Santa Clara, 2018:27). O plano menciona como iniciativas a melhoria da higiene pública, a requalificação do Vale da Ameixoeira, a conservação de passeios, pavimentos rodoviários, sinalização e iluminação pública. Prevê junto da CML a construção de uma ligação viária entre o Metro da Ameixoeira e a Avenida Glicínia Quartin e a construção do segundo troço do Eixo Central (Junta da Freguesia de Santa Clara, 2019:22-25). Em relação à juventude está prevista a construção de um Pavilhão Gimnodesportivo junto à Piscina Municipal, a reabilitação do Polidesportivo do Chão do Loureiro (ambos junto da CML), a dinamização das Olimpíadas, a promoção de clubes desportivos e de organizações juvenis, de espetáculos culturais e recreativos e a colaboração (Junta da Freguesia, 2018:17), mas não se referem ao desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens.

As AUGIs

O Plano Diretor Municipal de 2012 previa intervenções nas áreas urbanas de génese ilegal em Santa Clara (AUGIs) no sentido da sua reconversão urbanística, com ordenamento do espaço adequado e requalificação. A reestruturação e a reabilitação urbana significa a substituição parcial ou total de imobiliário e o estabelecimento de novos elementos estruturantes como eixos viários, equipamentos e espaços verdes. A legalização obriga o proprietário a regularizar as taxas em dívida com a CML. Para incentivar a legalização estabeleceu-se a redução das taxas urbanísticas correspondentes. Em Santa Clara encontram-se atualmente em fase de legalização as AUGIs do Alto do Chapeleiro, Bairro dos Sete Céus, partes das Galinheiras, Quinta da Mourisca, Quinta da Torrinha e Quinta do Grafanil (CML, Planeamento Urbano, 2021 e ARU, 2018:13). (Mapa das AUGIs no Anexo 8).

3.2. O programa BIP/ZIP 2014-2021

No território da Freguesia de Santa Clara estão contempladas várias zonas e bairros no âmbito da introdução da Estratégia de Desenvolvimento Local em territórios de intervenção prioritária (BIP/ZIP) da CML de 2010. Os projetos são implementados por parceiros locais, isto é, por associações e instituições locais nas áreas temáticas de reabilitação do espaço público, inclusão e prevenção, melhoria de condições de vida no local, empreendedorismo e habilidades e promoção da cidadania (DMHDL, 2017:5). Para além de ter um impacto real na vida das pessoas na promoção da coesão socio-territorial e da cidadania, o objetivo do programa é reconciliar a visão dos decisores com a visão da comunidade.

Nas onze edições anuais do BIP/ZIP de 2011 a 2021 foram recebidas um total de 1.195 candidaturas das quais 422 foram aprovadas. No território de Santa Clara foram implementados 29 projetos BIP/ZIP, entre eles projetos de empreendedorismo, educacionais, artísticos e culturais, alimentares, ambientais, gestão da vida familiar, cantina comunitária - promovidos por associações locais e centros paroquiais - a trabalhar em parceria entre eles e em parceira com a Junta de Freguesia. Dos 29 projetos, 17 destes envolveram indiretamente os jovens de 15 a 24 anos (BIP/ZIP, 2021, vide a tabela no anexo 9).

3.3. O programa Bairros Saudáveis

Em resposta à pandemia, o governo nacional desenvolveu o programa Bairros Saudáveis que está a financiar 246 projetos, com duração máxima de um ano, com entidades privadas e públicas que somam 10 milhões de Euros. Dos 246 projetos aprovados, 96 projetos são localizados na região de Lisboa e do Vale do Tejo e 5 beneficiam associações promotoras na Freguesia de Santa Clara. No entanto, não foram identificados projetos direcionados especificamente para jovens, apesar de estarem de alguma forma inseridos como grupo de beneficiários destes projetos. Os projetos Bairros Saudáveis em Santa Clara são:

a. JRS: "Fica bem entre linhas". Apoio a imigrantes através da criação de grupos de entreajuda para a criação de redes solidárias de vizinhança, cujo objetivo é ultrapassar o isolamento, promover competência de prevenção e alimentação e ter acesso a cuidados de saúde;
b. CLIP RD: "Alternativamente". Promoção de soluções da economia local na Alta de Lisboa;
c. Associação de Moradores das Galinheiras: "COMVIV-20 - Comunidade Viva!" Promoção da coesão social, intergeracional, intercultural e reforço da economia local no Bairro das Galinheiras, Ameixoeira PER e Quinta da Torrinha;
d. PROSAUDESC: "AlimentarMente". Formação e sensibilização sobre saúde, apoio alimentar e prestação de cuidados de saúde na Alta de Lisboa, Bairro Sete Céus e PER 11;
e. Culturface: "MIXOEIRA_Inova: Vizinhança Saudável e Solidária". Promoção de redes de organizações, de saúde, ações de higiene urbana e emprego local em Santa Clara e Odivelas;

3.4. Demografia em Santa Clara

O aumento da população no território de Santa Clara entre 2001 e 2021 indica que Santa Clara é uma zona em expansão urbana. Entre 2001 e 2011 a população cresceu 11.5%, de 2011 a 2021 cresceu 5.2%, ao contrário do que acontece no Conselho de Lisboa, que continua a perder população. Na faixa etária de jovens entre 15 e 24 anos houve um decréscimo entre 2001 e 2011, mas na última decada observou-se um crescimento de 4.5%. O envelhecimento da população na freguesia segue uma tendência de aumento, e hoje é mais significativa que o crescimento de crianças e jovens com menos de 25 anos.

O número dos agregados familiares cresceu 6.1%, enquanto a disponibilidade de alojamento na freguesia diminuiu 0.2% (INE, 2021).

Tabela 2: Dados populacionais dos censos 2001, 2011 e 2021

Santa Clara	Faixas etárias				
Censo	0-14	15-24	25-64	65 +	Total
2001	3548	3344	10701	2560	20153
2011	4142	2761	12353	3224	22480
2021	4464	2884	12427	3875	23650

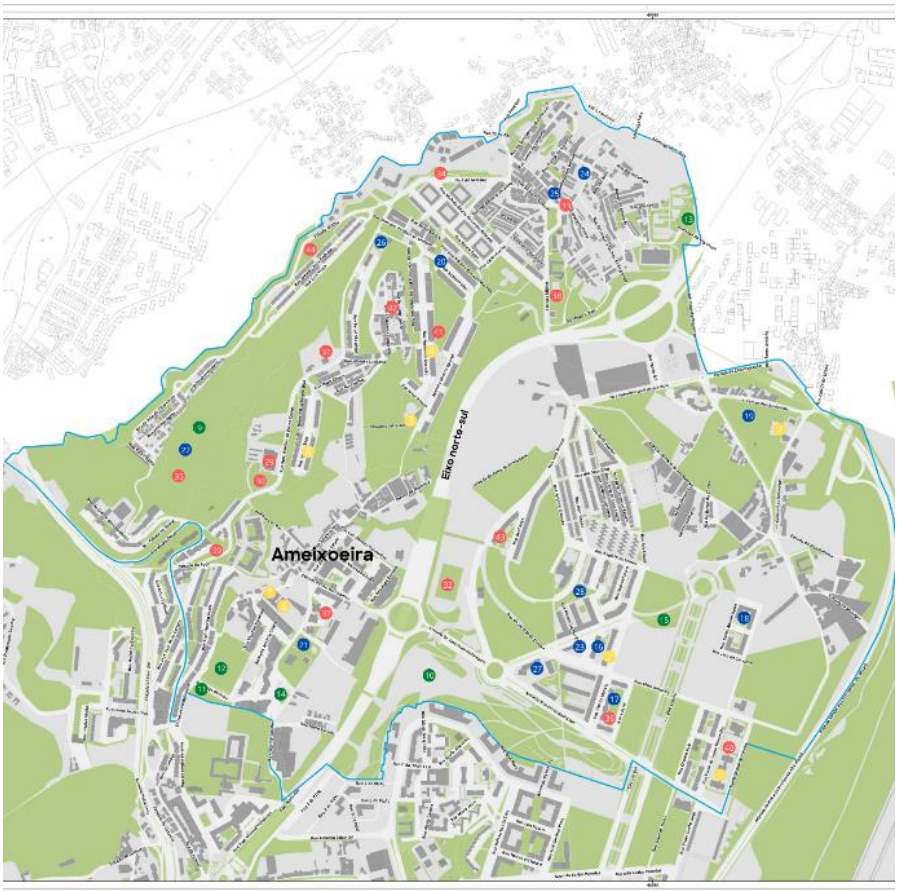
Fonte: INE Censo 2001, Censo 2011 e dados preliminares do Censo 2021.

3.5. Infraestruturas sociais

A distribuição das infraestruturas sociais no território de Santa Clara, como mostra o mapa abaixo é desigual, existe uma certa concentração de infraestruturas na zona da Ameixoeira, enquanto a parte a este do Eixo Norte-Sul tem proporcionalmente poucas infraestruturas para jovens.

O seguinte mapa diferencia os serviços da Freguesia e da SCML destinados para a camada jovem, as infraestruturas educacionais e de lazer. Como se pode notar o número de serviços e de infraestruturas educacionais para jovens de 15 a 24 anos na freguesia é muito limitado.

Mapa 2: Serviços e infraestruturas para jovens na Freguesia de Santa Clara



Legenda

Serviços da Freguesia e da SCML

1 Sede da Junta da Freguesia com parque em frente
2 Serviços Sociais I: Biblioteca, Centro de Estudos, Psicólogo
3 Serviços Sociais II, Centro Cultural Ameixoeira
4 Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira

Infraestruturas de ensino e formação profissional

5 Escola Básica Pintor Almada Negreiros
6 Academia da Música de Santa Cecília
7 Gabinete de Inserção Profissional: Campo Amoreiras
8 Gabinete de Inserção Profissional: ALCC

Infraestruturas de lazer

9 Vale da Ameixoeira
10 Parque Oeste
11 Parque Urbano da Rua Jorge de Sena
12 Jardim da Quinta da Santa Clara
13 Parque Urbano do Reguengo
14 Parque na Estação do Metro
15 Parque no Eixo Central (em construção)

Parques infantis	**Infraestruturas desportivas**
16 Rua Reis Pinto/Tito Morais	29 Piscina Municipal
17 Rua Luis de Sá	30 Campos de Basquete
18 Rua Carlos Aboim Inglês	31 Skatepark
19 Campo das Amoreiras	32 Campo de Atletismo Moniz
20 Rua António Vilar	33 Centro de Atletismo
21 Jardim da infância da Ameixoeira	34 Manutenção física
22 Vale da Ameixoeira	35 Manutenção física
23 Centro de Proteção Social da SCML	36 Campo R Luis de Sá
24 Rampa do Mercado das Galinheiras	37 Polid.Torres Edifer
25 Largo das Galinheiras	38 Polid. Galinheiras
26 Rua Grafanil/Centro Pedro Arrupe	39 Polid. Cc. de Poço
27 Maria da Luz Ponces de Carvalho	40 Polid. PER 10
28 Maria de Lurdes da Pontessilga	41 Av.Glicínia Quartim
42 Polidesportivo da Torrinha	43 Polid. R Raul Rego
44 Polidesportivo Alto do Chapeleiro	

Fonte: Elaboração própria - mapa de infraestruturas na Freguesia de Santa Clara – nov. 2021.

3.6. Educação em Santa Clara

O Sistema Educativo em Portugal, de acordo com o Ministério da Educação, está dividido em Educação Pré-Escolar, Ensino Básico (1º, 2º e 3º ciclos), Ensino Secundário, Ensino pós-Secundário não superior e Ensino Superior, sendo o ensino básico e secundário[3] obrigatórios. Existe ainda a possibilidade de cursos que garantem a dupla certificação escolar e profissional.

De acordo com os dados do Censo de 2011, a Freguesia de Santa Clara apresentava a taxa mais alta de pessoas sem grau de ensino completo (23%) e a segunda maior taxa de analfabetismo de Lisboa (5,5%). No Conselho de Lisboa, a taxa de abandono escolar era de 1,9%, em Santa Clara a taxa era de 3,45%. No Concelho de Lisboa 93,9% da população de 6 a 19 anos

[3] Após a promulgação da Lei 85/2009 de 27 de agosto.

frequentam o sistema de ensino, na Freguesia de Santa Clara a taxa de frequência era de 89,1%, a mais baixa de Lisboa (Censo 2011).

Nos resultados provisórios do Censo 2021 do INE já é possível ter acesso a alguns dados preliminares sobre o nível de ensino na Freguesia de Santa Clara. O número de residentes sem nenhuma educação formal reduziu em 16% nos últimos 10 anos. As maiores diferenças estão na percentagem de pessoas com ensino secundário que aumentou 35% e com ensino superior aumentou 24,11% relativamente a 2011. O único indicador que sofreu redução foi o de pessoas com o segundo ciclo que reduziu em 7% de 2011 para 2021.

Tabela 3: População residente em Santa Clara por nível de ensino 2011 e 2021

Nível de Educação da população	2011	2021
Nenhum	5167	4336
1º ciclo	5079	4578
2º ciclo	2775	2562
3º ciclo	3243	3316
Secundário	2777	4300
Superior	3459	4558
Total	**22500**	**23650**

Fonte: INE, 2021

Relativamente as Instituições de ensino público, em Santa Clara existem 7 escolas para crianças e jovens de diferentes idades:
EB1 - Galinheiras (Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância)
EB1 – Maria da Luz de Deus Ramos (Escola Básica de 1º ciclo)
EB2 – Escola Pintor Almada Negreiros (Escola Básica de 1º, 2º e 3º ciclos com Jardim de Infância)[4]
EB1 – Alta de Lisboa (Escola Básica de 1º ciclo com Jardim de Infância)
EB1 – Eurico Gonçalves (Escola Básica de 1º ciclo)
Externato Mimá (Escola Básica de 1º Ciclo com Jardim de Infância)
Academia de Música de Santa Cecília

Nos limites do território da freguesia não existem escolas de ensino secundário. As escolas mais próximas são: o Agrupamento de Escolas Professor Lindley Cintra e a Escola Profissional Gustave Eiffel, ambas na freguesia do Lumiar, para onde os estudantes de Santa Clara são direcionados na maioria das vezes em função da proximidade.

A Escola Profissional Gustave Eiffel oferece cursos de formação, equivalentes ao 9º ano para jovens de 15 a 18 anos e cursos profissionais, equivalentes ao 12º ano para jovens até 19 anos. Em 2021 estavam inscritos nesta escola profissional 640 alunos, 33 provenientes da Santa Clara. Outros 17 alunos de Santa Clara frequentaram cursos em outras sedes da escola

[4] Em razão do corte etário do estudo, a única escola com alunos com idades entre 15 e 24 anos na Freguesia de Santa Clara é o Agrupamento de Escolas Pintor Almada Negreiro. O agrupamento está inserido no programa Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), implementada em territórios marcados pela pobreza e a exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar são mais evidentes.

profissional em Lisboa[5]. O Agrupamento de Escolas Lindley Cintra é formada por um conjunto de escolas que oferecem do Jardim de Infância até ao Ensino Secundário[6].

Os Gabinetes de Inserção Profissional (GIP)

Em um estudo sobre Portugal, Vieira e Ferreira (2018) constatam que o nível mais baixo de escolaridade entre os jovens reduz as oportunidades de emprego e aumenta o risco de desemprego. Com o objetivo de garantir melhores acessos, apoio e melhor formação a população jovem e adulta, foram criados os Gabinetes de Inserção Profissional (GIP) através da Portaria n.º 127/2009, de 30 de janeiro, alterada pela Portaria n.º 298/2010, de 1 de junho[7]. No território da Freguesia de Santa Clara os GIP estão sob a supervisão do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), que dispõem de uma rede de gabinetes promovidos por entidades públicas e privadas sem fins lucrativos credenciadas e apoiam a entrada ou a reinserção dos desempregados no mercado de trabalho. Segundo o relatório do CEDEFOP de 2021, o IEFP implementa um modelo de intervenção no âmbito da orientação para desempregados que compreende dois elementos principais: o sistema de definição de perfis e o plano pessoal de emprego (PPE).

Em Santa Clara existem três Gabinetes de Inserção Profissional, o GIP – ALCC, o GIP Santa Clara e o GIP na sede da UGT (União Geral dos Trabalhadores) que foi encerrado no início de 2020 em razão da pandemia da Covid-19. O GIP-ALCC está localizado na sede da Associação Lusofonia Cultura e Cidadania (ALCC), e conta com a parceria do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) e do Alto Comissariado Para as Migrações (ACM). O GIP- ALCC tem uma estrutura de apoio ao emprego que ajuda jovens e adultos na definição do percurso de inserção ou reinserção no mercado de trabalho com foco nos imigrantes, e oferece gratuitamente outros serviços[8].

O GIP Santa Clara, localizado nas instalações do Centro de Formação do IEFP em parceria com a Junta de Freguesia de Santa Clara no Campo das Amoreiras oferece os cursos profissionais de costura, jardinagem e logística que conferem dupla certificação. Realiza também o Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC) que identifica as competências técnicas adquiridas pela experiência profissional e confere uma habilitação escolar ou uma certificação profissional. O GIP Santa Clara ainda desempenha todas as outras atividades de apoio a jovens e adultos desempregados ou no percurso de inserção no mercado de trabalho. Em 2021 estavam inscritos 515 alunos de todas as faixas etárias, sendo 84 jovens de 18 a 24 anos residentes em Santa Clara[9].

A taxa dos jovens denominados como "nem-nem" ou NEET (Not in Education, Employment or Training) em inglês, ou seja, nem estão a estudar, nem estão a trabalhar, nem estão em formação vocacional, entre os jovens de 20 a 30 anos era de 18,21% no Concelho de Lisboa (Censo, 2011). A Freguesia de Santa Clara tem a taxa mais alta de jovens "nem-nem" com 27,26%, seguida por Marvila, Beato, Ajuda, Campolide, Santa Maria Maior, Olivais (Censo 2011).

[5] Informação fornecida pela Direção da Escola Profissional Eiffel.
[6] No Anexo 6 encontra-se a tabela com os cursos profissionalizantes oferecidos pelas Escolas Secundárias.
[7] GIP – Regulamento específico, Julho 2015.
[8] Dados disponibilizados pelo GIP-ALCC.
[9] Dados disponibilizados pelo GIP Santa Clara.

Os Dados de 2016 para Portugal mostram que 17,2% de jovens de 20 a 24 anos com escolaridade básica são categorizados como "nem-nem". A taxa é mais baixa entre jovens com ensino secundário e ensino básico, 12,7% e 12,9% de jovens de 15 a 29 anos e entre os jovens com ensino superior 8,8% de jovens de 15 a 29 anos (Ferreira, Pappámikail e Vieira, 2017:6).

3.7. Emprego em Santa Clara

O problema do desemprego jovem, onde se enquadra também a categoria dos jovens "nem-nem", tornou-se um desafio económico estrutural: o mercado de trabalho nacional e global não consegue gerar oportunidades para integrar estes jovens, uma tendência dominante desde a crise económico-financeira de 2008 (Balan, 2015; Carcillo, 2015). Os jovens em Portugal são particularmente vulneráveis às condições conjunturais do mercado de trabalho que pauta pela precariedade contratual e salarial (Chevalier, 2015). A taxa de desemprego de estrangeiros é ainda superior à dos desempregados portugueses e contribui para a alta taxa de desemprego nos bairros com maior concentração de estrangeiros, como nas freguesias da periferia e do centro histórico (II Diagnóstico Social, 2016:272). De 2008 a 2014, a distribuição geográfica do desemprego na Cidade de Lisboa era desigual e foi mais elevado nas freguesias: Marvila, Olivais, Arroios, Benfica, Lumiar, Santa Clara e Penha da França.

De acordo com um estudo mais recente de Tavares et. al (2021), os números do desemprego registado são inéditos, mesmo por comparação com outros momentos anteriores de crise económica e social e apesar de todos os grupos terem contribuído para o aumento no número de registos de desempregos, os homens, jovens (com menos de 34 anos) e com baixa escolaridade foram os mais atingidos a nível nacional.

Os dados mais atualizados divulgados pelo IEFP apontam que o número de desempregados registados no conselho de Lisboa aumentou de 2019 para 2020 em 32%. Um aumento menos expressivo de 4% foi observado de 2020 para 2021.

Entretanto, ao analisarmos o número de desempregados registados no Conselho de Lisboa entre os jovens com idade inferior a 25 anos, observa-se que o número mais que dobrou entre dezembro de 2019 e dezembro de 2020, de 1063 para 2161 registos, um aumento de 103%. Entre 2020 e 2021 houve uma recuperação e o número de registos de desempregados reduziu em 17% (ver Tabela 5).

A mesma tendência foi observada na Freguesia de Santa Clara. Houve um aumento de 30% no número total de desempregados registados de 2019 para 2020. Entre 2020 e 2021 o aumento foi de 8%. Entre os jovens com idade inferior a 25 anos da Freguesia de Santa Clara, observa-se um aumento de 49% entre 2019 e 2020 e um acréscimo de 1,5% entre 2020 e 2021 no número de registos de desempregados (ver Tabela 4).

Tabela 4: Desempregados registados no final de 2019, 2020 e 2021 na Freguesia de Santa Clara

Freguesia de Sta. Clara (Concelho de Lisboa)	2019dez		2020dez		2021dez	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
< 25 Anos	74	103	110	153	115	152
25 - 34 Anos	118	148	156	229	169	230
35 - 54 Anos	212	274	265	332	282	385
55 Anos e +	112	98	135	105	145	124
Total	**516**	**623**	**666**	**819**	**711**	**891**
	Total	1139	Total	1485	Total	1602

Fonte: IEFP - Estatísticas Anuais do Mercado de Emprego. Situação no final de cada ano 2019/2020/2021.

Tabela 5: Desempregados registados no final de 2019, 2020 e 2021 no Concelho de Lisboa

Concelho de Lisboa	2019dez		2020dez		2021dez	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
< 25 Anos	502	561	1040	1121	825	958
25 - 34 Anos	1217	1638	2523	2646	2219	2414
35 - 54 Anos	3212	3550	4088	4209	4310	4660
55 Anos e +	2250	1916	2144	1841	2669	2345
Total	**7181**	**7665**	**9795**	**9817**	**10023**	**10377**
	Total	14846	Total	19612	Total	20400

Fonte: IEFP - Estatísticas Anuais do Mercado de Emprego. Situação no final de cada ano 2019/2020/2021.

3.8. Habitação em Santa Clara

A CML é o maior proprietário e senhorio do Concelho de Lisboa. Em 2011 possuía 16,5% do total dos alojamentos familiares clássicos de residência habitual, com cerca de 24.500 habitações, localizadas em 69 bairros (CML, 2019:16).

Na freguesia de Santa Clara, aproximadamente um terço da população vive em habitações municipais geridas pela Gebalis (Gestão de Arrendamento da Habitação Municipal). As rendas subvencionadas pela CML na zona da Ameixoeira PER são as mais baixas em Lisboa e são ajustadas ao rendimento do agregado familiar.

Notam-se tendências diferentes nas habitações municipais:

- Na Ameixoeira PER há permanência dos jovens na zona, mesmo depois do casamento. Por falta de habitações livres, há ocupação ilegal de lojas vazias. Nesta zona há pouca alienação de casas municipais devido à baixa disponibilidade financeira dos moradores;
- Na Alta de Lisboa há mais alienações de casas compradas pelos moradores;
- No Alto do Chapeleiro e na Quinta das Lavandeiras grande parte do património já foi alienada[10];

Segundo os dados disponibilizados pela Gebalis de 2020, vivem nas habitações municipais de Santa Clara aproximadamente 7344 pessoas, quase um terço da população da Freguesia (Dados no Anexo 7). Entre os problemas mais comuns reportados pela Gebalis-Gabinete de Ameixoeira, estão a má-apropriação das casas pelos moradores, a vandalização dos prédios e das partes externas, a ocupação abusiva e a superlotação.

[10] Informação recolhida na Gebalis, Gabinete do Bairro da Ameixoeira. Novembro de 2021.

A Gebalis investe na manutenção dos prédios, dos espaços comuns e na capacitação e organização dos prédios. O projeto “Lotes com vida” promove a organização dos lotes e melhoramentos com contrapartida dos moradores. Em razão da falta de participação dos moradores na Ameixoeira PER, este projeto ainda não foi implementado.

A maioria das habitações na Freguesia de Santa Clara são de aluguer a preços de mercado e de venda livre. Na Alta de Lisboa, a Sociedade e Mediação Imobiliária (SGAL) é a promotora e a gestora dos imobiliários, desde a assinatura do contrato com a CML em 1984. Em outras partes da freguesia, como por exemplo na Quinta da Torrinha e no Bairro das Galinheiras há proprietários privados a fazer aluguer.

O Município de Lisboa, paralelamente a gestão e alienação da habitação municipal, está a implementar um conjunto de programas de acesso à habitação municipal dirigidos a uma faixa da população diferenciada e podem ser de interesse para os jovens (CML, 2019:16), nomeadamente o Programa Renda Acessível, o Subsídio Municipal ao Arrendamento Acessível (SMAA) e o programa de arrendamento apoiado, dirigido a famílias com poucos recursos.

PARTE II

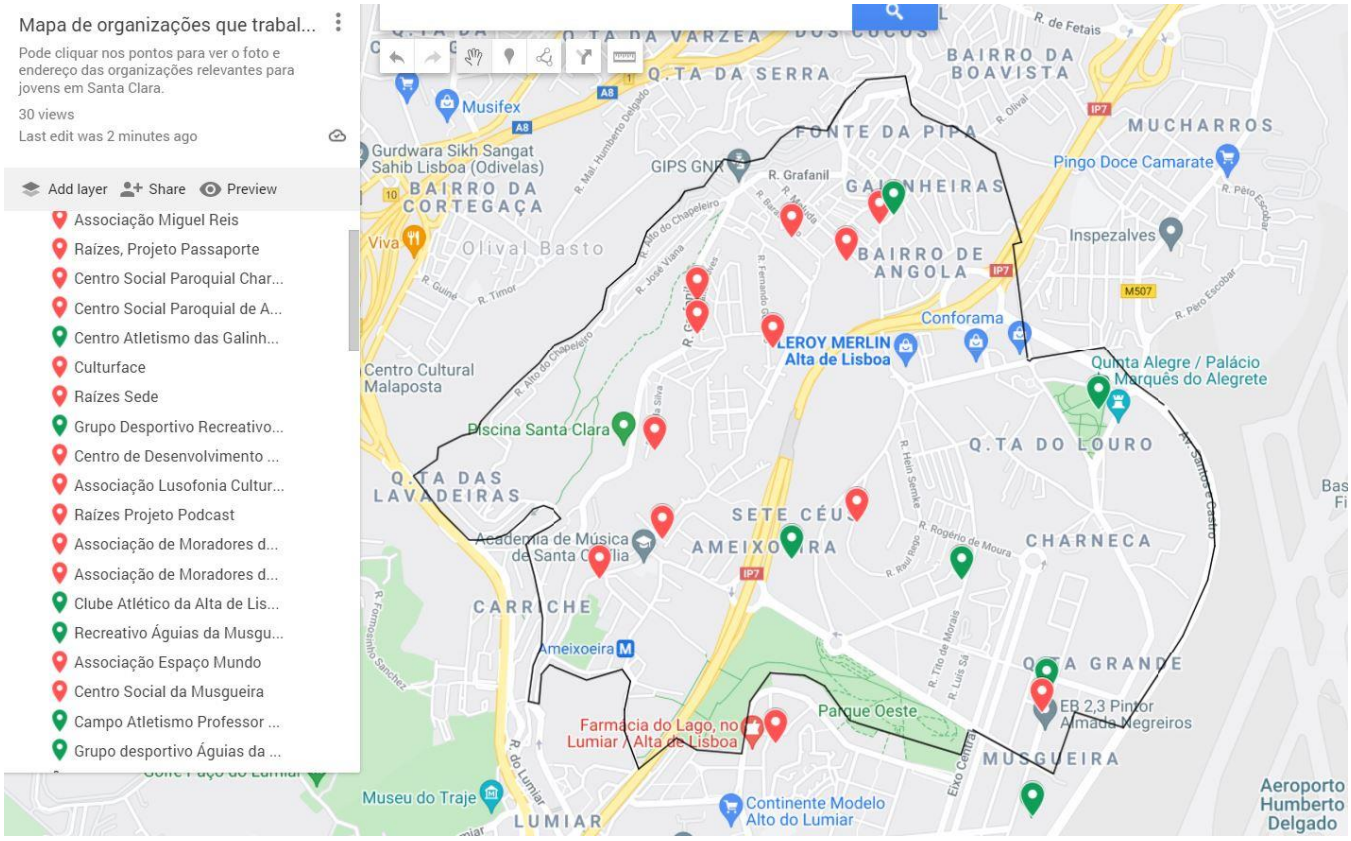
4. Resultados das entrevistas com as instituições e organizações

Neste capítulo são apresentados os resultados provenientes da coleta de informações das entrevistas realizadas com as instituições e organizações que desenvolvem trabalho com os jovens de 15 a 24 anos na Freguesia de Santa Clara. Inicialmente apresentamos o mapeamento realizado, onde constam todas as 24 instituições e organizações da sociedade civil e suas respetivas atividades seguido pela apresentação dos resultados das entrevistas.

4.1. Mapeamento das organizações da sociedade civil que envolvem jovens de 15 a 24 anos na Freguesia de Santa Clara

Diante das carências presentes no território da Freguesia de Santa Clara, muitas organizações da sociedade civil, associações e instituições desenvolvem projetos para reduzir estas carências e melhorar a qualidade de vida das crianças, jovens, adultos e idosos residentes em Santa Clara. Para o presente estudo, foram levantadas as organizações e instituições que trabalham direta ou indiretamente com os jovens de 15-24 anos, localizadas no mapa 3 a baixo e sumarizadas na tabela 6.

Mapa 3: Organizações da sociedade civil em Santa Clara que envolvem jovens



Fonte: Levantamento próprio (2021).

Tabela 6: Quadro de organizações da sociedade civil que envolvem jovens de 15 a 24 anos

Nome da Organização	Objetivos	Grupo-alvo	Intervenções
Na área das Galinheiras e Torrinha			
Associação Miguel Reis - Luta por Valores (não tem sede)	• Luta por valores • Promover o respeito entre as diferentes culturas e etnias	Crianças de 4 a 12 anos e jovens de 12 a 21 anos.	Treinos em artes marciais nas terças e quintas na Escola Básica na Rua Maluda.
Associação dos Moradores das Galinheiras	• Administração da Comissão em conjunto com AUGI Quinta da Torrinha • Apoio ao Grupo Comunitário • Apoio aos moradores (documentação, solução de problemas com GEBALIS) • Levantamento de dados de necessidades de famílias carentes, de pessoas com deficiência, entre outros para JF • Negociações com serviços públicos: Transporte publico	AUGI: proprietários dos edifícios Toda a comunidade / moradores	Comissão AUGI COMVIV-20 – Comunidade Viva! (326, Bairros Saudáveis) Teste de Covid-19 na comunidade (antigénio e PCR) durante a Pandemia
Associação Lusofonia Cultura e Cidadania (ALCC)	1. Promover a integração legal e social dos imigrantes 2. Transmitir conhecimentos sobre Cidadania e Inclusão, Empreendedorismo, Formação e Igualdade de Oportunidades	Imigrantes	Apoio social (alimentos, segurança social, habitação) Formação e empreendedorismo (GPI) Apoio documental
Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira da SCML, Rua Fernando Gusmão	• Criação de relação com pessoas de diferentes culturas residentes na zona. • Fortalecimento do processo de cidadania.	Toda a comunidade	Apoio ao cidadão (tratamento de documentos, digitalização) Formação e informação (Saúde geral, saúde mental)
Centro Social Paroquial da Charneca-Galinheiras, Estrada Militar/Largo das Galinheiras	• Resposta às carências vividas no bairro	Toda a comunidade Grupos de jovens na paróquia.	Centro de dia, apoio domiciliário (SAD) Jardim infantil de 65 crianças Apoio a alimentação
Centro de Atletismo, Largo das Galinheiras	• Promover atividades desportivas nas Galinheiras	Crianças, jovens e adultos	Atividades paralisadas devido a pandemia e de falta de colaboração com as escolas.

Culturface. Associação Cultural para o Desenvolvimento	• Promover estratégias inclusivas e cidadãs na ação com os migrantes • Ajudar na aproximação de vários grupos imigrantes • Promover o uso da comunicação social e o merchandising de empreendedores imigrantes	Crianças, jovens e empresários imigrantes	Iniciativas pontuais com crianças nas escolas.
Raízes – Projeto Passaporte	• Apoio às crianças e jovens com fraco suporte familiar e capacitação para vida saudável • Apoio à sociedade	150 crianças e jovens de 10 a 21 anos	Suporte escolar, atividades tecnológicas (competências básicas no computador), motoras, lúdicas, cidadania e género
Grupo comunitário Galinheiras Ameixoeira (GCGA)	• Intervir de forma aberta e com a participação de todos e todas na resolução de problemas e necessidades que as populações sentem no dia-a-dia, melhorando a sua qualidade de vida	Toda a comunidade residente	Reforço da participação comunitária. Em 2020: Diagnóstico participativo para candidatura para o projeto COMVIV-20, Trabalho do ECAR: levanta-mento de necessidades, rastreio e testagem da Covid-19.
Nome da organização	**Objetivos**	**Grupo-alvo**	**Intervenções**
Na área da Alta de Lisboa			
AKDN	• Promoção de Desenvolvimento Social: Programa CDLS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social) abrange Santa Clara, Chelas e Alcântara.	Crianças e jovens	CLDS com intervenções na área - Empregabilidade e formação - Família e violência doméstica; - Nível comunitário
Associação dos Moradores do PER 11, R Raul Rego Lote 8 2ºB	• Promover a vida em comunidade de diferentes grupos sociais e étnicos. • Incentivar jovens através de formações, ajudar na procura de emprego e no alcance de uma vida mais ativa.	Toda a comunidade	Projetos BIPZIP – "Comunidade PER 11" BIPZIP "Conexão de superação" em 2020: como superar a Covid-19 e ficar conectado 2021: Festival Iminente Atividades de recreação para jovens
Raízes, R. Quinta da Santa Susana	• Apoio às crianças e jovens com fraco suporte familiar na diminuição do insucesso escolar, promoção de talentos	Crianças e jovens	Projeto Escolhas Projeto Podcast Projeto Passaporte Mira Jovens – Eco Embaixadores, Alto Impacto – Galeria de Artes e Música entre Nós.

	e estilo de vida saudável.		
Grupo Desportivo Recreativo Tunelense	• Promoção de atividades recreativas e de convívio: futsal, zumba, sala de jogos e cafetaria.	Jovens Mulheres Sócios adultos	45 jovens de 9 a 16 anos inscritos no futsal. 20 raparigas de 18 a 30 anos inscritos na zumba.
UDAL - União Desportiva Alta de Lisboa	• Escola de futebol	Jovens Adultos	Atua no Complexo Desportivo Alta de Lisboa a dar aulas de futebol
Clube Atlético da Alta de Lisboa	• Promoção de judo e da ginástica	Crianças Jovens Pais	289 utentes inscritos, dos quais 260 com menos de 18 anos.
Grupo Desportivo Águias da Charneca	• Promoção de futebol, atletismo e ciclismo	Crianças Jovens Adultos	Grupo de 30 jovens entre 7-18 anos Grupo de 20 adultos entre 18-40 anos
Clube Desportivo do Reguengo	• Já não faz atividades.		

Fonte: Websites das organizações e dados recolhidos pelos investigadores em 2021.

4.2. Sobre as intervenções das associações e instituições para a juventude

A Freguesia de Santa Clara é rica em associações de âmbito social, desportivo e cultural e os seus colaboradores conhecem bem a realidade dos jovens deste território. Ao serem questionados sobre os projetos direcionados aos jovens de 15 a 24 anos foi possível perceber que os projetos específicos para jovens são poucos e o número de beneficiários é limitado, a maioria dos projetos estão orientados para as crianças e para pessoas da terceira idade.

Existem, segundo os colaboradores, projetos de associações que incentivam a criação de associações juvenis, mas o potencial para um movimento juvenil local está pouco utilizado. O abandono de atividades para jovens devido ao fraco interesse dos mesmos e à escassez de recursos humanos e financeiros é uma realidade neste território. As atividades oferecidas aos jovens privilegiam o apoio aos estudos, capacitações e apoio para a inserção profissional. Observa-se um maior interesse por parte dos imigrantes em participar nos projetos e uma grande dificuldade de integração da comunidade cigana (M, associação local).

Os grupos desportivos entrevistados promovem várias atividades, entretanto, reconhecem que o número de jovens de 15 a 24 anos que frequentam estas atividades é muito reduzido. O objetivo dos grupos desportivos é oferecer um espaço para a prática do exercício físico e promover valores como o respeito a pessoas de diferentes culturas e fazer a diferença na vida dos jovens (H, associação local) tendo em vista as dificuldades e conflitos existentes na freguesia. Entre as iniciativas culturais, destacou-se o Festival Todos[11] e o Festival Iminente, que incentivaram a formação e participação dos jovens em atividades culturais.

Relativamente aos recursos para realização das atividades, a maioria das associações locais realizam projetos de curta duração, com recursos provenientes dos programas BIP/ZIP ou Bairros Saudáveis. As associações locais costumam trabalhar em parceria com outras associações locais e com organizações maiores como a Fundação Aga Khan ou a SCML (M,

[11] Pela primeira vez em 2021, a freguesia de Santa Clara foi palco do Festival Todos, um conjunto de espetáculos, exposições, passeios, visitas, workshops e convívio de diversos públicos, incentivando grupos locais inclusive de jovens. Informação tirada do Catálogo do Festival Todos, setembro de 2021.

associação local). Nota-se que as associações locais se caracterizam por um alto grau de voluntarismo, grande parte dos coordenadores têm outras ocupações profissionais e dedicam uma parte do seu dia a estas associações (H. associação local).

Houve relatos de colaboração em projetos passados de longa duração, como a formação e capacitação das populações dos bairros municipais, por exemplo o projeto "Capacidades" em parceria entre a Fundação Aga Khan e a SCML. Um outro programa em vigor desde 2001 é o Programa Escolhas do Conselho de Ministros e do Alto Comissariado para as Migrações cujo objetivo é o reforço da coesão social e a promoção da igualdade de oportunidade, implementado ao nível de Santa Clara pela associação Raízes.

Sobre o envolvimento dos jovens nos projetos, as instituições afirmam que na maioria dos casos os jovens participam apenas na implementação das atividades, ou seja, como utilizadores, sendo raramente consultados para a planificação de projetos ou ideias. Há somente uma organização onde os jovens propõem e desenham os projetos (M, associação local). Grande parte dos projetos são propostos pelos técnicos em uma abordagem mais top-down.

Alguns entrevistados avançaram com propostas de mudanças na abordagem e reforço do trabalho com os jovens desta faixa etária. Cientes da necessidade de conquistar os jovens, propuseram que as associações deem mais oportunidades aos jovens de experimentar o que querem fazer, sair da caixa, mostrar caminhos, remover barreiras e criar um espaço para os jovens realizarem trabalho comunitário. O relacionamento entre escolas e associações pode ser fortalecido para criar a base para trabalhar com jovens (H, instituição pública). Destacou-se também a necessidade de adequar melhor as ofertas de cursos de inserção profissional às competências e interesses dos jovens e tornar esta inserção mais eficaz.

Opiniões sobre as intervenções da Junta da Freguesia

Em geral o trabalho desenvolvido pela Junta da Freguesia é reconhecido. No entanto, há poucos serviços da junta que se destinam aos jovens: a biblioteca não atrai jovens, o Centro de Estudo da Junta tem lugares limitados e atende alunos apenas até a 9ª classe, as colónias de férias são para crianças e adolescentes. Outros serviços ofertados, como por exemplo os serviços psicológicos e as infraestruturas desportivas tais como a piscina, os campos de basquete e os polidesportivos estão disponíveis para toda a comunidade.

Em relação à oferta específica para os jovens, são apreciados o Gabinete de Inserção Profissional e o apoio financeiro da Junta para as atividades de algumas associações (Vide tabela em anexo). Em termos da participação no processo de desenvolvimento da freguesia promovido pela JFSC, observa-se uma falta de envolvimento dos jovens e pouca influência na tomada de decisão (H, associação local). Os mais jovens não conhecem o papel e os serviços oferecidos pela Junta e em raras ocasiões dirigem-se à Junta quando têm problemas, enquanto as pessoas de mais idade buscam o apoio da junta em diversas situações (M, associação). A Junta da Freguesia não tem um plano nem projetos direcionados aos jovens de 15 a 24 anos, as ações e projetos para os jovens são em geral, realizados pela SCML e pelas associações locais (H, associação local).

4.3. Contexto socioeconómico e territorial

A perceção do contexto socioeconómico da Freguesia de Santa Clara foi uma das primeiras perguntas feitas aos representantes das 24 instituições e associações entrevistadas. Muitos

entrevistados alegam que a parte da Charneca e da Alta de Lisboa tem mais projetos de desenvolvimento e que a Ameixoeira é negligenciada pela Câmara Municipal de Lisboa.

Outros respondentes constatam que existem divisões dentro das zonas da própria freguesia. A título de exemplos existe a zona da Ameixoeira "rica" com nível socioeconómico elevado à volta da estação do metro, a zona da Ameixoeira histórica e a Ameixoeira "pobre" (M, associação local). Consoante alguns respondentes, a Ameixoeira "pobre" é dividida entre o Bairro das Galinheiras, a Ameixoeira PER e a Quinta da Torrinha. Cada uma destas zonas tem a sua estruturação interna e uma complexa composição social, rivalidades e tensões, e até mesmo a existência de guetos (H, associação local). A saber:

- Nas Galinheiras distinguem-se duas zonas: as Vilas das Galinheiras com habitações degradadas cujos residentes são na sua maioria imigrantes (jovens) dos PALOPs e a zona histórica à volta do Largo das Galinheiras habitada principalmente por portugueses que estão nas Galinheiras há mais tempo (H, associação local)
- A Ameixoeira PER (Realojamento) tem seis zonas com identidades e barreiras familiares entre si. Há partes calmas habitadas por população cigana antiga e áreas tensas em que os diferentes moradores não se entendem entre si (H, instituição religiosa).
- A Quinta da Torrinha, uma zona com construções antigas e muitas delas ilegais, de proprietários portugueses e habitada tanto por portugueses como imigrantes dos PALOPs (H, associação local).

Alguns entrevistados referiram-se a rivalidades também noutras zonas da freguesia, por exemplo o conflito entre os moradores de prédios municipais e os moradores dos prédios de venda livre na Alta de Lisboa (M, associação local).

Uma outra observação foi a abundância de espaços para a expansão urbana na parte leste e norte da freguesia, zonas onde é possível a construção de novas habitações e novos espaços comerciais que poderiam contribuir para o desenvolvimento do território (H, instituição púbica).

Acerca do realojamento na Ameixoeira, alguns entrevistados diferenciaram duas fases de realojamento: na primeira fase de 2000, foram realojadas populações de várias origens étnicas (branca, negra, cigana) das barracas das Galinheiras, Quinta da Pailepa e Quinta de Louro (H, associação local). Na segunda fase em 2004, houve realojamento forçado de população cigana, que já tinha sido reassentada várias vezes de outros sítios (H, associação local). Um realojamento considerado problemático por alguns entrevistados. De maneira global, a Ameixoeira é vista como território frágil, de estigma social e com abundância de criminalidade.

Movimentos migratórios

Os fenômenos migratórios fazem parte do processo histórico da formação da Freguesia de Santa Clara. De acordo com um dos entrevistados, tanto a imigração como a emigração estão muito presentes na freguesia. O número de imigrantes cresceu no Bairro das Galinheiras nos últimos anos, considerada uma zona atraente devido à facilidade de transporte para a região central de Lisboa, oportunidades de emprego e rendas mais acessíveis do que em outras partes de cidade (H, instituição religiosa). Quanto à proveniência dos imigrantes, alguns deles ilegais, são maioritariamente são-tomenses e cabo-verdianos. Entre os jovens imigrantes ou descendentes nota-se um outro comportamento, a saída para outros países da Europa, segundo

um dos entrevistados "*na mínima oportunidade*" os jovens partem para outros países. Muitos jovens não têm vontade de se fixar na freguesia por falta de oportunidades, segurança ou por causa da conotação negativa dos bairros sociais (H, instituição religiosa).

Relações étnicas e culturais

Na perceção dos entrevistados, existe uma grande diversidade étnica e cultural na freguesia. A zona da Ameixoeira, denominada como uma das zonas mais complexas da Cidade de Lisboa, é uma zona de cruzamento de culturas.

Entre as diferenças culturais mais marcantes para os entrevistados, destacam-se os casamentos precoces e o abandono escolar, ainda mais visível entre os membros da comunidade cigana da zona. Na etnia cigana, as mulheres ficam a cuidar da casa, enquanto nas famílias africanas, as mulheres sustentam um grande número de familiares com o seu trabalho fora de casa (H, associação local). Nas famílias africanas, notaram casos de abandono de crianças pelo pai e o sustento dos jovens pelas suas mães. A relação entre as etnias e as culturas não são vistas como pacíficas no território, faltando inclusão e integração. As relações conflituosas existem também entre as famílias da mesma etnia e não somente entre as culturas diferentes (H, instituição religiosa).

Alguns entrevistados relataram exemplos de discriminação e observaram um aumento de atitudes racistas. E complementam que a inserção profissional de migrantes é um problema, porque mesmo após a sua legalização não tem as mesmas oportunidades.

Estrutura social

Na opinião dos entrevistados, baseados em observação e na atuação do dia a dia, caracterizam a população da freguesia como sendo formada por uma classe média e uma classe média-baixa. Há um grande número de pessoas economicamente instáveis, por exemplo nas Galinheiras, que é um bairro de passagem, como referido no capítulo anterior e muitos jovens trabalham em empregos pouco qualificados.

De acordo com um entrevistado, a dificuldade de ascender de classe está muito associada à situação de vulnerabilidade dos jovens, o alto custo de vida (rendas são altas) e o número reduzido de bolsas de estudo para os jovens mais carenciados (H, associação local). O número de famílias com filhos na faculdade é bastante reduzido: "*eu particularmente conheço apenas uma família cujos filhos foram para a universidades. E estou a falar de todos estes anos a trabalhar nesta zona*" (H, instituição religiosa).

Consoante as observações dos entrevistados, as disparidades sociais na freguesia apresentam-se nas estratégias de garantir o sustento da família e uma qualidade de vida melhor: os membros da etnia cigana têm mais interesse em conseguir um trabalho e abdicam dos estudos ainda muito jovens (M, instituição local). Em razão da baixa escolaridade, estes jovens têm menos oportunidades no mercado de trabalho, além do medo de perder o RSI quando conquistam um emprego formal (M, instituição local). Já os imigrantes ilegais enfrentam muitas dificuldades para encontrar um emprego, pré-requisito para ter os papéis da legalização, o que impossibilita a melhoria de vida e a integração na sociedade.

Alguns dos entrevistados caracterizam a população da freguesia como população envelhecida, enquanto no passado nas habitações precárias havia muitas crianças. Passaram 20

anos desde o último grande realojamento, portanto estas crianças e jovens cresceram, uns saíram por falta de habitação própria, outros ficaram, em casas com o tamanho de sempre (H, associação local).

Carências

A caracterização dos bairros da freguesia e suas carências ficam bastante claros nas entrevistas com as associações locais. As zonas periféricas da freguesia são bairros "para dormir", a maioria dos postos de trabalho dos residentes encontram-se fora da freguesia (H, instituição religiosa). Existem problemas habitacionais, como a falta de moradias e as rendas altas e em alguns PER há carência de comércio. Em algumas ruas das habitações municipais os espaços previstos para lojas estão ocupados pelas associações ou com habitação ilegal (H, associação local). As rendas são altas para os padrões sociais das famílias que vivem na freguesia. A SCML providencia apoio social e financeiro, através de pagamento de rendas, um importante apoio para as famílias carenciadas (M, instituição local).

A redução das oportunidades de emprego dos jovens está muito associada à baixa escolaridade, constatam muitos dos entrevistados e postularam que isto afeta de maneira especial os membros da comunidade cigana e os imigrantes. Entrevistados experientes que trabalham com a comunidade cigana da zona afirmaram que apesar de novos postos de trabalhos nos estabelecimentos comerciais recentemente construídos, membros da etnia cigana têm pouco acesso a estas oportunidades. Muitos membros da etnia cigana têm interesse em cursos de formação profissional porque estão à procura de trabalho remunerado, mas têm pouco interesse em melhorar o nível de escolaridade (H, associação local). Alguns líderes locais sensibilizam as famílias a fim de permitirem que continuem os estudos porque a ocupação tradicional, as feiras, já não rendem como no passado (H, instituição local).

A carência de infraestrutura também foi apresentada por alguns entrevistados, que se queixaram que a freguesia no seu todo e em especial a Quinta de Torrinha é carente em termos de infraestruturas e espaços de lazer. Constataram que os jovens frequentam os espaços e atividades das associações, entre os quais alguns poucos da etnia cigana que aparecem nos tempos das férias, mas não para as atividades escolares durante o ano letivo (H e M, associação local).

4.4. Plano local de desenvolvimento

O conhecimento sobre a existência de planos de desenvolvimento local ou que incluam a Freguesia de Santa Clara foi uma das questões feitas aos representantes das instituições e associações entrevistadas que trabalham no território.

Em sua grande maioria, os entrevistados demonstraram não conhecer a existência de planos de desenvolvimento local ou que incluam a freguesia em seu enquadramento. De maneira geral, a os entrevistados desconhecem a existência de planos de desenvolvimento, apesar da existência de alguns planos, como foram referenciados no capítulo anterior. Quanto à existência de um plano para o desenvolvimento local, a resposta foi quase unânime: *"não existe um plano de desenvolvimento local para a Freguesia de Santa Clara".* Apesar de não existir, reconhecem a importância de se pensar planos para a juventude. Julga-se fundamental

a elaboração de um plano estratégico local para o desenvolvimento de políticas para a juventude (H, associação local), e cobram um papel mais atuante e participativo da JFSC.

O programa BIP/ZIP foi frequentemente mencionado pelos entrevistados, por conta da dinâmica do programa e da pouca burocracia para se ter acesso os fundos disponíveis do projeto. Grande parte das associações e instituições de Santa Clara já beneficiaram dos recursos deste programa (H, associação local).

Sobre os planos das AUGI, em Lisboa, grande parte dos entrevistados conhecem a realidade das AUGI de Santa Clara, mas não demonstraram conhecer a fundo as ações planificadas. Dizem haver uma inquietação nos inquilinos (famílias com jovens) sobre o impacto da reestruturação e reabilitação urbana quanto as suas habitações arrendadas. De forma geral, os planos negligenciam as freguesias da periferia (M, associação local), no que se refere a elaboração e implementação de planos para o desenvolvimento da juventude.

4.5. Participação e envolvimento dos jovens no desenvolvimento da comunidade

A maioria dos entrevistados consideram que a participação dos jovens no desenvolvimento da freguesia ainda é um processo novo e bastante reduzida (M, associação). Porém, também se acredita na possibilidade de motivá-los a participarem através de atividades concretas que são de interesse dos jovens. É preciso uma nova abordagem, como por exemplo encontros informais e métodos lúdicos nos espaços ocupados pelos jovens (M, associação local). A participação é lenta e demanda tempo. Os jovens devem ser incentivados a promover atividades em prol da comunidade e da zona em que vivem (M, associação local). Mas há quem pense diferente, um outro entrevistado afirmou que os jovens não estão dispostos a cooperar para o associativismo e o voluntariado porque querem ter ganhos financeiros e o mesmo não é possível com os projetos (H, associação local).

Foram levantados exemplos da participação dos jovens no desenvolvimento local pelos entrevistados, como por exemplo a contribuição para a economia local, a dinâmica como agentes socioculturais e a contribuição na manutenção das atividades pontuais das associações. Alguns jovens envolvem-se na limpeza das ruas e na manutenção e na preservação do espaço público através das atividades propostas pelas associações. Porém trata-se de exemplos singulares que não podem ser generalizados.

De forma geral, a perceção dos entrevistados sobre os jovens não é positiva. A falta de motivação e a baixa adesão a atividades propostas foram frequentemente levantadas. Apesar dos problemas que foram mencionados como empecilho para o desenvolvimento dos jovens de Santa Clara, o que se observa nas respostas é que os jovens são percecionados de maneira negativa com poucos interesses e, segundo um dos entrevistados, querem tudo pronto (M, associação local). A baixa adesão nos processos eleitorais bem como o pouco interesse no desenvolvimento do seu território, foram os exemplos que os entrevistados utilizaram para ilustrar a participação dos jovens de maneira geral. Do ponto de vista de um dos entrevistados, faltam-lhes os conhecimentos, a escolaridade e a visão de comunidade (H, instituição pública.

Entretanto, reconhecem que a falta de apoio e políticas direcionadas aos jovens contribuem também para a falta de interesse e consequentemente essa visão mais pessimista sobre os jovens de Santa Clara, mas reconhecem que a pandemia despertou a consciência da

solidariedade. Um número significante das associações entrevistadas lamenta a falta de iniciativas dos jovens e atribuem este desinteresse ao desconhecimento de outras realidades.

4.6. A perceção das instituições e organizações dos principais problemas enfrentados pelos jovens

Baseadas nas observações das atividades que desenvolvem no dia a dia, os representantes das instituições e associações entrevistadas pontuaram os problemas mais comuns entre os jovens moradores de Santa Clara. De maneira geral, os principais problemas mencionados pelos entrevistados foram: o abandono escolar e a baixa escolaridade dos jovens. Esta observação, fica ainda mais evidente entre as populações ciganas e os imigrantes dos PALOPS que vivem na freguesia (M, associação local).

O abandono escolar parece estar intimamente ligado ao insucesso escolar. Segundo alguns entrevistados, além do fraco suporte familiar para a continuação nos estudos, alguns aspetos do sistema educacional também contribuem para tal. Lamentam que os currículos não se adequam às realidades atuais e que as escolas profissionais têm pouco impacto na permanência dos jovens até à conclusão do 12ºano (M, associação local).

O segundo problema mais lembrado pelos entrevistados foi a falta de perspetiva dos jovens, resultado da ausência de atividades estimulantes, recursos escassos e poucas oportunidades disponíveis para o desenvolvimento dos jovens. A juventude de Santa Clara precisa enfrentar uma série de barreiras que comprometem o seu desenvolvimento (M, associação local). Do lado do desenvolvimento pessoal, alguns entrevistados mencionaram como barreiras a segregação e as clivagens culturais, problemas de exclusão e discriminação causadas por preconceitos existentes.

O desemprego e as dificuldades económicas foram igualmente apontados. Estes jovens nasceram e cresceram no território e não encontram motivação para mudar, repetem os mesmos hábitos dos pais, o que favorece a permanência na pobreza (H, associação local). É preciso dar uma especial atenção aos jovens que vivem nos bairros sociais, cujo acesso é ainda mais restrito, a integração é mais complicada e as realidades são muito peculiares e frágeis, completou.

Alguns problemas foram associados à infraestrutura do território. Os entrevistados apontam a ausência de espaços para a realização de atividades capazes de estimular e desenvolver as capacidades intelectuais e físicas como um dos problemas enfrentados pelos jovens que vivem na Freguesia de Santa Clara. Muitos jovens vivem por esta zona e nunca saíram do território e, portanto, não conhecem outra realidade (H, associação local). Nesta área são poucos os espaços de integração e convívio e os pontos que existem estão vandalizados (H, associação local).

As dificuldades económicas estão presentes, muitos jovens dependem dos rendimentos do agregado familiar ou dos subsídios que os pais recebem, que muitas das vezes não são suficientes e não há programas de rendimentos direcionados para o desenvolvimento dos jovens (M, associação). Sobre a população de jovens imigrantes, a oferta de salários mais altos em relação ao seu país de origem aumenta as chances do abandono escolar e a busca por empregos

(M, associação local). Outro problema igualmente lembrado foram os comportamentos desviantes e os problemas familiares. Muitas vezes a ausência de uma boa estrutura familiar ou mesmo o apoio da família para seguir com os seus planos de desenvolvimento pessoal não acontecem (M, associação local). Essa ausência do apoio familiar pode ser caracterizada por diversas formas, as mais lembradas foram: o apoio financeiro, o apoio educacional (baixa escolaridade dos pais) e a violência doméstica. A falta de planeamento familiar, a gravidez precoce e o casamento entre pessoas muito jovens comprometem o seu percurso educacional, aumentam as chances de abandono escolar e reduzem a chances de alcançar um bom emprego (H, associação local).

4.7. Impacto da pandemia

Quando perguntados sobre o impacto da pandemia na vida dos jovens, os entrevistados referiram-se a este impacto na população de maneira geral. A freguesia foi muito afetada, com muitos casos de infeção na zona das Galinheiras (H, associação local). O Grupo Comunitário das Galinheiras respondeu a um pedido do Ministério da Saúde para ajudar no rastreio e na sensibilização da população desta zona. Foi criado o ECAR (Equipa de Contactos e Acompanhamentos de Referência) que fez um levantamento casa a casa nas Vilas das Galinheiras sobre as condições sanitárias, testagem e de acompanhamento na quarentena entre maio e junho de 2020.

O impacto económico da pandemia foi um aspeto muito lembrado pelos entrevistados, seguido pelo social e psicológico. Relativamente ao impacto económico, o aumento do número de famílias a receber apoio alimentar foi um forte indicador do aumento das carências e da pobreza na freguesia (M, associação local). A distribuição de alimentos através das associações continuou até finais de 2021, mas a falta de apoio conduziu algumas pessoas, mesmo no estado de doença, a continuar a ir aos seus locais de trabalho para não perder o emprego e os rendimentos (H, associação local). Observou-se que muitas pessoas perderam emprego em 2020 e sua reintegração ao mercado de trabalho não foi completa (H, instituição religiosa). O impacto económico da pandemia foi, sobretudo, muito forte para os feirantes devido à suspensão completa das feiras e, consequentemente, desta fonte de rendimento. O pagamento da renda foi um outro problema grande para as famílias mais carenciadas (H, instituição religiosa).

Um dos entrevistados salientou o impacto negativo da pandemia nos jovens ao relatar o aumento na abstenção no ensino, o agravamento das dificuldades no estudo devido à falta de equipamentos eletrónicos nas casas e o aumento do desemprego (H, associação local). O impacto social da pandemia foi mais notável nas mudanças dos relacionamentos sociais devido ao distanciamento físico e às restrições de utilização dos espaços públicos, de acordo com um entrevistado, que relatou o que ouviu dos jovens. Na área da Ameixoeira, a pandemia afetou os jovens em fases distintas: no início, devido à dominância do medo e da prevenção, os jovens fecharam-se em casa, ficaram isolados. Isto foi muito percetível entre as famílias da comunidade cigana. Depois houve um desconfinamento excessivo por parte dos jovens, que foram para as ruas (H, associação local).

Durante o ano de 2020, os jovens não puderam desenvolver as suas atividades de lazer e poucas iniciativas das associações continuaram a funcionar (H, instituição pública). A Junta de Freguesia suspendeu os serviços sociais e as atividades desportivas durante a pandemia em 2020 (H, instituição pública). A Academia de Formações e o GIP transferiram as suas atividades para o formato de formações online. Desta forma, conseguiram manter os seus usuários no processo da aprendizagem durante um tempo prolongado. As associações também foram obrigadas a trabalhar em novos formatos, reduziram a capacidade das salas de estudo, outras introduziram

novas atividades como a produção de máscaras, a distribuição de comida a idosos, prestação de serviço à porta e, em alguns casos, fizeram o acompanhamento online dos utentes.

As escolas tiveram muita dificuldade de desenvolver atividades que pudessem estimular os jovens (M, associação local). Acerca do impacto psicológico, os entrevistados referiram-se ao aumento de jovens em tratamento psicológico, por causa de depressões e de traumas decorrentes da morte de familiares (M, associação local).

Foram relatados exemplos práticos de ações positivas desenvolvidas durante pandemia:

a. Novas alternativas de negócio para pessoas que aplicaram os seus conhecimentos às novas demandas (M, associação);
b. A colaboração e parceria entre a Junta e as associações quanto à implementação de apoios (M, associação);
c. As associações adotaram novas estratégias e métodos de trabalho (M, associação local);
d. Houve reflexão sobre a partilha e aumento de solidariedade e entreajuda (M, associação local).

5. Resultados de dados obtidos de jovens

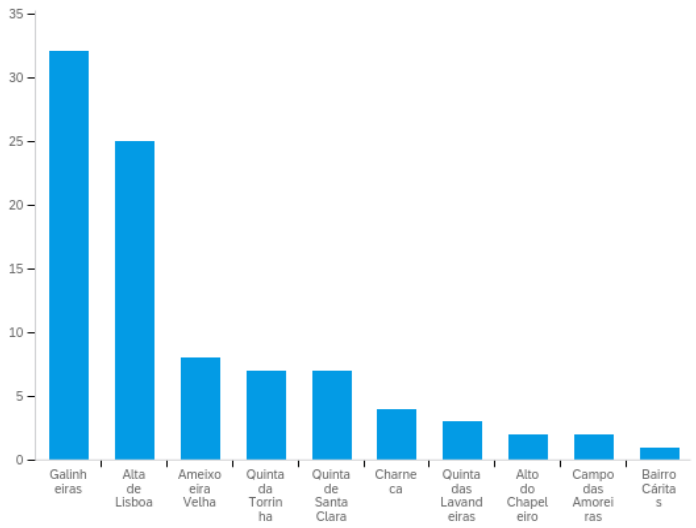
5.1. Resultados dos questionários com jovens

O universo do inquérito é a população de jovens residentes na Freguesia de Santa Clara com idades entre 15 e 24 anos. O perfil demográfico dos respondentes pode ser observado no quadro 1 e as zonas onde vivem dentro da freguesia estão apresentadas no gráfico 1.

Tabela 7: Composição da amostra de jovens inquiridos

Variável	Categoria	N.º	%
Idade (n=91)	Entre 15 e 17 anos	58	64%
	Entre 18 e 21 anos	24	26%
	Entre 22 e 24 anos	9	10%
Sexo (n=91)	Masculino	50	55%
	Feminino	41	45%
Como se identifica (n=91)	Negro(a)	29	31.87%
	Branco(a)	49	53.85%
	Cigano(a)	4	4.40%
	Asiático(a)	1	1.10%
	Outro(a)	4	4.40%
	Prefiro não dizer	4	4.40%
Nacionalidade (n=91	Português por Naturalidade	62	68.13%
	Português por Aquisição	5	5.49%
	Estrangeiro	24	26.37%

Gráfico 1: Zonas da Freguesia de Santa Clara onde vivem os jovens inquiridos



As questões do questionário foram agrupadas em quatro grandes blocos temáticos de perguntas, a saber: perfil socioeconômico, desafios e perspectivas, impacto da pandemia da covid-19 e utilização dos serviços locais.

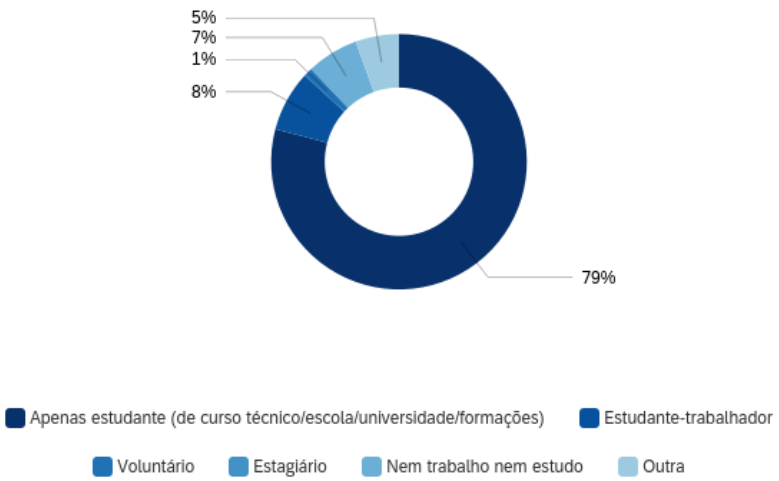
Nesta primeira leitura dos dados recolhidos, foi possível a caracterização da amostra, composta por 55% de jovens do sexo masculino e 45% do sexo feminino. O grupo etário foi dividida em 3 subgrupos. O subgrupo etário de 15 a 17 anos é o mais expressivo na amostra (64%), seguido pelos jovens de 18 a 21 anos (26%) e finalmente dos 22 aos 24 anos de idade (10%).

5.1.1. Perfil socioeconômico dos inquiridos

A ocupação atual de 79% dos jovens, como já era de se esperar, em função do local de aplicação do questionário, são os estudos. Apenas uma pequena parcela de 8% dos inquiridos estuda e trabalha. Chama a atenção a existência de jovens que nem trabalham nem estudam na amostra. Estes correspondem a 7% da amostra e podem ser explicados pela aplicação do questionário nos GIPs, onde os jovens podem ser usuários de outros serviços ofertados, como por exemplo a procura de emprego.

Ao analisar por subgrupos etários, observa-se que dos jovens de 15 a 17 anos, 88% apenas estudam, e 5% trabalham e estudam. Entre os jovens de 18-21 anos, 75% apenas estudam, 8% estudam e trabalham e 13% nem trabalham nem estudam. O último recorte etário, dos 22 aos 24 anos, 33% apenas estudam, 22% estudam e trabalham e 33% não trabalham nem estudam.

Gráfico 2: Ocupação atual dos jovens inquiridos

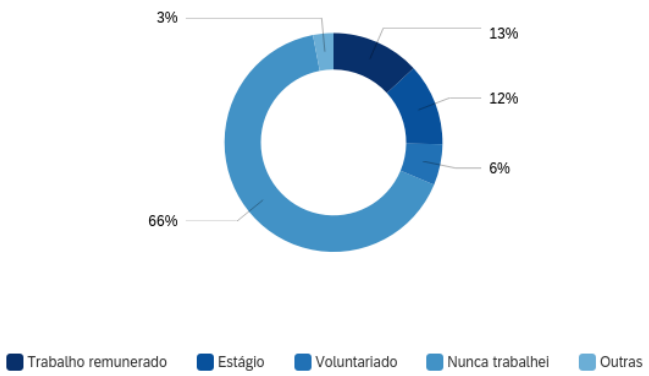


A pergunta *"como se identifica"* foi mantida neste estudo, apesar da exclusão desta pergunta do Censo 2021 do INE. O entendimento de que as dificuldades e perspetivas dos jovens podem estar associadas a forma como se identificam, justifica a manutenção da pergunta. Portanto, a amostra é composta maioritariamente por jovens que se identificam como brancos, 54%, seguida por negros 32%, ciganos 4%, asiáticos 1% e 4% preferiram não se identificar[12]. A grande maioria dos jovens da amostra, 68% são portugueses, 26% são estrangeiros e os outros

[12] A baixa adesão da opção "outros" com 4% revela que as opções apresentadas no questionário são válidas.

6% são portugueses por aquisição. Em relação a experiências que já tiveram no passado, 66% dos jovens respondentes disseram nunca ter trabalhado, apenas 13% já trabalharam, 12% já fizeram algum tipo de estágio e 6% voluntariado.

Gráfico 3: Experiências que os jovens já tiveram no passado



O agregado familiar dos inquiridos é numeroso, 51% dos respondentes vivem com cinco ou mais pessoas na mesma residência e 26% vivem com 4 pessoas. Em relação ao responsável legal, 28% vivem com a mãe[13], enquanto apenas 5% vivem com o pai. A grande maioria, 55% vivem com a mãe e o pai e 9% vivem sob a responsabilidade de outros responsáveis legais.

Uma parcela considerável da amostra, 43% vivem na Freguesia desde que nasceram, 22% dos respondentes vivem na freguesia a menos de 5 anos, 19% já vive na freguesia entre 5 e 10 anos e 9% vivem a mais de 10 anos. Isso quer dizer que, diferente do histórico processo migratório de ocupação do território da Alta de Lisboa, existe uma nova geração que nasceu no território.

Quanto à fonte de rendimentos dos responsáveis, 37% provêm de trabalho por conta de outrem, 11% do trabalho por conta própria e outros 2% de pensão de reforma. Em relação aos subsídios, 32% destes agregados familiares recebem algum tipo de subsídio do Estado.

5.1.2. Desafios e perspetivas

Os jovens, de forma geral, enfrentam muitos desafios no seu dia a dia. Relativamente a amostragem dos jovens de Santa Clara, quando perguntados sobre quais os desafios enfrentam no seu dia a dia, os três mais lembrados foram: a falta de tempo (13%), os desafios pessoais (13%) e as dificuldades financeiras (12%).

Tabela 8: Os maiores desafios que os jovens enfrentam no seu dia a dia

Variável (n=91)	N.º	%
Falta de tempo	23	13%
Desafios Pessoais	23	13%
Dificuldades Financeiras	22	12%

[13] Em termos de responsável legal do inquirido. O agregado em geral é composto por outros membros da família, como irmãos, primos, tias, etc. Mas aqui estamos a tratar do responsável legal.

O resultado apresentado é diferente quando analisado por sexo. Para as jovens raparigas os maiores desafios que enfrentam são: os desafios pessoais (timidez, baixa autoestima, solidão ou agressividade) seguido por dificuldades financeiras e as poucas opções atrativas/interessantes de estudos. Para os jovens rapazes, os maiores desafios são: a falta de tempo, as dificuldades financeiras e os desafios pessoais empatados em segundo lugar.

Apesar destes desafios, os jovens também foram inquiridos sobre os principais desejos para o futuro, num espaço temporal de cinco anos. Os principais desejos foram: concluir os estudos secundários (23%), encontrar um emprego em qualquer área (20%) e entrar em uma universidade ou num curso superior profissionalizante (13%). De notar que o desejo de se mudar da freguesia obteve apenas 4%.

Do total de respondentes, 82% disseram estar a fazer algo para a concretização destes desejos, mas que esperam encontrar barreiras no futuro para concretizar estes desejos. As principais barreiras mencionadas foram: a pouca oferta de empregos (13%), as dificuldades financeiras (12%) e a falta de tempo (11%).

No que se refere a perspetiva de futuro, 68% dos inquiridos disseram que gostariam de poder estudar mais e uma maioria absoluta dos inquiridos disseram que gostariam de encontrar um bom emprego. Ao serem perguntados sobre a qualidade de vida que tem, e se desejavam ter uma vida melhor do que a que tem atualmente, apenas 13% disseram não desejar uma vida melhor. A grande maioria dos jovens (87%) desejar uma vida melhor. Sobre o desejo de seguir a profissão dos pais, 88% disseram não querer seguir o exemplo em casa e, portanto, não desejam seguir a profissão dos pais.

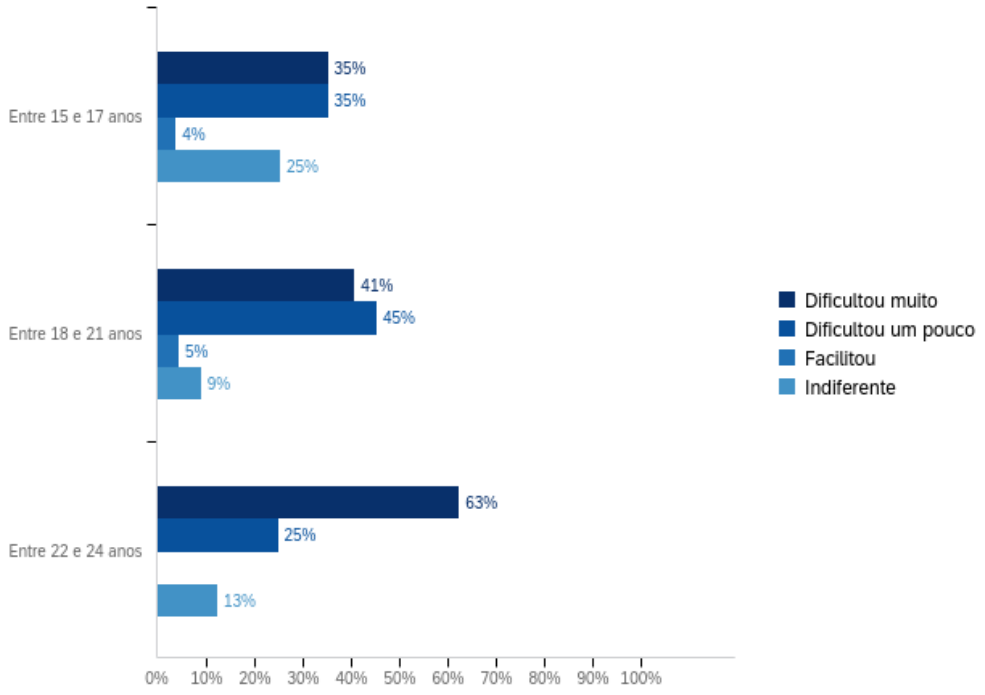
5.1.3. Impacto da pandemia da Covid-19

O inquérito também se propôs a compreender o impacto da pandemia da Covid-19 na vida dos jovens da Freguesia de Santa Clara. De acordo com os inqueridos, as maiores mudanças causadas pela Covid-19 em suas vidas foram: o isolamento em casa (21%) e a mudança da rotina diária (21%) que estão diretamente relacionadas, tendo em vista as medidas de isolamento aplicadas pelo governo e a mudança para o ensino virtual. A falta de dinheiro (14%), a dificuldade de acesso à educação (9%) e a falta de condições ideais para o estudo (9%) foram igualmente muito representativas.

Com relação ao aspeto da vida dos jovens mais afetado, o convívio com os amigos foi o mais lembrado de maneira geral. Entretanto, quando analisamos por sexo, as jovens raparigas destacaram a educação e o psicoemocional como os aspetos mais afetados em suas vidas[14]. Para os jovens rapazes, os aspetos mais afetados foram as finanças e o convívio com os amigos[15].

[14] Houve um empate entre as duas opções. Psicológico-emocional com 16% e educação com 16%.
[15] Houve um empate entre as duas opções. Finanças com 19% e Convívio com Amigos com 19%.

Gráfico 4: Como julgas o impacto da pandemia na sua vida (por faixa etária)



De maneira global, para 40% dos jovens a pandemia dificultou muito a vida e para 37% a pandemia dificultou um pouco. Ao analisar por subgrupos etários, é possível perceber a mesma tendência (gráfico 4). Para 63% dos jovens entre 22 e 24 anos a pandemia dificultou muito a vida. É de destacar que para 25% dos jovens de 15 a 17 anos a pandemia foi indiferente. A interpretação das razões que levaram os jovens desta faixa etária a responder que a pandemia em uma certa medida não alterou a sua rotina de vida são difíceis de serem avaliadas. No entanto, levanta-se a hipótese de estar associada a ocupação atual destes jovens. Do subgrupo etário de 15 a 17 anos inquirido, 88% dedicam-se exclusivamente aos estudos, enquanto os jovens de 22 a 24 anos, 22% estudam e trabalham ao mesmo tempo e 33% não estudam nem trabalham atualmente e apenas 33% dedicam-se exclusivamente aos estudos.

Quanto às oportunidades criadas pela pandemia, a maioria (51%) disse não ter sido criada nenhuma oportunidade para o seu desenvolvimento. Para os que responderam sim, foram criadas oportunidades, destacam-se como oportunidades criadas a disponibilidade de mais tempo para dedicar-se as atividades para o desenvolvimento pessoal (39%), a aprendizagem de novas ferramentas tecnológicas de comunicação (17%) e o formato on-line das aulas que facilitaram o acesso aos conteúdos (15%).

5.1.4. A participação no desenvolvimento da Freguesia

A relação dos jovens com o espaço em que vivem e a sua rotina diária permitem perceber como os jovens estão a se desenvolver e como contribuem para o desenvolvimento local. No tempo livre que dispõem, os jovens da Freguesia de Santa Clara inquiridos disseram que o convívio com os amigos é como gostam de preencher o tempo livre (22%). O convívio com a família (20%) e o desporto (16%) foram as outras atividades mais referenciadas. A participação em eventos culturais (1%) e a leitura (3%) são as atividades menos desenvolvidas pelos jovens no seu tempo livre.

Sobre a utilização dos serviços oferecidos pelos órgãos públicos competentes, neste caso a Junta de Freguesia de Santa Clara, o resultado foi muito negativo, sendo que 76% dos jovens disseram não utilizar nenhum dos serviços oferecidos pela Junta. O subgrupo etário que menos utiliza os serviços da Junta são os jovens com idade entre 15 e 17 anos, dos quais 80% disseram não utilizar nenhum serviço.

Em relação aos projetos das associações, 49% disseram conhecer algum projeto desenvolvido na freguesia, sendo que os jovens entre 22 e 24 anos são os que mais conhecem as associações e projetos (88%).

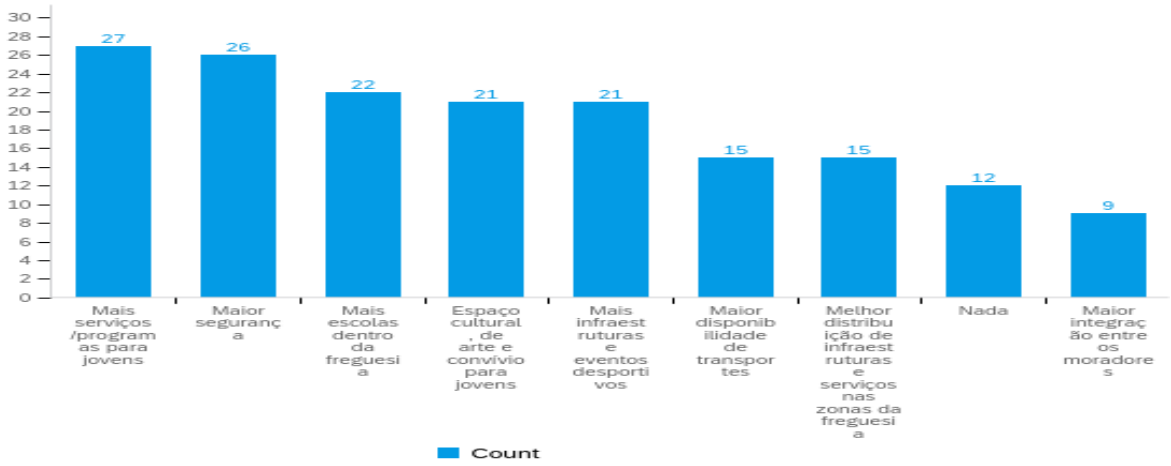
Do total da amostra que respondeu conhecer alguma associação ou projeto, 49% consideram que estes projetos contribuem para melhorar a vida dos jovens e 41% não souberam opinar. Na perceção de 63%[16] das jovens raparigas estes projetos contribuem para melhorar a vida dos jovens, enquanto entre os jovens rapazes este percentual é de apenas 35%. Para os jovens nem-nem, a taxa de aprovação é muito alta, 80% disseram considerar que os projetos ou serviços contribuem para melhorar a sua vida.

Os principais serviços ofertados pelos projetos e programas que os jovens julgam contribuir para melhorar a sua vida são: a oferta de oportunidades para desenvolvimento de habilidades individuais (20%), a oferta de reforço escolar (17%), a oportunidade de integração com outros moradores da freguesia (13%) e as bolsas de alimentos (12%)[17].

Tendo em conta a avaliação da forma como os projetos e programas ajudam a melhorar a vida dos jovens, foi perguntado também o que sentem falta em relação aos programas e projetos que poderiam ser oferecidos. É de destacar que 19% não souberam opinar. A oferta de melhor e mais preparação para o mercado de trabalho foi a mais lembrada (14%), seguido pelo apoio psicológico (12%) e apoio alimentar (12%).

Em relação a freguesia, as mudanças mais desejadas pelos jovens são apresentadas no gráfico 5.

Gráfico 5: O que os jovens gostariam que mudasse na Freguesia



[16] Foram analisadas apenas as raparigas que responderam "*conhecer alguma associação ou projeto na freguesia*".
[17] Foram analisadas apenas as respostas de quem respondeu "*conhecer alguma associação ou projeto na Freguesia*".

Do ponto de vista dos inquiridos a disponibilidade de mais serviços e programas para jovens na Freguesia de Santa Clara é a mudança mais identificada (16%). A demanda por maior segurança é também uma das necessidades (15%). A educação aparece no terceiro lugar, com a demanda por mais escolas (13%), seguida por mais espaços de arte e convívio para os jovens (12,5%). Ao analisar por sexo, as raparigas identificaram como prioridade a oferta de mais serviços e programas para os jovens (18%), seguindo por mais escolas (18%) e mais espaços culturais, para desenvolvimento de arte e convívio entre os jovens. Para os rapazes, as mudanças necessárias são diferentes. A primeira mudança necessária é mais segurança (21%), seguindo por mais infraestruturas e eventos desportivos (18%) e finalmente, mais serviços e programas para os jovens (15%).

Ao serem questionados sobre a possibilidade de contribuir para a mudança na Freguesia de Santa Clara, 61% dos jovens demonstraram pouca vontade em participar ou cooperar para mudanças. Os mais jovens, com idade entre 15 e 17 anos são os menos dispostos a contribuir para mudanças na freguesia (65%). Os jovens de 22 a 24 anos são os mais dispostos (75%).

5.2. Resultados das entrevistas com jovens

As entrevistas semiestruturadas concentraram-se em quatro blocos temáticos: o perfil e contexto socioeconómico dos jovens, os desafios e perspetivas, o impacto da pandemia da Covid-19 e a opinião dos jovens acerca do desenvolvimento local. O guia das perguntas encontra-se no anexo 1.

Tabela 9: Dados dos jovens entrevistados

Sexo (n=42)	**n**	**n (%)**
Masculino	19	45.2
Feminino	23	54.8
Idade (n=42)		
15-18	17	40.5
19-21	17	40.5
22-24	8	19.0
Escolaridade (n=42)		
Sem 1o Ciclo Educação Básica	2	4.8
1º Ciclo Educação Básica completo	1	2.4
2º Ciclo Educação Básica em curso	3	7.1
3º Ciclo Ensino Básico completo (9a)	6	14.3
Educação secundária em curso	7	16.7
Escola secundária profissional em curso	8	19.0
Educação secundária completa (12a)	8	19.0
Nível superior em curso	4	9.5
Licenciatura	2	4.8
Sem informação	1	2.4
Ocupação atual (n=42)		
Estudante	19	45.2
Estudante trabalhador	3	7.1
Emprego part-time	3	7.1

Trabalhador empregado	7	16.7
Trabalho conta própria	3	7.1
Nem-nem	7	16.7
Naturalidade (n=42)		
Nascimento fora de Portugal	12	28.6
Nascimento em Portugal	30	71.4

Dentro de cada bloco verifica-se primeiramente as declarações mais frequentes, fazendo referência às diferenças entre sexo, naturalidade, ocupação e faixa etária.

5.2.1. Perfil socioeconómico dos jovens entrevistados

Personalidades

Algumas das características pessoais dos jovens foram facilmente observadas durante a entrevista. A autoconfiança para realizar os seus objetivos e a perseverança são as mais predominantes. Os jovens apresentam uma capacidade muito marcante para superar obstáculos, mesmo nas situações mais difíceis, "*Eu prefiro não pensar nisso, eu prefiro avançar e ver como é que corre. Se não conseguir a primeira eu continuarei a tentar a segunda, não vou desistir*" (H, 19 anos, estudante).

Muitos jovens também se identificaram como pessoas reservadas e introvertidas, isto é, apresentam dificuldades ou optam por não conviver com um grupo mais alargado de pessoas em ambientes dinâmicos e preferem estar em casa, com pessoas próximas em situações mais estáveis, seja pelo maior conforto providenciado, timidez, falta de confiança, dificuldades de comunicação e de conhecer pessoas novas ou isolamento. Esta realidade não está apenas associada à pandemia, mas também às questões culturais e pessoais: "*evito muito o contacto, sou uma pessoa mais recatada, não sou tanto de me dar às pessoas*" (H, 19 anos, estudante). Mas reconhecem que o facto de serem mais fechados pode comprometer a interação com outras pessoas e reduzir as possibilidades de novas oportunidades resultantes destas interações ou mesmo a facilitação em outros aspetos da sua vida: "*Eu sou um bocadinho introvertida, até me dar a conhecer aos outros sou muito fechada e se calhar devia ser mais de falar com os outros e de me dar a conhecer, se calhar isso ia facilitar mais noutro aspeto*" (M, 18 anos, estudante). Verifica-se que as raparigas são mais introvertidas.

Diante da diversidade de personalidades, há outros jovens que demostraram ser sociáveis, como por exemplo alguns jovens nacionais, estudantes e jovens da faixa etária compreendida entre os 15 e 19 anos.

A independência é uma característica bastante apreciada pelos jovens. A independência financeira, a independência dos pais ou dos responsáveis legais foram citadas nas entrevistas. A ideia de independência fica mesmo evidente quando se referem a conquista da sua própria casa, "*Quero ir a procura duma casinha, porque eu gosto de ter a minha independência, (…) chega uma altura que depois tu queres ter a tua vida, depois queres trazer os teus amigos pra casa, (...) quer fazer várias coisas, e as vezes com os pais não pode, então eu prefiro ter a minha casa*" (H, 21 anos, estudante trabalhador). Entre as raparigas, esta independência é mais valorizada.

Apesar da referida independência, a solidariedade e o apoio ao próximo são referenciados pelos jovens. Um número significativo indicou como um valor fundamental o apoio a sua família, "E*u com um trabalho fixo eu sei me desenrascar. Consigo ajudar quem eu puder, principalmente meu pai.*" (H, 21 anos, trabalhador). "*O sistema (…) precisa de mudar, e eu quero lá estar pra melhorar, de fato é o que eu devia fazer*" (H, 23 anos, trabalhador), a ideia de mudança, mesmo não sendo assim tão clara ou bem definida, faz parte das preocupações de um dos jovens entrevistados. Por outro lado, a noção de coletivo e da necessidade de se organizarem para propor mudanças é marcante: "*Sinceramente eu tenho muita vontade de mudar aquela (…) embaixada ali, mas eu não posso fazer nada sozinho (…) eu acho que se tanto os são-tomenses aqui, que já passaram por isso, reunissem, fizessem uma manifestação, (…) acho que isso mudaria*" (H, 20 anos, trabalhador). Uma parcela muito pouco significativa dos jovens indicou a preguiça, o desinteresse e a inatividade como características suas, que futuramente poderão representar barreiras à realização dos seus sonhos.

Identidades e percursos de vida

O percurso de vida dos jovens ajuda na compreensão dos desafios e desejos. O percurso dos jovens imigrantes, um grupo grande e específico de jovens proveniente dos PALOP de primeira geração carregam a sua identidade cultural. Pouco mais da metade chegou a Portugal há 7 anos ou mais, ou seja, ainda eram crianças quando migraram para Portugal. A outra metade chegou nos últimos 2 ou 3 anos, com pouco mais de 18 anos. A fixação na freguesia coincide com o tempo da chegada a Portugal, o que pode ser um indício que os recém-chegados costumam ficar muito tempo no primeiro lugar de residência.

Os dois motivos principais da migração estão interligados: os estudo e o convite/apoio de familiares que moram em Portugal e facilitam a vinda de menores, seja pelo seu estatuto legal ou económico.

Segundo relatos dos jovens, os que chegam em Portugal ainda criança, enfrentam muitas dificuldades de integração no ensino português e a repetição de anos em alguns casos. Estes jovens frequentaram, na sua grande maioria, escolas na Freguesia de Santa Clara ou em freguesias e concelhos vizinhos, como no Lumiar, Alvalade, Loures e Odivelas, onde habituaram-se às novas condições e rotinas de vida. No caso dos entrevistados que chegaram com 18 anos ou mais, a situação é ainda mais complexa: a falta de recursos para pagar a faculdade, os obrigam a trabalhar para juntar recursos, *"vim aqui por causa do estudo, mas não consegui estudar. Estou a trabalhar para ver se no outro ano consigo o que quero" (M, 21 anos, trabalhadora).*

Para além de enfrentar as frustrações académicas e a falta de oportunidades de emprego, os jovens imigrantes - acima de 18 anos - enfrentam um duplo desafio de adaptação: as consequências do abandono parcial das suas raízes e a vivência num país estrangeiro com novas exigências e um alto nível de competição.

A grande maioria dos entrevistados nasceram em Portugal. Destes, dois terços não somente nasceram no município de Lisboa, mas também vivem em Santa Clara há muitos anos. Muitos identificam-se com a zona, *"(…) mesmo que eu tivesse posses, eu não ia pra lado nenhum, eu ficava cá. É porque esse lugar dá-me mais ou menos tudo aquilo que eu preciso, que eu preciso a nível básico" (H, 23 anos, trabalhador).* Uma minoria mudou-se para a freguesia vindos de outros municípios da AML e outros distritos, principalmente por questões familiares.

Na maioria dos casos, o percurso da vida de entrevistados com idades superiores a 18 anos é caracterizado pela procura de emprego e/ou pela continuação dos estudos.

Os entrevistados da etnia cigana identificaram-se abertamente, citando os fortes laços familiares, o estilo de vida em comunidade e as tradições profissionais como feirantes. *"A minha esposa é daqui e entretanto arranjei uma casa aqui ao pé da minha sogra, pedi compra. (…) adaptei-me mais aqui, gosto mais do ambiente, e depois tenho os meus cunhados, e assim, fazemos companhia uns aos outros." (H, 23 anos, trabalhador independente).* Todos os entrevistados da etnia com mais de 18 anos vivem com a/o parceira/o nas proximidades ou com os sogros/pais. Os maridos vieram de outras partes de Portugal e fixaram-se no bairro por causa do casamento. As mulheres entrevistadas referiram-se ao seu casamento e sua dedicação à vida doméstica.

A constituição de uma família é uma realidade comum entre os jovens da etnia cigana com mais de 18 anos, o que não se verifica entre os outros entrevistados na mesma faixa etária. Na altura das entrevistas apenas três entrevistados de diferentes grupos populacionais tinham filhos, um homem de 22 anos e duas mulheres de 24 anos.

Há ainda relatos que evidenciam acontecimentos que influenciam e até interrompem o percurso de vida dos jovens e impactam no seu desenvolvimento. Um exemplo é a violência doméstica sofrida pela mãe seguida pelo abandono do pai:

> *"A minha mãe sofreu de violência doméstica do meu pai 10 anos e ela não aguentou, conheceu uma pessoa nova, um, fugiu comigo quando eu tinha 7 anos. (…) Foi bastante difícil perceber que o meu pai não quer muito saber de mim, foi bastante difícil. Eu digo que não ligo, mas no fundo, ele é meu pai, né? (…) teve duas mortes que me afetaram muito e eu guardei bastante pra mim a dor. Eu ao invés de falar, eu choro" (M, 17 anos, estudante).*

Houve outras experiências que foram citadas e que igualmente influenciaram o percurso e o desenvolvimento pessoal, principalmente quando acontecem na infância. As experiências citadas estão associadas às questões de saúde de um dos familiares próximos que obrigam o jovem a aceitar tarefas de cuidador e a perda de familiares, seja pela distância em razão da migração para outros países, *"(...) e vivi o momento mais triste, posso dizer, foi quando o meu irmão foi para os Estados Unidos. Foi o momento mais triste, estava no 3º ano." (M, 17 anos, Estudante secundária),* ou pela morte de um familiar, *"(...) perdi a minha mãe quando com 8 anos" (M., 21 anos, trabalhadora).*

Relações Sociais

A composição do agregado familiar onde vivem os entrevistados é um elemento relevante da vida: mais de um terço dos entrevistados vivem em agregados familiares cuja mãe é a principal provedora. Um outro terço vive com os pais e irmãos. Outros jovens vivem em outros tipos de agregados familiares, em casa da avó, da tia, com os sogros, e em casos muito particulares, vivem com marido ou sozinhos.

Uma parte bastante significativa dos jovens relatou ter uma convivência frequente e saudável com a sua família, com os amigos na escola, nas redes sociais ou em outras atividades

fora de casa, como desporto ou passeios. Indicam também que, quando existente, os problemas no seio familiar são facilmente resolvidos e que, apesar de problemas ocasionais, os entrevistados apreciam as diferentes relações, realçando que as mesmas são importantes para o seu crescimento pessoal e para sua vida social.

No entanto, alguns jovens afirmam ter pouca convivência com os seus familiares, devido aos conflitos de horários, sobrecarga ou trabalho e estudos, ao isolamento, não só pela situação pandémica, mas também por questões culturais e pessoais.

Foi reportada a existência de instabilidade ou de conflitos nas relações, nomeadamente com os pais e padrastos, mas pouco expressiva. Também relatam o abandono por parte do pai e consequentemente a falta de apoio, e verificam-se algumas mães solteiras com dificuldades:

> "*Os meus pais desde que se separaram basicamente meio que me excluíram. (...) Eles meio que puseram-me de parte. O meu pai não fala comigo, não sei por quê. A minha mãe arranjou uma pessoa que ela tem né, que não gosta de mim também não sei por quê"* (H, 20 anos, trabalhador).

A ausência da figura paterna fez com que os jovens tivessem outras pessoas como referência, nomeadamente os avôs, padrastos, indivíduos das associações ou líderes religiosos. Estes conflitos nas relações se manifestam muitas vezes pela falta de comunicação, compreensão, respeito, confiança e apoio, pela violência física e emocional, pela não contribuição para as despesas de casa ou pela diferente distribuição de poder ou transferência do stress do trabalho para casa:

> *"(…) sempre que ele chega em casa tem problema, ou seja, ele se estressa com o trabalho, vem descontar na gente. Então implica nas ruas, vem implicar com a gente em casa. Fazia sempre confusão. (…) eu já não conseguia dormir que eu dormia, desperto do sono ouvindo barulho, toda hora confusão, depois até chegou um ponto em que ele tentou bater na minha mãe e foi de lá que as coisas pioraram pra ele."* (H, 21 anos, trabalhador).

Uma parte muito pouco significativa dos jovens indicou que os seus amigos tiveram influência para que agissem de determinada forma, refletindo certos acontecimentos como a motivação para iniciar um conflito ou mudar o seu percurso de vida.

Comunidades em que os jovens estão inseridos

Ao analisarmos os aspetos sobre as comunidades, destacamos três campos de análise, nomeadamente os conflitos entre etnias, os conflitos entre jovens e a segregação social. Nota-se que, no quadro geral, quase a metade dos jovens entrevistados relatou pelo menos algum dos três aspetos referidos, sendo os conflitos entre etnias o aspeto mais referido, seguido dos conflitos entre jovens.

No que diz respeito aos conflitos entre etnias, pôde-se depreender das entrevistas que há um estranhamento generalizado entre as diferentes etnias identificadas pelos jovens, nomeadamente a etnia cigana, negra e branca, fazendo com que a perceção das relações entre

etnias seja a de que *"(…) aqui existe muito preconceito, né? Porque também há portugueses aqui que não aceitam ciganos, ciganos que não aceitam portugueses, negros que não aceitam portugueses e portugueses que não aceitam negros*" (M, 21 anos, estudante).

As dimensões das questões relacionadas às etnias não se restringem a um grupo que direciona as agressões e violência a outro grupo, mas mostram-se dinâmicas e fluidas a depender do ambiente em que ocorrem, na tentativa de incorporar espaços de poder. De acordo com os entrevistados, esses conflitos refletem-se tanto no ambiente escolar na forma de "*bullying"* (termo atribuído pelos jovens às agressões físicas e verbais), como no mercado de trabalho com discriminações, mesmo que subtis:

> "*Há pessoas que dizem que eu não pareço muito cigana e há pessoas que não veem logo que eu sou cigana, só que depois de estar lá e fazer as coisas é que elas vão vendo que eu sou cigana. E quando eu vou lá elas dizem assim 'amanhã tens de estar aqui às tantas horas outra vez' e quando eu vou no outro dia lá, elas já não querem*" (M, 18 anos, nem-nem).

Da análise das entrevistas, nota-se que *os* relatos das raparigas sobre os conflitos entre etnias compreendem quase três quartos de todos os relatos sobre o tema. Quanto aos grupos etários, percebe-se que metade dos relatos é feita por jovens entre 15 e 19 anos, que se mostram conscientes e, de certa forma, preocupados com temas como o *bullying* nas escolas e com a discriminação no mercado de trabalho, enquanto a outra metade dos relatos, referente à faixa etária de 20 a 24 anos, relata que "(…) *às vezes há uma tentativa de hierarquia*" (M, 24 anos, trabalhadora) entre os diferentes grupos étnicos.

Os jovens estudantes, por sua vez, somam quase dois terços dos entrevistados e se concentram nas questões de *bullying* praticado pelos ciganos nas escolas, ao relatarem que "(…) *juntar africanos com ciganos é um problema então era isso que tornava a escola problemática*" (H, 20 anos, estudante) ou ainda "(…) *vou falar os ciganos em partes, eles têm muito disso que quando tão sozinhos, eles nunca enfrentam nem fazem nada, mas quando tão em grupos, eles chamam alguém, sempre num grupo pra vir atacar de tipo, vir fazer bullying e essas cenas todas*" (M, 16 anos, estudante).

Contudo, quando a análise é feita a considerar os jovens nem-nem, há um relato que apresenta uma perspetiva do *bullying* praticado contra os ciganos. Quando questionada sobre a ida à escola, a entrevistada relatou que "*também havia muitas questões de racismo na escola onde eu andava e eu não, não conseguia mais*" e ainda, "*por exemplo, eu quando tava na escola, no quarto ano, eu nas aulas, vinha uma rapariga, chegava-se ao pé de mim e beliscava-me, puxava meu cabelo, isso e aquilo*" (M, 18 anos, nem-nem), o que nos permite ter uma noção, ainda que limitada, da complexidade trazida pelo tema em questão.

Por fim, quando a análise considera a naturalidade dos entrevistados, os jovens nascidos em Portugal atribuem maior ênfase aos conflitos mútuos entre a etnia cigana e as demais. No caso dos jovens nascidos fora de Portugal - pouco mais de um quarto dos entrevistados que abordaram este tema - apesar de evidenciarem os conflitos com a etnia cigana, fazem também uma abordagem geral dos conflitos, uma vez que "*acho que a confusão tipo entre bairro mesmo, ou a família, começa coisa, depois chama amigos e vem confusão*" (M, 16 anos, estudante).

Assim, há uma perceção de que os conflitos na zona surgem de maneira orgânica e generalizada, sem um enviesamento por problemas entre etnias.

Algumas raparigas entrevistadas expõem episódios de assédio sofrido na zona em que vivem, explicando que *"às vezes quando passo por aqui, [onde] ficam essas pessoas, depois ficam a olhar muito e querer chamar atenção e não sei o que, sabe como é? As pessoas passam na rua, no caso mulheres, já sabem os olhares como é que ficam"* (M, 16 anos, estudante).

Os jovens entre 15 e 19 anos concentram quase a totalidade dos testemunhos sobre os conflitos entre a juventude e os caraterizam como conflitos entre gangues ou os relacionam a problemas com álcool e drogas, sendo que a maioria dos relatos foi feita por estudantes que enfatizaram o conflito verbal como o mais frequente, mas não deixam no esquecimento os conflitos físicos ao citarem agressões, prisões e até mortes na freguesia, problemas também trazidos pelos jovens nascidos em Portugal, que têm uma perceção generalista de que "(…) *os adolescentes agora nascem com ou nascem não, crescem com aquela mentalidade em que têm que estar sempre na defesa*" (M, 18 anos, estudante). Poucos são os relatos compreendidos entre jovens maiores de 20 anos, mas percebem que "*temos muitos conflitos*" (M, 24 anos, nem-nem) na freguesia.

Além disso, os jovens também expressam consciência de que a realidade social é complexa e multifacetada. Percebe-se que alguns jovens entendem alguns de seus privilégios e suas necessidades sem desconsiderar o contexto em que se inserem, conseguem olhar para outros jovens e perceber o que lhes falta a mais ou a menos, "(…) *no meu caso, é, porque não tenho falta de nada, é mais fácil para mim do que para algumas pessoas da minha turma provavelmente*" (M, 15 anos, estudante).

Uma pequena parte dos jovens entrevistados relata um cenário de desigualdades sociais dentro do mesmo território, de modo que Santa Clara é descrita por eles como "*a freguesia mais pobre de Lisboa, e a freguesia mais rica de Lisboa, porque as pessoas mais ricas e mais pobres vivem nessa freguesia*" (H, 23 anos, trabalhador), onde percebe-se uma segregação espacial das pessoas financeiramente menos privilegiadas em relação às pessoas com melhores condições financeiras que "*se concentram na zona a volta do metro*" (H, 23 anos, trabalhador) que " *não é muito rica, mas em comparação àquilo que nós vivemos no bairro, é muito rica*" (H, 23 anos, estudante).

Situação socioeconómica

Quase todos os jovens entrevistados ainda residem com os pais ou responsáveis e são sustentados ou apoiados financeiramente por eles, mas contribuem em casa ou manifestam uma preocupação em contribuir para custear as despesas familiares.

> *"(…) ver minha mãe assim todo final do mês a pagar a renda na minha frente, e a e sustentar na minha frente, mesmo com toda a dificuldade que ela tem. (…) vendo isso eu preferi ir também ajudar"* (H, 21 anos, trabalhador).

Outro exemplo desse cuidado em contribuir, que é especialmente presente nos relatos dos imigrantes, é: *"Ajudar aqueles que ficaram, os mais pequenos, até os 'mais grandes' também, aqueles que já me ajudaram até chegar aqui agora. Tenho que reconhecer"* (M, 21

anos, trabalhadora). Mesmo os menores de idade afirmam estarem atentos a esse aspeto e pensam em auxiliar com as despesas assim que puderem: *"vou arranjar um tempinho pra trabalhar que é pra dar dinheiro a minha mãe, pra não ser a minha mãe a dar dinheiro a mim"* (M, 16 anos, estudante).

Os familiares desses jovens (pais, avós, etc.) possuem (em sua maioria) empregos precários ou pouco qualificados, sobretudo como funcionários de limpeza, motoristas e trabalhadores de supermercado. Outras profissões declaradas foram autônomo, auxiliar educativo e esteticista e alguns jovens também relataram terem pais reformados por doenças ou acidentes: *"A minha mãe é reformada, devido a um problema de saúde que teve... teve que ficar reformada mesmo"* (H, 19 anos, estudante). Apesar dos baixos rendimentos, poucos entrevistados (apenas cerca de 5% souberam informar receber ou já terem recebido subsídios ou alguma forma de apoio financeiro através da Segurança Social, mas o tipo e volume do apoio varia. Existem famílias a receber a reforma, outras que beneficiam do RSI e/ou do fundo-desemprego. Houve um entrevistado que afirmou também receber ajuda do Banco Alimentar. A maior parte dos que afirmaram receber algum auxílio eram homens, trabalhadores e maiores de 20 anos.

Muitos dos entrevistados apresentaram um descontentamento com a falta de oportunidade geral (de estudos, emprego, etc.) no país. *"Os trabalhos que não dão. Aqui em Lisboa ou pra qualquer lado. Muito difícil conseguir trabalhar. (…) Porque aqui não trabalhas muito e não recebes nada pro que fazes. É o que eu acho. Depois não dão trabalho"* (M, 20 anos, nem-nem). Eles também afirmaram que este cenário foi agravado pela pandemia da Covid-19, sobretudo para os pequenos negócios e para jovens e familiares dos jovens que perderam o emprego durante a pandemia. Os homens e maiores de 20 anos mencionaram a falta de oportunidade em Portugal. A maior parte dos nem-nem entrevistados também apontaram este problema. Proporcionalmente, mais imigrantes comentaram a falta de oportunidade em Portugal do que os portugueses.

A consciência dos jovens em relação ao contexto não se limita às oportunidades, mas também passa pela crítica às injustiças que vivenciam e às estruturas limitantes que os cercam. Alguns dos entrevistados apontaram impedimentos sociais estruturais para a sua melhoria de vida e ascensão social, tais como a incompatibilidade entre estudo e trabalho *"muitos empregos não dão facilidade pra gente estudar. E os que dão, o salário é pouco. Às vezes não chega pra pagar a escola, pagar a habitação e alimentação, "pt", não chega"* (H, 20 anos, trabalhador).

Alguns jovens relataram salários baixos e insuficientes para garantir a subsistência.

> *"Porque há muitas pessoas que não querem sair desta zona, querem continuar a viver nesta zona. É pena que não tem possibilidade para pagar as rendas exorbitantes que agora estão a pedir nestas novas construções que estão a fazer. (…) Prolongam a sua estadia na casa dos pais, porque não tem uma casa. Gostaria também de comprar, mas nesta altura as casas que temos aqui as casas são exorbitantemente caras"* (M, 23 anos, trabalhadora).

Outros criticam ainda a falta de oportunidade de emprego para a juventude, pois mesmo os cargos iniciais possuem muitos pré-requisitos. *"(…) nós, os jovens, tenho reparado que o trabalho mesmo requer no mínimo um ano de experiência. E este ano de experiência com a*

pandemia foi um bocadinho dificultado. Portanto, nós não temos meios para chegar onde queremos" (M, 18 anos, estudante).

A perceção desses jovens é de que não há uma saída viável para eles mesmo que se esforcem para melhorar sua qualidade de vida.

> *"(…) o sistema não está feito para pessoas como nós, digo para pessoas dessa zona que vivem essa realidade porque eu digo isto, que eu, mas todos os meus amigos e meu círculo próximo, todos vivemos assim (…) não vou a lado nenhum, ou seja, investir em mim e nos meus projetos e nos meus sonhos, um, o sistema não me permite (…) sabendo que o salário mínimo é o que é e sabendo que para receber mais tenho que ter formação, mas pra ter formação, tenho de pagar e é um ciclo"* (H, 23 anos, trabalhador).

Não foram observadas diferenças significativas entre os sexos quanto às críticas ao sistema, mas todos os jovens críticos possuíam mais de 20 anos e a maioria era trabalhadores e nacionais.

Formação e competências

A metade dos entrevistados está em formação e quase todos os estudantes dedicam-se ao estudo a tempo inteiro sem exercerem trabalho remunerado.

Um número quase igual de jovens entrevistados estão nas escolas secundárias e nas escolas profissionais. Há mais meninas nas escolas profissionais do que homens, mas nas escolas secundárias há um número igual de homens e mulheres. Também um igual número de homens e mulheres seguiu para o ensino superior. Embora o anseio da maioria dos alunos secundários seja ingressar no ensino superior, a passagem não é automática. Alguns dos imigrantes procuram primeiro um trabalho para juntar recursos para os estudos. Outros optam primeiro por um curso técnico numa área ligada ao seu interesse e com boas perspetivas de sucesso.

> *"Eu não tinha notas baixas no secundário, mas a faculdade nunca me chamou a atenção talvez por não ter nenhuma área especifica que me interesse. Eu sempre gostei do mundo da estética e dos cuidados pessoais então este curso de 2 anos que engloba várias coisas então procurei por aí…. Eu espero ter bastantes lucros e ser boa naquilo que faço. Também é uma área que dá bastante dinheiro pode ser que seja bem sucedida nisso"* (M, 18 anos, estudante).

Entre os entrevistados que deixam de estudar mais cedo, isto é, durante ou no fim do nível básico e do nível secundário, encontram-se mais homens do que mulheres. Entre os jovens nem-nem, a maioria tem um nível escolar abaixo do nível secundário.

Os entrevistados que pertencem à etnia cigana têm um nível mais baixo de escolaridade em comparação às outras identidades culturais, com alguns sem completar o 1º ciclo do ensino básico, por exemplo.

A maioria dos entrevistados já teve uma experiência profissional, sendo grande parte deste grupo indivíduos maiores de 18 anos. Entre os com experiência de trabalho, também há jovens que agora são somente estudantes, pois poucos conciliam estudo com trabalho.

Grande parte das experiências prévias declaradas são trabalhos semiqualificados. Mesmo assim, são fontes de experiência e de aquisição de competências para os jovens, para além de serem fontes de rendimento da família e de independência financeira dos jovens, por exemplo *"(...) trabalhei em vários sítios: trabalhei em telecomunicações, as vezes serralheiro, trabalhei em distribuição, também em várias coisas, no Chronopost e género assim. Também trabalhei como ajudante de eletricista."* (H, 23 anos, trabalhador). Outras fontes de experiência e de aquisição de competências são os estágios e o voluntariado. Somente duas entrevistadas conseguiram fazer estágios profissionais. Alguns entrevistados lamentaram o facto de ainda não ter conseguido fazer um estágio profissional por causa da pandemia.

A grande maioria dos entrevistados que dedicam-se a um trabalho voluntário são raparigas portuguesas maiores de 18 anos, variando entre estudantes e nem-nem. Três meninas juntaram-se a iniciativas da escola, mas é mais frequente fazer voluntariado nas associações. Os objetivos do trabalho voluntário são vários: "(...) *eu faço um voluntariado na Associação Miguel Reis "Luta por Valores", nós ensinamos às crianças, dos seis aos dezoito mais ou menos, a prática do Kickboxing(...) ensinamos também outros valores, porque são crianças assim, com um uns certos problemas, seja em casa, seja na rua, por comportamentos, faltas de pontualidade na escola e assim nós tentamos ajudá-los, não só na parte física, mas também na parte mais interior, por assim dizer."* (H, 21 anos, nem-nem).

As experiências voluntárias podem criar oportunidades para os jovens, como demostra um exemplo:

> "*O primeiro trabalho que eu tive foi trabalhar como consultor jovem num projeto de consultoria à Secretaria de Estado e Educação. Eles precisavam de um consultor jovem que era alguém que pudesse passar a voz dos jovens ao, dentro daquele momento pra tomar decisões pro sistema de educação (…) Foi mais por conhecimento e porque eu tenho experiência, pronto, algum tempo fui catequista e tudo assim e toco guitarra e também sou músico. E então, a coordenadora achou que as ferramentas que eu tinha seriam as que eram necessárias pra estar com os miúdos*" (H, 23 anos, trabalhador).

As formações extracurriculares oferecidas pelas associações são outras fontes de aquisição de competências. Elas também ajudam no desenvolvimento de autoestima, "*Eu falava as palavras e não sabia o significado das palavras. Foi lá que eu aprendi tudo isso e também de ir lá né eu comecei a fazer minhas tarefas em casa mesmo no dia a dia a estudar. Depois, até hoje, graça a lá, sou um homem hoje, graça a lá.*" (H, 21 anos, trabalhador), bem como criam habilidades importantes para o futuro dos jovens, como neste exemplo, "(...) *aquilo era só curso básico mesmo só da parte de computador, ou seja, só processador de texto*" (H, 21 anos, trabalhador).

Ocupação profissional dos jovens

Metade dos entrevistados é de estudantes, sendo que, como mencionado anteriormente, poucos conciliam estudo e trabalho. Quanto aos trabalhadores, a maioria é lojista ou atendente de supermercado. Poucos são trabalhadores independentes, cuidadores familiares ou auxiliares educativos. Os entrevistados que se identificaram como trabalhadores independentes eram, em sua maioria, de etnia cigana e não possuíam ensino secundário, mas não houve variações significativas entre os sexos. Porém, faz-se importante destacar que a amostra de trabalhadores por conta própria é pequena. Todas as jovens que afirmaram serem auxiliares educativas e cuidadoras eram mulheres. Os nem-nem não apresentaram variações em relação ao sexo, etnia, nem escolaridade, mas eram todos nacionais.

A rotina diária dos jovens é bastante variada, uns se dedicam mais ao trabalho e estudo, outros às tarefas domésticas ou ainda ao cuidado familiar. A maioria dos jovens que afirmaram contribuir para as tarefas domésticas são estudantes e mais da metade destes são mulheres. Os imigrantes citaram as tarefas domésticas e o cuidado familiar em maior proporção que os jovens nacionais. Surpreendentemente, não há diferenças quanto ao sexo no caso dos cuidadores familiares. Também não há diferenças em relação às ocupações destes cuidadores, à exceção de um número menor de estudantes que realizam estas tarefas. Estes jovens cuidadores usualmente se ocupam com as incumbências advindas de terem pais doentes, filhos ou irmãos mais novos, mas também cuidam dos sogros e dos avós.

Outras atividades diárias mencionadas foram a prática religiosa e o exercício físico. Poucos jovens afirmaram praticar atividade física, mas todos os que disseram se exercitar eram homens, em sua maioria com mais de 20 anos. A falta de ocupação também apareceu nos relatos dos jovens, em que a maioria dos que afirmaram sentir-se desocupados eram nem- nem e homens, sendo todos maiores de 18 anos. Alguns deles não se importavam de estar desocupados ou mesmo gostavam desse tempo livre *"ou então mesmo não fazer nada, que isso também gosto"* (H, 21 anos, nem-nem), outro jovem afirma que *" desfrutamos a vida"* (H, 19 anos, trabalhador). Nenhum imigrante disse sentir-se desocupado.

A maioria dos jovens entrevistados afirmaram usar seu tempo de lazer para passear, conviver com amigos e família ou praticar alguma atividade física. Mais homens e jovens menores de 18 anos disseram praticar algum desporto como atividade de lazer, como por exemplo futebol, voleibol e basquetebol.

Os jovens que gostam de passar tempo em casa são em sua maioria mulheres maiores de 18 anos. Poucos jovens que afirmaram desfrutar de aparelhos eletrónicos no seu tempo de lazer são maiores de idade e quase todos são estudantes. A maior parte dos jovens que citaram as artes referiram-se à música como um hobby.

5.2.2. Desafios e perspetivas dos jovens entrevistados

Dificuldades

A maioria dos entrevistados trazem uma carga extensa sobre suas dificuldades atuais. Trinta e oito dos quarenta e dois jovens relataram alguma dificuldade que enfrentam no seu cotidiano. As mais citadas foram as dificuldades financeiras, seguidas por doenças (própria ou familiar – com número de relatos foi mais expressivo), dificuldades académicas e para conseguir emprego, em seguida, dificuldades emocionais. As menos referidas foram as dificuldades habitacionais, a falta de tempo ou stress, o sentimento de não se sentirem realizados e por fim, as dificuldades em lidar com a pandemia.

Sobre as dificuldades financeiras, os relatos femininos foram ligeiramente maiores que os relatos masculinos, sendo que a maioria dos relatos foi de jovens trabalhadores maiores de 20 anos, como exemplificado no trecho "s*ó dois ordenados mínimos acabam por não dar pra tudo, por mais que a gente queira, não dá pra tudo, mas não sei*" (M, 24 anos, trabalhadora).

Quanto à dificuldade de conseguir emprego, o número de jovens do sexo masculino foi ligeiramente maior que as do sexo feminino, sendo a maioria dos relatos de jovens trabalhadores e nem-nem entre os 20 e 24 anos que dizem que é "*muito difícil conseguir trabalhar. Eu pra conseguir esse trabalho, meu Deus, demorou muito.*" (M, 20 anos, nem-nem).

Em relação às dificuldades com doenças, não há diferença significativa entre os relatos de mulheres e homens, mas nota-se que as entrevistas dos jovens portugueses, estudantes e maiores de 20 anos foram as que somaram mais relatos sobre este tema. A dificuldades por doença podem ser em relação à família: "*acerca de um ou dois meses, que a minha mãe está internada (...) Então a minha tarde é mais resumida a uma visita no hospital*" (M, 18 anos, estudante) ou em relação aos próprios jovens, como:

> "*eu tenho esclerose múltipla, já sou portador dela há 5 anos e isso de vez em quando implica algumas limitações, por exemplo, no ano passado tive de terminar o 2º semestre a meio por ter de exatamente descansar, tinha feito esforço o ano inteiro e a certa altura tinha mesmo de parar porque senão podia acontecer algo pior*" (H, 20 anos, estudante).

Outras dificuldades que constam das entrevistas são as emocionais, sobre as quais as entrevistas femininas representam o dobro das entrevistas masculinas, e se referem às questões mais gerais da saúde mental e da adolescência ou também às questões familiares, "*(…) foi bastante difícil perceber que o meu pai não quer muito saber de mim, foi bastante difícil. Eu digo que não ligo, mas no fundo, ele é meu pai, né?*" (M, 16 anos, estudante). Essas dificuldades também são mais frequentes entre os jovens portugueses que estudam e/ou trabalham. Já as dificuldades habitacionais, foram mais mencionadas por jovens portugueses trabalhadores, maiores de 20 anos e expressam que "*(…) mesmo nós, ou seja, nós não somos muito e a gente tá a procura de casa também, temos essa dificuldade como os outros também têm. É isso também, naquela parte de dificuldade tem também tem a ver com casa*" (H, 21 anos, trabalhador).

Todos os relatos sobre o sentimento de não realização também vêm deste mesmo grupo e dizem que "*os maiores desafios são com aquele infantário e alcançar o meu objetivo que é estudar, fazer o curso que quero*" (M, 21 anos, trabalhadora), ou ainda, "*(…) não era um curso que me interessasse, tinha que ir porque por causa de ela receber o RSI, mas não era um curso que me interessasse, não era nada que me interessasse muito, não é o que eu quis, era desenho*" (H, 23 anos, trabalhador). Alguns jovens, em sua maioria de 20 a 24 anos apontaram a falta de tempo e o stress como uma dificuldade que enfrentam, e realçam que "*(…) acho é mais o tempo, o tempo para descansar um bocadinho também, para interagir mais com as pessoas. O tempo para dormir também. Acho que é basicamente o tempo. Sim. O tempo e o cansaço, mesmo. Cansaço, stress por causa do stress.*" (M, 20 anos, estudante).

A maior parte dos que apontam a dificuldade em lidar com a pandemia, é formada por mulheres estudantes, dos 15 aos 24 anos, e nos dizem que "*(…) na pandemia é difícil me habituar a certas coisas, principalmente, sou duma pessoa de muito contato e de muito afeto. E ver que isso deve desaparecer quase todo é um bocadinho desta forma. É a maior dificuldade*" (M, 17 anos, estudante).

Além de compartilharem as dificuldades mencionadas, mais da metade dos jovens entrevistados que nasceram no estrangeiro expressaram algum tipo de dificuldade relativa à imigração. O problema mais frequente nas entrevistas é a burocracia com a documentação, pois apontam que a "*(…) marcação de SEF[18], o que é muito complicada*" (H, 20 anos, trabalhador).

O grupo de jovens estudantes imigrantes com idade entre 15 e 19 anos, compreendem a maioria dos testemunhos sobre dificuldades académicas, relatadas como:

> "*a matéria e o estudo de São Tomé é diferente de Portugal é tipo mais básico, acho eu, e quando eu não me adaptei às matérias de Portugal, então eles virão que eu não sabia quase nada, então eles viram e perceberam que eu precisava de começar do início, então eu fui e comecei a fazer o primeiro ano de novo, mas eu já tava no terceiro*" (M, 16 anos, estudante).

Ainda mais, exprimem a dificuldade de integração para fazer amizades, "*(…) eu supostamente vou fazer 3 anos que estou cá em Portugal e eu não tenho muitas assim amizades*" (H, 21 anos, trabalhador) e percebem a dificuldade de integração: *"(…) não nasci aqui, (…) não espero muita coisa porque também não há muita coisa. Para imigrantes, não há quase nada..."* (H, 20 anos, trabalhador).

Apesar de poucos entrevistados, entre os quais imigrantes e jovens de 20 a 24 anos, apontaram vivenciar dificuldades em relação à moradia, fizeram críticas à precariedade das habitações da freguesia. Eles indicaram que as casas são antigas e mal conservadas e que possuem preços pouco acessíveis. Um jovem relatou que *"(…) a casa não tem muitas condições (...), porque precisa de algumas obras, há mais de quarenta anos que nunca fizeram obras naquela vivenda... pronto, é uma casa que a gente tá lá pra desenrascar"* (M, 21 anos, estudante), outro disse que *"vivem uns 6 ou 7 pessoas numa casa"* (H, 19 anos, trabalhador).

[18] SEF é o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, responsável pelo controle e regularização de imigrantes em Portugal. Disponível em: https://www.sef.pt/pt/Pages/Homepage.aspx. Acesso em 10 fev. 22.

Porém, mencionaram a iniciativa do governo de unir habitações populares subsidiadas e prédios mais luxuosos na mesma zona. Entretanto, os projetos habitacionais não satisfazem as necessidades de moradia, sobretudo para a população jovem.

> *"É pena que não tem possibilidade para pagar as rendas exorbitantes que agora estão a pedir nestas novas construções que estão a fazer. Ou seja, construir outros prédios mas com rendas mais acessíveis e também para ajudar os jovens que estão a querer comprar uma casa tenham esta possibilidade comprar uma casa na sua zona, no seu distrito e que não tenham de deslocar para fora de Lisboa e coisas do género"* (M, 23 anos, trabalhadora).

Finalmente, alguns jovens nos mostraram não identificar uma dificuldade em específico, relatando que não veem "*(…) grandes desafios, claro que tomar em conta que há sempre os desafios diários, mas nada preocupante que me causa ansiedade*." (M, 23 anos, estudante) ou ainda, "*não tenho dificuldades, ou seja, (…) não tenho carências de fome nem de nada do género, a minha carência é os meus sonhos*." (H, 23 anos, trabalhador). Grande parte dos relatos sobre essas perceções que nos dão um sinal de como alguns jovens entendem as dificuldades que enfrentam, são femininos e do grupo etário de 20 a 24 anos, de jovens estudantes e trabalhadores portugueses.

Anseios e motivações

Ao questionarmos aos jovens como se veem daqui a cinco anos, as respostas dadas foram bastante diversas, sendo que estes anseios variam a nível profissional, académico, familiar ou social, material, local de residência ou ainda a falta de perspetiva, sendo que alguns jovens apenas se referem a uma área da vida, enquanto outros se referem a várias áreas simultaneamente.

Quanto aos anseios profissionais, muitos jovens referiram-se a uma grande diversidade de áreas e posições em que gostariam de trabalhar, nomeadamente ter o seu próprio negócio ou trabalhar por conta de outrem na área da saúde, turismo e restauração, estética, música, segurança, ensino, retalho e reposição, contabilidade e no setor social.

A grande maioria dos jovens indicou que gostariam de finalizar o curso que fazem ou que planeiam fazer, referindo que este seria um passo fundamental para realizar os seus anseios profissionais. Os cursos incluem as áreas da saúde, desporto, informática e comunicação digital, segurança, filosofia, gestão, ciências e forenses criminais, ensino e música. As motivações dos anseios profissionais e académicos são o facto de os jovens terem interesse e gostarem das áreas referidas, para ajudarem os clientes e a sociedade em geral como defensores e servidores da mesma:

> "*Eu sempre quis ser polícia, não é só pela razão de querer ser polícia, mas pra ajudar as pessoas, (…) não é só a profissão de servir a uma farda, de servir uma nação, é ajudar as pessoas a saberem estar, a estabelecerem relações entre elas. Evitar os conflitos (…) é pra lutar contra isto. Isto é um grave problema dos bairros que é a*

má gestão. É muito grave essas situações de conflito" (H, 19 anos, estudante).

Outras motivações também incluem ter melhores condições de vida para ajudar os seus familiares e o facto de terem tido alguém próximo que teve essa profissão:

> "*Porque o meu avô foi pra tropa também e, e eu gosto bué de adrenalina, quero conhecer cenas novas e não quero ser mais um do bairro. Claro que eu gosto do meu bairro e eles fazem parte de mim também, é minha segunda família, mas se eu puder ir além ou mais que isso, isso se Deus quiser vou ter mais condições e consigo ajudar todos eles"* (H, 17 anos, estudante).

Acerca de questões de relacionamento, muitos jovens também indicaram que gostariam de ter a sua família reunida e de ter parceiros e filhos, principalmente após terem terminado os estudos e já terem alguma independência dos pais e uma maior estabilidade financeira e emocional: "*Não tenho muitas perspetivas pra tal, nem casar nem ter filhos porque sempre tem essa questão do terminar o curso. Ou seja, antes de terminar o curso não vou nem ter casa própria, nem casar, nem ter filhos porque não há essa estabilidade nem financeira nem emocional*." (M, 22 anos, trabalhadora).

Conquistas materiais também foram bastante mencionadas pelos jovens, o que inclui ter a sua própria casa, carro e carta de condução e ter autonomia financeira para o seu autossustento pois não querem depender dos pais. Quanto ao local de residência, um terço dos jovens tem o desejo de morar fora de Santa Clara, um número maior que os que se pronunciaram a favor da continuação na freguesia. As principais razões para a mudança da freguesia são a vontade/necessidade de estudar e as oportunidades de emprego e de habitação fora da freguesia. Alguns entrevistados pretendem trabalhar noutro país devido a falta de oportunidade de emprego em certas áreas profissionais, o salário menos competitivo, os maiores apoios internacionais para estudar e a vivência de familiares fora de Portugal. Poucos jovens não souberam falar sobre as perspetivas de futuro.

Oportunidades e estratégias de concretizar o sonho

Poucos entrevistados pronunciaram-se sobre as oportunidades de realizar o seu plano do futuro. A maioria espera o apoio de familiares, por exemplo *"A coisa de modelo, eu pedi ao meu padrinho pra, pra falar com o senhor pra ver se ele podia dar uma ajuda, mas acho que meu padrinho não falou."* (M, 16 anos, estudante). Uma outra oportunidade é a herança: "*(...)muitos mercados já tinha há muitos anos quando os meus pais tinham início das atividades abertos e tudo, pronto. E hoje em dia pararam, e então eu fiquei"* (H, 23 anos, trabalhador).

Na opinião de alguns entrevistados oportunidades surgem do esforço próprio, por exemplo através de boas médias na escola, ganhar um prémio de estudo ou um prémio de uma música que abre novas possibilidades.

Em relação a sua carreira profissional alguns entrevistados imigrantes veem mais oportunidades em Portugal do que no país de origem, *"Primeiro acho que vou trabalhar aqui, porque aqui tem mais oportunidades e depois ganhar mais experiência aqui e, quem sabe, voltar para Cabo Verde"(*M, 20 anos, estudante), enquanto outros veem mais oportunidades e

melhores vencimentos em países fora de Portugal, "*eu terei de sair de Portugal, já que não há tanto emprego aqui e os que têm não pagam assim tão bem, então terei que sair e treinar certas coisas como a língua porque vou me mudar para um país inglês"* (M, 18, estudante).

Enquanto poucos identificaram oportunidades, a grande maioria dos entrevistados apresentou estratégias de como concretizar os seus planos para o futuro. Os mais jovens, na faixa etária de 15 a 18 anos, priorizaram o término do ensino secundário. Nota-se uma diferença das perspetivas entre os estudantes das escolas profissionais e das escolas secundárias. Aqueles num curso profissional mostraram o anseio de trabalhar na área profissional do seu curso: *"Eu acho que vou seguir mesmo o meu curso, tá a correr bem, (...) Eu vou seguir isso (restauração). Agora quero mesmo trabalhar na área"* (M, 18 anos, estudante).

A maioria dos estudantes nas escolas secundárias prepara-se para candidaturas às faculdades. Porém, nem todos perspetivam este caminho, mas preferem ganhar experiência e dinheiro para fins próprios.

> "*Arranjar um trabalho, nem que seja de Pingo Doce, fazer trabalhos, juntar dinheiro. Não quero ir para a faculdade agora, porque, imagina, alguns colegas meus vão sair do curso, "Ah, vou para a faculdade", não vai ter experiência nenhuma. Não vai ter experiência, tipo, outras coisas, para ter mais maturidade entre aspas. Não vou para a faculdade. Vou arranjar um trabalho, vou juntar dinheiro para uma casinha, ou que nem seja um quarto, está assim, quanto vejo que o dinheiro é bom, coisa, tento arranjar uma casinha, algo que esteja bom, né, isso*" (M, 16 anos, estudante).

Para a grande maioria dos entrevistados na faixa etária de 19 a 24 anos, a estratégia de conseguir a realização do seu plano é ter um emprego para juntar recursos que possam investir no seu plano de futuro, seja este de capacitação e formação, de abrir o próprio negócio ou investir em recursos profissionais *"Gostava de trabalhar ligado ao som, música. Estar num estúdio, trabalhar ou em concertos. É o que gostava de fazer. (…) Neste momento juntar dinheiro para ter possibilidade de o fazer. (…) Tenho guardado para estar a vontade com isso. E para investir em material"* (H, 21, trabalhador).

> "*O que eu penso em fazer? Procurar trabalho lá antes sequer de, de começar a escola quando abrirem o concurso na época de candidatura, procurar já um trabalho lá. Vou…me mudar pra lá antes e ver uma casa e tudo isso e já com o trabalho lá, já, por exemplo, uns 5 meses por exemplo, digo lá, um, "quero estudar, portanto, seria muito mais fácil para mim se vocês me pusessem no horário noturno" e tentar ver, tentar conciliar os estudos e o trabalho"* (H, 21 anos, trabalhador).

Outras motivações para a busca pelo trabalho remunerado são a ajuda aos familiares e a estabilidade financeira em geral. *"De momento a trabalhar claro, pronto eu sei que a minha mãe*

me apoia em tudo, mas eu disse não, vou trabalhar e conseguir as cenas com o meu esforço ia ser diferente" (H, 21 anos, trabalhador) .

Necessidades para concretizar o plano

Dentre as necessidades citadas pelos jovens, são mais recorrentes as necessidades e apoios financeiros, seguidos do apoio familiar e para os estudos, oportunidades de emprego e as necessidades de apoio emocional. Precisar conciliar estudo e trabalho e a ideia de que seus sonhos dependem somente do próprio esforço e dedicação também aparecem nas entrevistas.

> *"(…) é preciso de comprar roupas, um lugar pra eu estar, eu posso estar a pagar a casa onde eu vou estar e vou precisar desse dinheiro e além de tudo eu não sei se eu vou ir pra faculdade, eu preciso de bolsa... eu tenho que ganhar bolsa pelo meu esforço ou vou ter que pagar, e no caso eu vou precisar desse dinheiro, esse dinheiro do trabalho ajuda a pagar a faculdade" (M, 16 anos, estudante).*

As entrevistas femininas expressaram maior necessidade de apoio financeiro, familiar e de dedicação própria, dizendo que precisam *"(…) trabalhar porque o meu objetivo depende de dinheiro"* (M, 21 anos, trabalhadora). Nos relatos masculinos, o apoio financeiro também foi o mais citado, mas as necessidades de estudo foram mais referenciadas que o apoio familiar e a dedicação.

Entre os jovens estudantes e menores de 19 anos, o apoio familiar foi o mais citado, seguido do apoio financeiro. Os entrevistados também demonstram precisar "*(…) principalmente do apoio da minha família*" (M, 18 anos, estudante). Já com os jovens trabalhadores e maiores de 20 anos, as necessidades financeiras para alcançarem seus objetivos foram notavelmente mais referenciadas "*(…) acho que é assim, acho que o único auxílio que eu queria, era só mesmo o financeiro. Porque assim, o que que acontece... eu não teria que ser obrigado a procurar um segundo emprego"* (H, 21 anos, estudante trabalhador), seguidas de uma quantidade considerável de relatos sobre a necessidade de dedicação "*(…) como tudo depende de mim, então eu tenho que fazer as coisas acontecer*" (H, 21 anos, trabalhador) e não enfatizaram o apoio familiar como uma necessidade relevante para realizarem seus sonhos.

Há também algumas diferenças nas necessidades dos jovens nacionais e estrangeiros, de modo que para o primeiro grupo o apoio familiar aparece como a segunda necessidade mais citada (logo após a necessidade de apoio financeiro) e para o segundo grupo é a necessidade de estudar.

Barreiras para a realização dos sonhos

As principais barreiras à concretização do sonho que os jovens apontaram foram financeiras, a falta de oportunidade e barreiras educacionais. Mais de um terço dos entrevistados disseram esperar enfrentar barreiras financeiras seja porque precisam de dinheiro para financiar o sonho "(…) s*e eu entrasse pra uma faculdade que eu fosse bolsista, seria muito bom, não é? Ajudar-me-ia bastante. (…) era mesmo só dificuldade financeira, mas de restos, vontade não me falta*" (M, 21 anos, estudante) ou porque querem ter independência e estabilidade financeira antes de prosseguir com a realização de seus sonhos. *"(…) não vou a lado*

nenhum, ou seja, investir em mim e nos meus projetos e nos meus sonhos, um, o sistema não me permite mesmo porque, um, como é que eu vou agora ou pagar a música ou pagar a universidade sabendo que o salário mínimo é o que é e sabendo que para receber mais tenho que ter formação, mas pra ter formação, tenho de pagar e é um ciclo" (H, 23 anos, trabalhador). Mais de metade dos imigrantes entrevistados apontaram dificuldades financeiras como um empecilho à realização dos seus sonhos.

A falta de oportunidade se traduz na falta de oferta de emprego e de vagas em escolas para os jovens dedicarem-se ao que lhes interessa. Como afirmado anteriormente, os entrevistados queixam-se da falta de oportunidade em áreas como veterinária, saúde e ciências tecnológicas em Portugal.

Aproximadamente um quarto dos jovens não se sente academicamente preparado para realizar seu plano de vida. Alguns apontam dificuldades no aprendizado de línguas – sobretudo aqueles que desejam morar em outros países –, outros afirmam que não possuem as qualificações exigidas em sua área de interesse. *"(…) normalmente quem estuda música são pessoas que já têm percurso de conservatória há muitos anos e já têm conforto com música escrita, formalmente falando de partituras. Essa é uma parte que sei que vou ter de trabalhar bastante, então vai ser uma dificuldade sim"* (H, 20 anos, estudante). Mais rapazes e jovens maiores de 18 anos apontaram esta barreira em comparação às mulheres e menores de idade.

Outras barreiras citadas pelos jovens foram a falta de tempo, dificuldades burocráticas, questões de saúde e responsabilidades. Poucos entrevistados apontaram a barreira da falta de tempo, e os que o fizeram tinham mais de 18 anos. Cinco entrevistados com ocupações variadas e predominantemente homens com mais de 20 anos citaram questões burocráticas como uma barreira à realização dos seus sonhos, fossem eles profissionais, de estudo ou habitacionais.

> *"Tentas uma bolsa de estudos, basicamente a burocracia pra conseguires é pra te fazer desistir porque a única coisa que eu vejo é eles põem ali coisas e coisas e coisas pra te dizer 'ó, pá, mais vale a pena desistires, é mais fácil. É mais fácil"* (H, 20 anos, trabalhador).

As barreiras relacionadas à saúde dizem respeito ao bem-estar físico e mental tanto dos jovens quanto de seus familiares, estando também ligadas às barreiras das responsabilidades em relação a terceiros. A saúde física foi destacada principalmente como uma barreira para os entrevistados com dificuldades motoras e de fala, já a saúde mental foi apontada por alguns jovens que afirmaram serem muito tímidos ou terem baixa autoestima. *"(…) a minha autoestima porque as vezes penso que não consigo"* (M, 18 anos, estudante-trabalhadora). *Os entrevistados que indicaram esta barreira eram em sua maioria mulheres, maiores de 18 anos e estudantes.*

A barreira da responsabilidade não se limita ao cuidado de pessoas que dependem desses jovens por motivos de saúde, mas também ao apoio financeiro do qual algumas destas famílias precisam:

> *"(…) eu também venho dum bairro social e duma família assim, que não... as coisas não são muito fáceis nem temos assim, grandes ajudas, então, por exemplo, se eu começar a trabalhar hoje, eu sei que grande parte do meu*

salário vai pra minha família, pra poder ajudar nas compras, porque nós somos cinco, eu ajudo conforme posso. E isso vai atrasar um bocado os meus estudos então" (H, 21 anos, nem-nem).

Três meninas mencionaram a dificuldade da falta de apoio ou crença da família no sonho delas. Quatro entrevistados não souberam identificar barreiras.

5.2.3. Impacto da pandemia

Os entrevistados pronunciaram-se em relação a dois eixos centrais da pandemia: a) o impacto nas condições de vida dos jovens; b) o impacto nas perspetivas de futuro. A apresentação e análise das respostas dos entrevistados segue o modelo psicossocial de saúde de Engel (1980). As respostas foram agrupadas em seis categorias, para cada categoria foram selecionados os aspetos positivos, negativos e neutro.

Tabela 10: As seis categorias de análise do impacto da pandemia

Categoria	Positivo	Negativo	Neutro
C1: Impacto na saúde física e mental	• Tempo para relaxar e meditar • Maior paciência • Melhor higiene • Fazer mais exercício físico	• Doença grave e contágio na família • Perda de uma pessoa próxima • Medo e ansiedade • Solidão e isolamento • Depressão • Perda de motivação • Problemas visuais por causa do trabalho online • Aumento do peso • Aumento de consumo de álcool	Ninguém ficou doente
Positivo: *"Por exemplo, lavar mais vezes as mãos e desinfetar as mãos. Acho que podemos continuar a fazer isto mesmo quando a pandemia terminasse, porque é mais higiénico"* (M, 17 anos, estudante). *Esta coisa fez me crescer um bocadinho nesse aspeto, a nível de visão, de objetivos de vida, o que está em primeiro lugar, o quê que devo correr atrás ou não. Gostar de mim também"* (H, 24 anos, estudante). **Negativo:** *" nós apanhamos Covid no início de ano, em março e o meu filho nasceu no meio da pandemia por isso impactou muito, nós estávamos com muito medo"* (H, 22 anos, Nem-nem). *"Eu acho que isso afetou-me bastante, eu como sou uma pessoa que gosta de conviver com as pessoas ou estando com a família, é muito importante a convivência e isso afetou-me emocionalmente muito e também psicologicamente um tanto, foi difícil"* (H, 19 anos, estudante). **Neutro:** "*Ficar doente, ninguém. Ninguém apanhou"* (H, 15 anos, estudante).			
C2: Impacto social	• Famílias ficaram mais juntas • Procura de nova relação	• Perda de amigos • Distanciamento social e físico de familiares e amigos	Não houve dificuldades

<table>
<tr><td></td><td>• Passeios familiares no desconfinamento
• Comunicação facilitada pelas tecnologias</td><td>• Cansaço de ver sempre as mesmas pessoas
• Violência doméstica</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="4">Positivo: “Agora estive mais perto da minha mãe, quando as escolas fecharam e ela viu um pouco a maneira como eu estudava, porque ela tava perto, estávamos mais juntas” (M, 16, estudante).
“muitas das vezes estávamos todos juntos. Às vezes comíamos todos juntos. Ou juntávamos dinheiro entre todos e compramos para a mesa inteira e comemos todos. Foi assim uma maneira de poupar mais algo” (H, 23, trabalhador independente).
Negativo: “Fiquei mais tempo em casa e não pude estar com as minhas amigas para me expressar.” (M, 18 anos, estudante trabalhadora).
“Ele [refere-se ao padrasto] tentou bater na minha mãe e foi de lá que as coisas pioraram pra ele. Eu tinha que tomar medidas. E agora ele não tá connosco mais. Essa também foi uma mudança e eu fiquei muito mais aliviado também porque ele parecia um monstro na casa” (H, 21 anos, trabalhador).
Neutro: “eu sempre gostei de estar em casa e de estar afastada das pessoas então para mim foi um alívio estar em casa também então não senti essas dificuldades“ (M, 18 anos, trabalhadora).</td></tr>
<tr><td>C3: Impacto na vida diária e rotina</td><td>• Arrumação da casa
• Descanso
• Tempo para fazer o que gosta</td><td>• Rotina menos livre
• Preocupação com uso da máscara e desinfecção
• Muito tempo em casa
• Tédio
• Evitar o espaço público por medo de aglomeração
• Não pode fazer o trabalho voluntário em função do confinamento
• Perder a rotina de ir à igreja</td><td>Não mudou nada na vida diária</td></tr>
<tr><td colspan="4">Positivo: “Ganhei mais tempo para mim próprio no meu canto para fazer as minhas coisas” (H, 21, trabalhador).
Negativo: “também fui separada dos meus irmãos, termos que ficar fechados em casa, sem poder sair, conversar com os outros e depois mudar tudo completamente, como o estudo, agora tínhamos de estar sempre em frente do computador, era diferente, isso foi um impacto forte pra mim” (M, 16 anos, estudante).
“Tivemos muito tempo em casa sem trabalhar, todos dias mesma rotina, estar em casa vinte quatro horas por dia”(H, 23 anos, trabalhador independente).
Neutro: “Na minha vida não aconteceu nada” (H, 19 anos, trabalhador independente).</td></tr>
<tr><td>C4: Impacto nos estudos</td><td>• Domínio de novas ferramentas digitais
• Dispensar deslocação e trabalhar em casa
• Aulas online começaram mais</td><td>• Abandono da escola devido ao medo
• Excesso de matéria no estudo online
• Perceção e concentração difícil no estudo online
• Cansaço e desgaste no ensino online</td><td>Não houve respostas neutras</td></tr>
</table>

<table>
<tr><td></td><td>tarde e eram mais curtas
• Tempo para aprender coisas novas
• Exames mais fáceis
• Não houve exame na 9ª classe</td><td>• Menor aproveitamento
• Abandono da faculdade devido ao desemprego
• Não conhecer colegas da faculdade
• Aumento das médias para ingresso nas faculdades
• Extinção dos estágios
• Adiamento do fim do curso</td><td></td></tr>
<tr><td colspan="4">Positivo: “Em termos de faculdade, a pandemia começou eu ainda tava no último ano da faculdade e para mim foi ótimo porque dava para ter as aulas em casa e não tive que me deslocar à faculdade. Mesmo os exames, foi ótimo” (M, 22 anos, trabalhadora).
“Era a alteração dos horários, porque os horários agora são mais curtos. Temos as aulas mais distribuídas” (M, 15, estudante).
Negativo: “Por acaso assisti muitas aulas, foram todas online. E é muito cansativo, para ficar horas, horas, horas em frente do computador. E perdi muito interesse” (M, 20 anos, estudante)
“no inicio quando era aulas online era bue difícil porque havia bue matéria” (H, 17 anos, estudante).
Neutro: --</td></tr>
<tr><td>C5: Impacto económico</td><td>• Oportunidades de maior rendimento com novo trabalho
• Poupança financeira por não haver deslocamento
• Menos despesas devido a redução de pessoas no agregado
• Teletrabalho
• Ajuda da junta da freguesia</td><td>• Perda de emprego
• Receio de não conseguir emprego
• Dificuldades de pagar as contas da casa
• Dificuldades de alimentação
• Aumento de rendas
• Maior efeito negativo nas classes baixas e vulneráveis
• Atraso de iniciar os estudos devido a escassez de recursos financeiros
• Falta de apoio
• Redução de clientes
• Fecho de fornecedores</td><td>Não houve mudança: continuação no trabalho</td></tr>
<tr><td colspan="4">Positivo: “despedi-me do meu trabalho que eu estava no Minipreço e comecei a fazer as tranças, que por acaso rendem mais, foi só isso. Mudança de trabalho e mudou todo o resto” (M, 21 anos, trabalhadora independente).
“eu em casa, aqui estando em casa dos meus pais, eu ajudo financeiramente, eu ajudo nas contas e tudo mais a pagar as contas. E como, lá está, não estava aqui e era só eu e a outra pessoa na outra casa, as minhas despesas reduziram. Então deu pra eu juntar mais um pouco de dinheiro” (H, 21 anos, Nem-nem).
Negativo: “O pouco dinheiro de abono e subsídio que nós tínhamos gastávamos com comida e a casa então passamos um pouco de dificuldades.” (H, 22 anos, Nem-nem).
“Mudou muita coisa, porque nós fazíamos várias feiras, tivemos que deixar de fazer, tivemos que ficar em casa” (M, 18 anos, Nem-nem).</td></tr>
</table>

"Era uma situação sufocante, porque sendo a minha mãe a única que trabalhava, tinham que ser as coisas muito contadas" (M, 18 anos, estudante). **Neutro:** *"O meu pai e a minha irmã trabalham em supermercados e nunca fechou, nunca faltou nada lá em casa e a minha mãe trabalha por conta própria então nenhum dos 3 deixou de trabalhar"* (M, 18, estudante).			
C6: Impacto no plano para o futuro	• Criou oportunidade de nova profissão • Poupança de dinheiro • Tempo para investigar novas profissões	• Inexistência de novas oportunidades • Muita competição para novos empregos	A pandemia não tem efeito no plano, somente pode atrasar a realização
Positivo: *"Eu antes costumava levar o inglês menos a sério, só assim uma coisa que me interessava. Pois, quando começou a pandemia, comecei a ler livros em inglês, coisas assim, e comecei a pensar talvez se fosse bom ir ao caminho do inglês. Por acaso foi a pandemia que me fez pensar"* (M, 15 anos, estudante). **Negativo:** "*Criar oportunidade? Reduziu foi a probabilidade. Criar não criou nada. É mais difícil encontrar emprego."* (H, 20 anos, trabalhador) *"Toda aquela base que nós tínhamos, um, pra tudo, pra todos os nossos projetos, já não existe e agora sou obrigado a trabalhar não só para os meus projetos, mas pra voltar a refazer aquela cama."* (H, 23 anos, trabalhador part-time). **Neutro:** *"Atrasou um bocadinho, mas não é impossível ainda"* (M, 24 anos, trabalhadora).			

Em todas as categorias, as declarações sobre os efeitos negativos da pandemia foram mais significativos. A categoria mais referenciada pelos jovens foi o impacto económico da pandemia. A perda do emprego de um dos membros do agregado familiar e consequentemente o aumento das dificuldades no sustento familiar - em especial o pagamento das rendas - são relatos mais frequentes entre os rapazes. Os efeitos económicos são notados em todas as idades, entre estudantes e trabalhadores, pois afetou o agregado familiar no seu todo. Algumas raparigas, referiram-se as consequências económicas positivas da pandemia.

Houve opiniões contraditórias acerca da disponibilidade e a quantidade de apoio disponibilizada durante a pandemia: as pessoas que habitualmente recebem os subsídios lamentaram a insuficiência, enquanto aqueles que passaram a receber o apoio durante a pandemia elogiaram o auxílio temporário. De acordo com um dos jovens entrevistados, os mais vulneráveis são os mais afetados pela pandemia, informação que pode ser igualmente observada no estudo sobre o impacto da pandemia de Gama (2021).

A segunda categoria mais referenciada foi o impacto na saúde física e mental. Entre os efeitos psicológicos mais lembrados, predominam o medo, a ansiedade, o isolamento e a depressão. Poucos entrevistados identificaram alguns efeitos psicológicas positivos.

Como foi observado, a pandemia afetou desproporcionalmente os estudos. Entre os estudantes homens do ensino secundário as dificuldades de aproveitamento foram mais observadas. No entanto, alguns jovens apontaram vantagens no ensino online. Os estudantes do ensino superior enfrentam dificuldades diferentes como a suspensão dos estágios ou o adiamento dos exames finais. Houve relatos de abandono das aulas e o abandono do curso superior por razões financeiras.

Muitos dos relatos revelam o impacto na vida social. O isolamento trouxe consequências que foram definidas como muito negativas, como por exemplo a perda de amigos e as dificuldades de convívio com familiares. Para os jovens rapazes, a disponibilidade de mais tempo com a família foi um aspeto positivo. O aumento no tempo que passaram em casa foi apontado pelos jovens como elemento principal na mudança de suas rotinas. Os rapazes relataram vantagens, enquanto que nas raparigas é marcante os aspetos negativos.

A perceção dos impactos da pandemia para o futuro dos jovens é muito difícil e complexo de ser mensurado, e estudos como o de Gama (2021) apresentam algumas evidências destes impactos. A perceção destes impactos na realização dos planos para o futuro surgiu apenas num determinado grupo de entrevistados, cuja metade não identificou impactos da pandemia na sua vida, o restante se dividiu entre aqueles que vislumbraram oportunidades e os que esperavam dificuldades nos estudos e no emprego.

Quanto à resiliência, poucos entrevistados a partir de 18 anos, deram exemplos, tais como a procura de alternativas, soluções, paciência, calma para enfrentar os efeitos da pandemia, determinação de lidar com situações inesperadas e a vontade de seguir as medidas de prevenção:

"*Aprendi que nem tudo é garantido, que de um momento para o outro tudo pode mudar",* (M, 18 anos, estudante).

"Fomos obrigados ficar mais fechados e tive que inventarmos coisas para não fazermos nada. Tivemos que fazer qualquer coisa" (H, 21 anos, trabalhador).

"*lá está o covid-19 mostrou-nos que temos adversidades e que nós temos que nos adaptar e quem não adaptar tem que arranjar maneira de se adaptar e eu tive que arranjar maneira de me adaptar"* (H, 21 anos, Nem-nem).

"Mas como tive sempre em contacto com casos positivos, tive que sempre estabelecer o afastamento, o isolamento. Isso fez-me mudar muito, porque eu gosto de conviver com as pessoas" (H, 18 anos, estudante).

É de notar que alguns jovens disseram que a pandemia não teve impacto nas suas vidas ou, em alguns casos, este foi muito insignificante.

5.2.4. Os jovens e a freguesia

Perceção da freguesia

É possível encontrar discursos que reforçam os aspetos negativos da freguesia. Os problemas mais predominantes nos discursos são as brigas e os conflitos entre grupos sociais. Existe uma associação destas confusões com o consumo de álcool e tráfico de drogas.

> *"Esta zona tá um pouco atirada, assim no mundo, tipo pode haver as confusões que houverem, podem os rapazes principalmente né, podia até dizer pessoas, mas toda gente sabe que é mais rapazes, fazem coisas em frente às crianças, eu acho que isso é um mau exemplo pra eles, pro desenvolvimento deles. (…) Eles vendem [drogas] tipo à vontade, muitas vezes tem*

demasiadas garrafas espalhadas no chão e as crianças, eu acho que isso perturba um pouco o crescimento, o desenvolvimento das crianças" (M, 21 anos, trabalhadora).

Relativamente ao consumo e venda de drogas, há um número significativo de relatos. Em alguns casos foram referidos a existência de tiroteios. A perceção da existência destes espaços na freguesia, como em bares e sítios definidos como "problemáticos", mostram o conhecimento e a vivência destes jovens na freguesia. Estes problemas causam desconforto em algumas raparigas, como relataram. E apesar da conotação negativa que carrega a zona das Galinheiras, há relatos de eventos como estes por todas as zonas da freguesia.

"(…) houve uma vez que houve ali uma confusão, uma confusão enorme. E ela pegou e ligou pra polícia à minha frente, disse "To a ligar porque está a haver aqui uma confusão e nós precisamos da vossa ajuda" e eles perguntaram "ah, em que zona? Ah, é nas Galinheiras? tá bem, então esqueça, que nós não vamos aí" (M, 21 anos, trabalhadora).

Nas narrativas apresentadas é bastante visível que existe uma insatisfação quanto à atitude da polícia em relação à zona das Galinheiras. Entretanto, há, por outro lado uma presença policial excessiva.

"Aqui fica muito polícia no fim de semana. (…) Porque há uns jovens, aqueles mais rebeldes que (...) compram bebida e começam a beber, fica aquilo tudo junto e depois querem arrumar briga, já que tão bêbados. Às vezes quando passo por aqui ficam a olhar muito e querer chamar atenção. As pessoas passam na rua, no caso mulheres, já sabem os olhares de como é que ficam. E aí é isso, os aspetos negativos" (M, 16 anos, estudante).

A comparação com anos anteriores também se faz presente na observação dos jovens, que notam alguma melhoria na situação em relação a anos passados, *"Antes existia [agitação], mas por acaso agora está mais calmo"* (M, 18 anos, estudante).

Os conflitos e as disputas entre as famílias ciganas e a diversidade cultural e social foram salientadas, *"lutas entre gangues, era um perigo, vinham cá muitos policias que cercavam as zonas, haviam lutas, facadas, houve pessoas que morreram ali perto do meu bairro, nos ciganos, levaram tiro e morreram"* (M, 18 anos, estudante).

Como observa-se ao percorrer as ruas da freguesia, o vandalismo está muito presente e foi igualmente muito lembrado pelos jovens: *"Existe muito vandalismo aqui. Senti que essa zona já foi uma coisa mais alegre, assim dizendo, já foi algo com mais vida"* (M, 17 anos, estudante). Em igual medida, a deterioração foi referida pelos jovens que atribuem essa deterioração a falta de cuidados da Junta e também dos moradores:

"na minha zona, os prédios já são um bocado antigos, então acho que já poderia haver ali umas melhorias, por exemplo. Não é reaproveitar, mas reconstruir, basicamente. Melhorar, pronto, lá está, é a zona onde eu estou, porque é um bairro social, então é um bocado deixado de parte, tanto pela junta como por outras partes" (H, 21 anos, nem-nem*).*

Alguns jovens reconhecem no seu dia a dia a existência multicultural e social da zona em que vivem. Uma das atribuições do plano de desenvolvimento urbano da zona está pensado para que seja de fato uma área de habitação mista. A freguesia tem espaços para venda livre e para os bairros sociais. A questão de convivência de grupos sociais distintos na freguesia como uma estratégia da Câmara foi definido por um jovem, *"…eu já reparei que tentam juntar um bocado as classes, porque, pronto, fazem prédios, não são luxuosos, mas são prédios (...) de compra com prédios camarários"* e ainda completou com o seu ponto de vista a respeito desta tentativa de evitar a gentrificação destes espaços, *"eu acho que as pessoas não se misturam, por muito que tentem, as pessoas nunca que se vão relacionar, mas pronto, acho uma boa iniciativa" (H, 21 anos, nem-nem).*

A perceção da freguesia por parte das raparigas é majoritariamente negativa, enquanto para os jovens rapazes há mais declarações positivas. Os jovens que apontaram aspetos positivos dizem ter tudo o que precisam na freguesia, "*não sei se já viste, mas é uma zona boa, tem supermercados aqui a torto e a direito, tem multibanco, tem paragens, tem pista de atletismo aqui. Portanto, o que não me falta... tudo que eu poderia imaginar num sítio pra viver eu tenho." (H, 21 anos, estudante trabalhador).* Um outro declarou, *"Ameixoeira é melhor, é melhor porque aqui tem mais oportunidades, mais ajudas." (M, 21 anos, estudante).* Alguns entrevistados confirmaram que gostam da zona onde vivem, *"Claro que eu gosto do meu bairro e meu bairro vai ser sempre meu bairro e eles fazem parte de mim também, é minha segunda família*" *(H, 17 anos, estudante).*

Relação com a freguesia

O desenvolvimento de uma relação com o local onde vivem acontece primariamente através das suas relações com os familiares e os amigos. *"Eu tenho todos os meus amigos aqui, quase toda a minha família aqui, é aqui que me sinto bem" (H*, 22 anos, nem-nem).

A permanência na freguesia está condicionada a muitos fatores:

- A disponibilidade de emprego. Apesar de não terem se pronunciado sobre a permanência no território num futuro, referiram-se às intenções profissionais como uma dos fatores que podem contribuir para a permanência;
- A disponibilidade de residências e apoios aos jovens, "*há muitas pessoas que não querem sair desta zona, querem continuar a viver nesta zona. É pena que não tem possibilidade para pagar as rendas exorbitantes que agora estão a pedir nestas novas construções que estão a fazer. Ou seja, construir outros prédios, mas com rendas mais acessíveis e também para ajudar os jovens"* (M, 23 anos, trabalhadora part-time).

Um terço dos jovens entrevistados tencionam abandonar a freguesia. A migração para outros países europeus é uma das possibilidades, outros tantos disseram desejar estar em outras zonas de Lisboa ou arredores, onde podem encontrar um ambiente mais calmo e agradável, "*sair do bairro em si, sair de Santa Clara... Lisboa não, se eu pudesse continuar a viver em Lisboa, mas eu procuro uma zona mais isolada*" (H, 21 anos, nem-nem).

Cabe aqui uma distinção do perfil dos jovens que desejam emigrar para o exterior: são jovens que identificam-se como afrodescendentes, em sua grande maioria tem familiares no estrangeiro europeu ou americano. Os jovens que identificam-se como brancos, desejam

permanecer em Lisboa ou Portugal. No entanto, em todos os grupos sociais da amostra existem jovens que pretendem permanecer na freguesia.

Serviços e programas para jovens na freguesia

A frequência de jovens que conhece ou utiliza os serviços, programas ou projetos da Junta de Freguesia é relativamente baixo. Este fenômeno é observado entre todas as idades, sexo e nível de escolaridade. O desconhecimento das funções da Junta de Freguesia chama atenção, pois vivem da freguesia há muitos anos.

Ao serem questionados sobre as associações e seus projetos, o nível de conhecimento é maior do que o conhecimento dos serviços da Junta. Dos serviços oferecidos pela Junta de Freguesia, os mais conhecidos são o campo de férias e os projetos de centro de estudo. No âmbito das associações e instituições, a Santa Casa de Misericórdia e o Banco Alimentar são os mais lembrados, inclusivamente alguns dos jovens entrevistados são beneficiários destas iniciativas.

Em relação à Santa Casa de Misericórdia, foram referidos os projetos de capacitação e formação para jovens no Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ameixoeira: *"Eu comecei a fazer um curso chamado curso Ser Mais, comecei a fazer o curso pra reforçar, quando cheguei aqui nem sequer sabia expressar bem então tinha que andar no curso Ser Mais"* (H, 21 anos, trabalhador).

Das iniciativas desenvolvidas no território para os jovens, observa-se uma apreciação positiva dos centros de estudos, as formações para o desenvolvimento pessoal, as atividades culturais, apoio na procura de emprego e para a regularização de documentos. Foram avaliados particularmente positivamente a ajuda nos estudos e o apoio para encontrar emprego. Vários jovens confirmarem de terem encontrado emprego após a consulta das associações. *"Se não fosse eles eu nem tinha arranjado o meu primeiro emprego"* (M, 20 anos, nem-nem). Os jovens reconhecem o impacto do trabalho das associações no desenvolvimento pessoal, social e emocional, *" já me ajudou muito na minha vida, no meu emocional porque eu tava bué pra baixo antes de vir praqui, ficava em casa e ficava no meu quarto e acho que é muito depressivo"* (M, 17 anos, estudante).

A perceção de que existem caminhos e alternativas de vida é bastante proeminente nos relatos. Os jovens demonstram uma certa gratidão ao trabalho desenvolvido e reconhecem que estes projetos podem ajudar a ampliar os horizontes dos jovens da freguesia e evitar os "desvios". Portanto, as associações, através das atividades oferecidas, constituem-se de espaços importantes e de referência para os jovens descobrirem novos caminhos e aprenderem sobre valores:

> *"Eu acho que esses projetos ajudam muito as crianças a não se desvirtuarem e não pensarem que "ah, a droga é o caminho mais fácil", tás a ver? Ou "roubar é o caminho mais fácil, porque vou ter um tênis caro, vou ter não sei o que", tu podes ter um tênis caro agora, daqui cinco meses és apanhado e tás dentro da cadeia e tás fechado, sabes? Portanto o mundo do crime não compensa, eu acho que esses projetos todos ajudam que as crianças não entrem no mundo do crime"* (H, 21 anos, estudante trabalhador).

Observa-se que as ajudas ainda muito básicas, como a distribuição de alimentos, configuram-se como uma das necessidades das famílias que vivem na freguesia. Alguns jovens relataram a importância nas suas vidas da entrega das cestas alimentares, ofertadas pelo Banco Alimentar.

Propostas de mudança

De forma geral, a identificação das necessidades dos jovens por mais infraestruturas na freguesia fica bastante evidente nas entrevistas. Entre as necessidades apontadas pelos jovens, destacam-se a ausência de espaços para entretenimento e convívio e a oferta escolar. Relativamente à falta de espaços de entretenimento e convívio para os jovens, "*Acho que faltam sítios de lazer aqui na zona. Porque não há, as pessoas têm que ir ao Bairro Alto ou para Alvalade, para um sítio para sair e encontrar os amigos*" (M, 17 anos, estudante). Quanto às questões educacionais, marca-se a carência de escolas secundárias e cursos profissionais na freguesia:

> *"posteriormente quando já não podia estudar cá, porque não há escolas mais... pós quarto ano cá, tive que mudar para a alta de Lisboa. … E depois, quando acabei o no... estudei lá até o nono ano, depois do nono ano tive que mudar novamente de escola, para Alvalade, porque era um sítio que tinha o curso que eu pretendia, que era ciências sócio económicas" (M*, 21 anos, nem-nem).

Alguns entrevistados ainda mencionaram a falta de lojas na proximidade da residência, o estado das vias de acesso, a falta de passadeiras, espaços para estacionamento, a melhoria da higiene urbana e a gestão do lixo. Ainda dizem ser preciso uma mudança de comportamento dos moradores. No que diz respeito à melhoria da gestão dos "bairros problemáticos", fizeram propostas como o aumento da vigilância policial.

O sentido de alguns depoimentos permite perceber que existem necessidades que vão além das infraestruturas. Os apoios financeiros para a continuação dos estudos é um exemplo, *"aqui não dão bolsas"* (M, 20 anos, trabalhadora).

A ausência de programas de apoio para compra de casas na zona, a falta de segurança no bairro e mais apoio financeiro para famílias necessitadas, são relatos mais frequentes entre as jovens raparigas.

Apesar da satisfação de alguns com a freguesia, muitos jovens avançaram com propostas de mudança na freguesia. Entre estas sugestões, destacam-se a criação de espaços de entretenimento para o desenvolvimento de atividades artísticas, cursos de atualidade e informática, para que os jovens possam se inserir no mercado de trabalho deste século.

Houve propostas muito concretas de ofertas para jovens, tais como:

> *""voltar a trazer de volta o clube porque não há, há poucas coisas boas como o futebol para atrair gente e juntar rapazes em particular… criar um fundo só para os artistas [e eventos culturais] como agora surgiu [o Festival Todos]. E que também acho que é uma coisa boa que surgiu, apesar deste ano ainda não teve o Fundo dos Jovens cá, mas eu acredito que isso vá ficar 3 anos, por*

isso acho que na próxima já vai ser uma coisa com mais aderência "(H, 23 anos, trabalhador).

Por contraste, houve uma entrevistada que avançou com um tipo de argumentação pouco comum entre os jovens entrevistados, sobre a disponibilidade de atividades na freguesia, "*tem várias atividades, tem a catequese, tem a missa, tem os convívios entre jovens então penso que há muitas atividades a conhecer, mas há pouca procura por parte dos jovens que moram aqui então penso que não há nada a mudar."* (M, 18 anos, trabalhadora).

Avançaram com várias respostas de âmbito social, tais como centros de arranjar emprego, centros para as pessoas sem abrigo, modelos alternativos aos bairros sociais tradicionais e distribuição mais abrangente de apoio financeiro às famílias necessitadas. Estas propostas mostram a consciência das problemáticas da freguesia incluindo as dos jovens e o seu sentido de justiça social.

Contribuição para a freguesia

Quando questionados sobre o que poderiam fazer para contribuir para o desenvolvimento da zona em que vivem, a grande maioria dos entrevistados deu respostas positivas. As propostas de contribuição podem ser agrupadas em cinco temas:

- Sensibilização e educação dos residentes sobre as responsabilidades de vida em comunidade, higiene urbana e saúde pessoal (proposto por nove jovens);
- Associativismo como estratégia de juntar jovens para melhorias do bairro (proposto por seis jovens, dos quais quatro rapazes e duas raparigas);
- Prática da cidadania: ser modelo positivo, combater os preconceitos entre as etnias, demonstrando o seu próprio valor e empoderar outros a exercer os seus direitos como cidadãos (proposto por três jovens, dos quais um rapaz e duas raparigas);
- Iniciativas de caridade (proposto por três jovens, dos quais um rapaz e duas raparigas);
- Divulgação do bairro através de shows de talentos e música (proposto por três jovens, dos quais dois rapazes e uma rapariga).

"Com o projeto de dar aulas acabo por estar muito em contacto com pessoas da comunidade, essas pessoas são pessoas que conheço no dia a dia normalmente e a quem faço a proposta, onde se descobre um interesse pela área e isso faz com que eu conheça mais pessoas, mais histórias e que conheça mais da comunidade dessa maneira, então diria que tendo a música como centro, todas as outras variáveis que acabam por girar em torno disso são coisas que contribuem para o bem da comunidade" (H, 20 anos, estudante).

Alguns entrevistados responderam que não sabem como poderiam contribuir para o desenvolvimento local, porque consideram que o desenvolvimento não depende deles, porque estão ocupados com as suas vidas pessoais ou porque nunca pensaram sobre esta questão.

6. Conclusões

A história e as estatísticas sociais e económicas da Freguesia de Santa Clara demonstram os diversos desafios presentes neste território. Portanto, este estudo se propôs a olhar para os jovens de 15 a 24 anos e a identificar as perspetivas e os desafios enfrentados por este grupo especialmente vulnerável, em constante processo de transição para reconciliar estas perspetivas aos planos de desenvolvimento locais futuros.

Um diagnóstico da situação socioeconómica dos jovens

Através das informações recolhidas foi possível observar o contexto social em que estes jovens estão inseridos e os diferentes processos de transição aos quais estão expostos. Observou-se que quase todos os jovens ainda residem com os pais ou responsáveis. De modo geral, o anseio destes jovens é alcançar a sua independência, seja ela financeira, na tomada de decisões ou a independência dos pais ou do responsável legal.

As fragilidades económicas e sociais e os conflitos existentes na freguesia foram referenciados tanto pelos jovens quanto pelas organizações. Entre as fragilidades económicas constam os baixos rendimentos familiares, o trabalho semiqualificado, o alto nível de desemprego e o emprego precário dos pais, razão pela qual a grande maioria dos jovens não pretende seguir a profissão dos pais e há relatos de jovens que desejam abandonar o território. No contexto social, os jovens lidam com conflitos, diferentes formas de *bullying*, assédio, uso de substâncias ilícitas e violência no seu cotidiano.

Uma grande parte dos jovens vive em agregados familiares numerosos. A receção de subsídios do Estado é muito frequente, e para a grande maioria é apenas um complemento de renda, mas lamentam a insuficiência destes subsídios para o sustento da sua família, obrigando, assim, muitos dos jovens a contribuírem com as despesas familiares.

Os desafios e as barreiras definidas pelos jovens

No seu percurso de vida os jovens esbarram em muitas dificuldades e desafios. Para os jovens de Santa Clara, os maiores desafios ainda estão muito associados às questões financeiras de acordo com as entrevistas realizadas, à continuidade dos estudos segundo as organizações e à oferta de emprego, como é possível observar pelos dados mais atualizados do IEFP. Existem grupos mais vulneráveis que outros e que enfrentam outras barreiras, como a falta de documentação e a dificuldade de adaptação ao ensino local, como é o caso dos jovens imigrantes. Há também, relatos de discriminação e de *bullying* sofrido pelos jovens ciganos e pelos imigrantes.

A maioria dos jovens considera o convívio familiar como uma fonte importante de apoio emocional. Entretanto, outros evidenciam o impacto negativo no seu desenvolvimento causado por doenças na família, pela separação dos pais, pelo abandono do pai e pela violência doméstica que vivenciam ou vivenciaram em algum momento.

Educação

Nota-se que os jovens estão insatisfeitos com a disponibilidade dos cursos técnicos e o sistema de ensino atual, sentimento que é compartilhado pelas organizações. De acordo com o último senso – ainda preliminar - é de notar que houve uma melhoria no número de jovens que

concluíram o ensino secundário nos últimos 10 anos, ainda que haja alguns aspetos a serem melhorados, como a disponibilidade de uma escola secundária no território da Santa Clara. O abandono e o insucesso escolar foram bastante referenciados pelas organizações como um dos principais problemas enfrentados pelos jovens.

No contexto dos jovens entrevistados, a grande maioria está a estudar e pretendem estudar mais, caso seja possível. Os respondentes do questionário, como era de se esperar, estão na escola e a maioria também deseja poder estudar. No entanto, é importante mencionar que existe uma parte dos jovens que não percecionam o tempo dedicado aos estudos como um investimento para o futuro. Nem todos os jovens do ensino secundário que tencionam terminar os estudos desejam candidatar-se a uma universidade. São poucos os que enxergam no ensino superior a garantia de uma vida melhor, estão a fazer um curso técnico e procuram experiências de trabalho, cientes de que sem experiência é ainda mais difícil encontrar um emprego. Aqueles que estão a tirar o curso técnico estão a pensar nas oportunidades futuras de emprego.

A transição escola-trabalho

Existe um estigma associado à Freguesia de Santa Clara relacionado ao abandono escolar dos seus jovens moradores, apresentado no II Diagnóstico Social de Lisboa (2016) e confirmado pelas entrevistas com as organizações. Esta transição da escola secundária para o trabalho é bastante marcante para os jovens e o principal caminho a ser seguido. Segundo os dados recolhidos, a maioria dos jovens estudantes no ensino obrigatório ainda não trabalham. Os jovens acima dos 18 anos já tiveram alguma experiência de trabalho. Há relatos de jovens que transitam para o mundo do trabalho antes dos 18 anos de idade. Essa realidade está mais associada aos jovens imigrantes que precisam ajudar no sustento de suas famílias. Com uma idade superior a 18 anos, os jovens que estão a tirar o curso profissionalizante, encontram-se na fase de transição para o mercado de trabalho.

No entanto, existe uma outra barreira a ser vencida por estes jovens. Como foi referido no capítulo 3 o desemprego atinge desproporcionalmente esta faixa etária e muitas vezes os empregos são precários, temporários e instáveis. Para os jovens de 19 a 24 anos o emprego é a estratégia para alcançar os seus planos. Mesmo que o sonho seja a retomada dos estudos ou o investimento num negócio próprio, é preciso juntar recursos para alcançar estes objetivos em função da falta de apoio.

Relações Sociais

Os conflitos sociais foram muito marcantes nos relatos dos jovens. Existem três grupos com práticas sociais muito distintas que foram identificados: os imigrantes africanos, os ciganos e os portugueses. Estes grupos por vezes enfrentam a pressão para encontrar o seu espaço num ambiente multicultural onde agora vivem e o conflito com a comunidade onde estão inseridos.

Os jovens imigrantes da primeira geração dos PALOP afirmam que enfrentam muitos problemas de adaptação, enquanto os imigrantes da segunda geração têm uma integração mais facilitada, devido ao tempo de vivência e de adaptação no território. Por sua vez, os jovens da etnia cigana vivem entre um estilo de vida mais tradicional de acordo com a sua comunidade e sob as exigências do sistema convencional local. De acordo com os jovens portugueses, as políticas habitacionais estabelecidas pela CML, intensificam o convívio multicultural, onde coexistem habitações municipais e de venda livre.

Por parte de alguns entrevistados das associações foram constatadas a segregação e as clivagens culturais, problemas de exclusão e discriminação causadas por preconceitos culturais existentes. Mas não avançaram com estratégias para minimizar esta situação.

Principais necessidades dos jovens

De forma geral, as principais necessidades destacadas pelos jovens para vencer estes desafios foram:

- A necessidade de mais apoio nos estudos para melhorar o desempenho escolar e as qualificações académicas;
- Mais escolas secundárias na freguesia e uma oferta mais alargada de cursos profissionalizantes;
- Apoio para aquisição da casa própria;
- A disponibilidade e a recuperação de espaços de lazer e convívio;
- Espaços para o desenvolvimento das competências artísticas e culturais;
- A melhoria na segurança pública;
- Serviços de apoio na procura de emprego;

As perspectivas dos jovens

A falta de perspetivas dos jovens é, muitas vezes, consequência das necessidades e vulnerabilidades que sentem. No entanto, os jovens entrevistados avançaram com uma grande variedade de profissões que pretendem seguir. Além da motivação principal ser o interesse em determinado assunto, desejam igualmente a busca por melhores condições de vida, ajudar a sua família e servir a sociedade. A constituição de uma família - não foi um tema amplamente discutido pelos jovens – mas depende de algumas condicionalidades para acontecer: o alcance duma estabilidade económica, um determinado status social e a liberdade.

Os sonhos e os objetivos de vida foram amplamente explorados. Em relação aos planos para o futuro foram identificados quatro categorias: a primeira, formada por uma minoria que tem um plano claro, bem organizado e realístico e possui os meios, as competências e as habilidades pessoais para realizá-lo. Um grupo maioritário, que tem um plano bem desenhado e algumas competências, mas encontram muitos desafios financeiros e estruturais para concretizá-los. Um terceiro grupo que tem uma ideia identificada, mas não realística. E o último grupo minoritário, com um plano vago com muitos problemas pessoais e estruturais que impedem a sua realização. De maneira geral, os jovens têm consciência da dificuldade de concretização destes sonhos, seja por razões financeiras, de tempo ou conhecimento. De notar que existe uma grande determinação destes jovens, que mesmo em circunstâncias desfavoráveis, ainda demonstram preocupação para terminar os estudos secundários e procurar um emprego para poder concretizar outros planos.

Estes dados configuram um contraste interessante se analisados em comparação ao discurso das instituições sobre a falta de perspetivas dos jovens, pois há uma perceção quase unânime de que os jovens não sabem o que querem. Algumas das causas apontadas pelas organizações entrevistadas são a ausência de atividades estimulantes e os recursos muito limitados. Ademais, estas organizações trabalham com um público muito alargado de pessoas.

As associações reconhecem que existe uma falta de programas e atividades direcionadas aos jovens desta faixa etária na freguesia. Consideram necessárias mudanças nos cursos profissionalizantes e nos currículos escolares. O ensino precisa se aproximar da realidade do jovem e atender às novas demandas do mercado de trabalho.

O impacto da pandemia da Covid-19

De maneira geral, as organizações destacaram o impacto económico, social e psicológico como os mais frequentes na vida dos jovens durante a pandemia, ainda mais forte no primeiro confinamento (mais longo em Santa Clara de todas as freguesias de Lisboa). O aumento da demanda por ajuda alimentar foi bastante referido. Do ponto de vista dos jovens, estes impactos são mais numerosos e percebe-se um agravamento das vulnerabilidades e dos desafios pré-existentes:

- A pandemia agravou as vulnerabilidades, em especial dos jovens com baixa escolaridade. A ascensão social ficou ainda mais difícil do que antes;
- A perda de emprego de um dos membros da família ou do próprio jovem e o aumento das dificuldades financeiras;
- Dificuldade de adaptação ao novo formato de ensino online – ausência de equipamento e acesso à rede de internet;
- Os jovens mais afetados foram os nem-nem, os estudantes-trabalhadores e os trabalhadores;
- Em relação às oportunidades de emprego: houve uma redução na oferta e mudanças no perfil dos trabalhadores - exigência de novas e melhores qualificações tecnológicas;
- Dificuldades de adaptação à nova rotina;
- Aumento dos problemas psicológicos e emocionais, como a depressão, o isolamento e o medo;
- Impacto nos planos dos jovens: sentimento de atraso na concretização destes planos;

Apesar do predomínio dos aspetos negativos que dificultaram a vida dos jovens em geral, há evidências da resiliência dos jovens e da identificação de aspetos positivos como o desenvolvimento pessoal, aprendizagem da informática, e o encontro de novas oportunidades. O aumento de solidariedade e da ajuda mútua foi um aspeto positivo levantado pelas associações e observado pelos jovens.

Do ponto de vista das instituições existiu uma organização conjunta para atender às necessidades da população. Era preciso alterar a forma de atuação, por isso tiveram que se reinventar para continuar a atender a população. As fragilidades foram expostas e coube às organizações locais a gestão autónoma da situação.

O papel das organizações

A Freguesia de Santa Clara possui um grande número de organizações que fazem trabalho com jovens, e distinguem-se em quatro tipos:

- Grupos recreativos e desportivos que atraem jovens de todas as idades;

- Associações locais cujas intervenções abrangem toda a comunidade. Os jovens de 15 a 24 anos estão inseridos mas não são o público-alvo;
- Associações locais cujo grupo-alvo são crianças e jovens, sendo as crianças o grupo prioritário;
- Instituições e fundações de maior porte que desenvolvem projetos e programas para a comunidade em Santa Clara e demais localidades em Portugal, direcionados a vários grupos-alvo e com projetos de longa duração. Estas trabalham muitas vezes em parceria com as associações locais.

Vale referir que nenhuma associação ou instituição na Freguesia de Santa Clara tem o grupo etário de 15 a 24 anos como grupo-alvo específico. Consequentemente há poucos projetos direcionados para esta faixa etária e que atendam as suas necessidades.

A maioria das associações locais desenvolve apoio básico. A oferta aos jovens é em geral mais reativa, na busca por resposta aos problemas individuais que os jovens enfrentam neste território. Por exemplo, no percurso escolar, no empreendedorismo ou na legalização da sua residência. Sem dúvida este é um trabalho valioso e bastante reconhecido pelos jovens. Porém, as necessidades de jovens de 15 a 24 anos acima referidas são muito mais profundas, é preciso novas abordagens que tornam a intervenção das associações mais inovadora no sentido de estimular os jovens a seguir novas carreiras, incentivar o desenvolvimento socioeconómico ou criar um movimento juvenil.

Nas associações locais, os projetos são de duração limitada ou são atividades espontâneas. As associações enfrentam uma série de dificuldades tais como problemas de sustentabilidade, dependência de financiamentos através de projetos de curta duração (BIP/ZIP) e carência de recursos humanos. Em geral são lideradas por pessoas que dividem-se entre o trabalho profissional e o trabalho na associação, em caráter voluntário. É preciso elaborar uma visão mais estratégica para o médio e longo prazo de trabalho com os jovens para que os resultados sejam ainda mais satisfatórios.

O desenvolvimento local

O apoio das associações e organizações em Santa Clara são fundamentais para o bom desenvolvimento da freguesia e os jovens reconhecem esse papel. Os jovens conhecem os projetos e frequentam os espaços das organizações. O mesmo não se aplica aos serviços oferecidos pela JFSC, cujos serviços são pouco conhecidos pelos jovens. Há de reconhecer que a JFSC também desenvolve poucos programas direcionados aos jovens de 15 a 24 anos. Os resultados do questionário deixam ainda mais em evidência este desconhecimento.

É comum os relatos dos estigmas sociais desta freguesia e reconhece-se a existência de uma diversidade cultural e social no território. Do ponto de vista das organizações, dizem existir uma visível separação dentro do território, onde as zonas carentes estão, de maneira geral, negligenciadas. Esta negligência é visível na própria disposição dos espaços de convívio e das associações e organizações no território, como foi constatado (ver mapa 2).

Como referido, a participação e o envolvimento dos jovens na freguesia são bastante reduzidos. Serve de alerta, tendo em vista que a maioria dos jovens participantes no estudo residem na freguesia há mais de 10 anos. Mesmo os imigrantes da 1ª geração vivem na freguesia

há mais de 5 anos, para a maioria é o sítio onde se fixaram na sua chegada. Observa-se uma dicotomia na vontade de permanecer no território, a permanência de uns depende da disponibilidade de empregos e moradias e para outros a saída do território é uma opção real. A maior parte dos jovens deste estudo tem laços com Santa Clara e há probabilidade deles se fixarem neste território.

Os jovens facilmente identificaram algumas lacunas da atuação das organizações, da Junta e da Câmara no território: foram constadas, através dos relatos, a falta de preparação para o emprego e as novas exigências do mercado de trabalho, a falta de apoio psicológico e apoio alimentar. Os entrevistados também lamentaram a falta de melhores espaços de convívio, tendo em vista que o convívio com os amigos é a forma como gostam de preencher o seu tempo livre. A oferta escolar e a disponibilidade de bolsas para os jovens, a ausência de programas para a aquisição de moradias e finalmente a segurança na freguesia foram lembradas.

Por parte das associações foi admitido que não existe um plano para a juventude, tanto por parte das organizações quanto por parte da junta. O que existe são intenções de intervenções pontuais, os projetos com determinados grupos-alvo, que em alguma medida são desenvolvidos pelas associações enquanto parceiros.

A participação dos jovens

Uma parcela representativa dos jovens diz não ter o interesse de contribuir para o desenvolvimento local - quanto mais jovens menor a vontade de participarem. Do ponto de vista das associações, reconhecem que há contribuições por parte dos jovens, mas são muito pontuais e acrescentam uma dificuldade de organização entre eles. As associações acreditam na possibilidade de conquistar o interesse dos jovens para participarem em atividades concretas. No entanto, na sua maioria os jovens inquiridos mostraram pouca vontade, nas entrevistas os jovens foram surpreendidos pela pergunta, mas depois a maioria se mostrou à vontade e avançou com propostas. Parece que a participação dos jovens é um potencial por conquistar.

Conclusões finais:

Como mostram os dados deste estudo, os jovens têm anseios para um futuro melhor, tanto em relação ao seu desenvolvimento pessoal e profissional quanto para o desenvolvimento da freguesia, mas estão cientes de barreiras estruturais e pessoais para a concretização dos seus planos de vida.

A pandemia da Covid-19 aumentou a vulnerabilidade dos jovens, reduziu as oportunidades de emprego e de estudo nos períodos do confinamento, embora os jovens tenham se mostrado bastante resilientes. Observa-se que a pandemia trouxe novas exigências aos jovens, como por exemplo as exigências do mercado de trabalho e as novas habilidades tecnológicas que foram amplamente testadas durante a pandemia, tanto com o ensino online quanto com o teletrabalho.

As perspetivas e as necessidades dos jovens são pouco refletidas nos programas, projetos e serviços existentes na Freguesia de Santa Clara. Há barreiras para a criação de programas e projetos para o público jovem por parte da junta devido ao processo de descentralização inacabada, a dependência da junta das decisões da CML sobre grandes investimentos e a escassez de fundos ao nível local para as associações locais.

7. Ideias para o futuro

Avançar com o desenvolvimento de um plano estratégico direcionado à juventude

- Constata-se que as necessidades dos jovens de ordem educativa, de convívio, lazer, necessidades habitacionais e de oportunidades de emprego não estão refletidas nos planos operacionais a nível autárquico e camarário. Falta de um plano estratégico direcionado à juventude nos dois níveis governamentais. A realização de um processo de planificação participativa e de auscultação da juventude possibilitará um alinhamento das políticas públicas desenvolvidas com as necessidades e desejos dos jovens. Este processo inclui eventos de auscultação de jovens, de associações locais e do setor privado.
- Após o desenho do plano estratégico o exercício de comunicação e diálogo entre a Junta, as organizações e os jovens recomenda-se a manutenção de um diálogo continuo para incentivar o envolvimento dos jovens no desenvolvimento local. A participação ativa dos jovens no destino da freguesia é um potencial a ser conquistado e pode ser realizado através do orçamento participativo jovem.

Apostar na divulgação dos programas, projetos e serviços de apoio à juventude

- Como mostrou o estudo, os programas e serviços do município e da freguesia que servem aos jovens são pouco conhecidos ou pouco utilizados pelos jovens. A Freguesia da Santa Clara pode introduzir uma nova abordagem para levar os programas e serviços mais para perto dos jovens fregueses. Torna-se fundamental fazer conhecer as oportunidades de apoio e quebrar as barreiras burocráticas que possam existir. Um primeiro passo seria apostar nas associações locais como parceiros e fornecer uma formação às associações locais sobre fundos e programas acessíveis. Um segundo passo pode ser o estabelecimento de um balcão único de atendimento aos jovens e campanhas de divulgação de oportunidades de apoio.

Investir na qualificação e na formação profissional dos jovens

- Diversos estudos como o de Ferreira (2019) evidenciam a ligação entre o nível da escolaridade e as oportunidades de carreira profissional. A maioria dos jovens entrevistados está ciente da importância da educação, mas relatam lacunas e dificuldades no acesso e na oferta de cursos de instituições de ensino na freguesia. Recomenda-se novas abordagens de ensino, para fortalecer o laço entre os jovens e as escolas, a fim de melhorar a qualificação e consequentemente as chances de encontrar um bom emprego.
- Propõe-se à Freguesia estudar a demanda por ensino secundário dos seus fregueses e os tipos de cursos profissionais disponíveis para adequar a oferta as necessidades dos jovens residentes.
- Propõe-se as associações locais investir em formações de novas habilidades, necessárias aos jovens e compatíveis com as exigências do mercado de trabalho.

Aproveitar a infraestrutura existente e ampliar a oferta de treinamentos e o fomento de novas oportunidades profissionais

- Diversos estudos e os dados apresentados confirmam que a pandemia da Covid-19 reduziu as oportunidades de emprego e trouxe ruturas nos estudos durante o período do confinamento. A pandemia está a trazer mudanças também na oferta e na exigência do mercado de trabalho, na fase pós-covid-19. Por isso, recomenda-se a criação de um serviço de apoio para os jovens nesta fase pós-covid-19 para uma melhor adaptação a esta nova realidade.
- Introdução de novos serviços e fortalecimento de serviços existentes: expansão do bom trabalho desenvolvido no GIP;

Apostar num fundo jovem ao nível da freguesia para fomento

- O apoio à habitação juvenil para residentes jovens da freguesia é fundamental para fixar os jovens no território. A independência para os jovens está muito associada a conquista de uma habitação. Este apoio pode ser um diferencial para os jovens deste território;
- As barreiras para a continuação dos estudos foram amplamente mencionadas pelos jovens. A falta de incentivos e apoios financeiros, como por exemplo a disponibilidade de bolsas de estudo, prémios e concursos de talento para fomento das capacidades artísticas e culturais pode ampliar as perspetivas dos jovens.
- O apoio ao empreendedorismo juvenil na freguesia pode ser uma via bastante promissora. A disponibilidade de treinamentos e recursos humanos capazes de fortalecer as iniciativas existentes e estimular novas ideias para a zona.

Estimular a sustentabilidade das organizações que desempenham atividades em prol da juventude na Freguesia

- Recomenda-se a capacitação dos membros das associações a fim de conquistar maior habilidade de diagnóstico e capacidade para concorrer a fundos e projetos europeus de médio e longo prazo, o que favoreceria a atuação e a continuidade dos trabalhos desenvolvidos no território e reduziria a dependência dos recursos de curto prazo.
- A inovação das associações e organizações locais é algo que precisa ser trabalhado, para oferecer serviços mais inovadores e que promovam o desenvolvimento mais alargado dos usuários e do território.
- Recomenda-se a promoção de um movimento juvenil através da criação e do fortalecimento de associações locais juvenis.

8. Referências Bibliográficas

Alon, T. et al (2020). The impact of Covid-19 on Gender Equality. National Bureau of Economic Research: Cambridge MA. Working Paper 26947 <Disponível em: http://www.nber.org/papers/w26947> (Acesso em: 10/03/2021).

Antunes, G. (2015). Da Musgueira à Alta de Lisboa. Recomposição Social e Urbana. Lisboa: Chiado Editora.

Azevedo, F.F. (2008). Desenvolvimento Local e Capital Social: uma abordagem teórica. *GeoNordeste, n.1, Edição Especial - Ano XIX, pp.87-106.* <Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/2478> (Acesso em: 01/12/21).

Balan, M. (2015). Methods to Estimate the Structure and Size of the "NEET" Youths. *Procedia Economics and Finance, Volume 32, 2015, pp. 119-124.* doi: 10.1016/S2212-5671(15)01372-6.

Banks, J. et al. (2021). *Mental Health and the Covid-19 Pandemic*. Helliwell, John F., Richard Layard, Jeffrey Sachs, and Jan-Emmanuel De Neve, eds. 2021. World Happiness Report 2021. New York: Sustainable Development Solutions Network, pp.107-130. <Disponível em: http:worldhappiness.report>.

Bradbury-Jones, C., & Isham, L. (2020). The Pandemic Paradox: The Consequences of COVID-19 on Domestic Violence. *Journal of Clinical Nursing, 29*, pp. 2047-2049 <Disponível em: https://doi.org/10.1111/jocn.15296>.

Branquinho, C. et al (2020). "Hey, we also have something to say": A qualitative study of Portuguese adolescents´ and young peoples´ experiences under Covid 19. *Journal of Community Psychology, 48,* pp.2740-2752.

Câmara Municipal de Lisboa. (2016). PEDU Lx. PLANO ESTRATÉGICO DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO MUNICIPIO DE LISBOA 2014-2020.

Câmara Municipal de Lisboa (2017). Atlas Social de Lisboa. <Disponível em: https://www.arcgis.com/apps/Cascade/index.html?appid=e63936cfadce405b805d7beded9543f0> (Acesso em 22/06/2021)

Câmara Municipal de Lisboa (2017). Programa BIP/ZIP Lisboa, Parcerias Locais. <Disponível em: https://bipzip.cm-lisboa.pt> e <https://bipzip.lisboa.pt/conhece-os-bipzip/dez-pontos-bipzip/index.htm> (Acesso em: 01/03/2021).

Câmara Municipal de Lisboa, Direção Municipal de Urbanismo. (2018). ARU Santa Clara. Vol I. Operação da Reabilitação Urbana Sistemática de Santa Clara.

Câmara Municipal de Lisboa, Direção Municipal de Urbanismo. (2018). ARU Santa Clara. Vol II. Alteração aos limites da Área de Reabilitação Urbana de Santa Clara.

Câmara Municipal de Lisboa (2019). Lisboa, Cidade Amiga das Crianças. Plano de Ação Local 2019-2022.

Carcillo, S. et al (2015). NEET Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies, *OECD Social, Employment and Migration Working Papers, No. 164*, OECD Publishing. <Disponivel em: http://dx.doi.org/10.1787/5js6363503f6-en > (Acesso em: 22/06/2021)

Cardoso F.H. & Faletto, E. (1969). Dependencia y desarollo en América Latina: Ensayo de interpretación sociológica. México.

Chevalier, T. (2015). Varieties of Youth Welfare Citizenship: Towards a Two-dimension Typology. *Journal of European Social Policy, 26(1)*, pp.1-17.

Commissão Europeia (2018). EUROSTAT (2018) EU's labour force survey in the EU, candidates and EFTA countries. Buxelas: Eurostat. <Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/documents/7870049/9443652/KS-FT-18-009-EN-N.pdf/964ae130-aa7e-4a5d-a221-d14fd62bd511 > (Acesso em: 05/07/2021)

Correia, P., da Silva, F.N. (1987). The Peripheral City: Urban Development. Instituto Superior Técnico. Lisboa.

Correia, J.L.D. (2013). Ordenamento do Território na Cidade de Lisboa. O caso da Alta de Lisboa. Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

Diogo, F. (2021). A Pobreza em Portugal. Trajetos e Quoditianos. Fundação Francisco Manuel dos Santos: Lisboa.

DMHDL (2017). Good Practice Summary Lisbon Local Development Strategy for Neighbourhoods or Areas of Priority Intervention (BIP/ZIP): an integrated toolbox. Lisboa.

Fernandes, V. (2011). Novo PDM de Lisboa. Uma cidade para o futuro, uma cidade para as pessoas. *Pedra & Cal, Conservação e Reabilitação, No 51*, pp.32-33.

Fernandes, N. (2020). Economic Effects of Coronavirus Outbreak (COVID-19) on the World Economy . IESE Business School Working Paper No. WP-1240-E, <Disponível em: SSRN: https://ssrn.com/abstract=3557504 or http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3557504> (Acesso em: 10/02/2021)

Ferrão, J., Delicado, A. (2017). Portugal em Mudança, Retratos Municipais. ULisboa:ICS.

Ferreira, T., Vieira, M.M. (2018). Emprego, empregabilidade e empreendedorismo: as políticas públicas para o emprego jovem. Observatório Permanente da Juventude. Policy Brief. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Fundação Francisco Manuel dos Santos (2017). Retrato dos Jovens. PORDATA. <Disponível em: www.pordata.pt > (Acesso 10/04/2021).

Fundação Nacional de Associações Juvenis (2012). Declaração de Braga. Sobre Políticas Autárquicas de Juventude. FNAJ: Porto.

Furtado, C. (2002). Em busca de novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra.

Gama, A. et al (2021). Double jeopardy from the COVID-19 pandemic: risk of exposure and income loss in Portugal. *International Journal for Equity in Health, 20:231*, pp. 1-9. < Disponível em: https://doi.org/10.1186/s12939-021-01569-1>.

Goulart, S. (2006). Uma Abordagem ao Desenvolvimento Local Inspirada em Celso Furtado e Milton Santos. *Cadernos EVAPE.BR, Volume IV, Numero 3, pp. 1-15.*

Guerreiro, M.D.D., Abrantes, P. & Pereira, I. (2007). Transições na juventude: Percursos e descontinuidades. Em: *Guerreiro, M.D.D, Capucha, L. (Orgs.): Quotidiano e Qualidade de Vida, 1º, Celta Editora: Lisboa*, pp.239-262.

Helling, L, Serrano, R. & Warren, D. (2005). Linking Community Empowerment, Decentralized Governance and Public Service Provision Through a Local Development Framework. Social Protection Discussion Paper No 0535, The World Bank: Washington.

Instituto Nacional de Estatísticas-INE (2001). Censo 2001. <Disponível em: https://censos.ine.pt>.

Instituto Nacional de Estatísticas-INE (2001). Censo 2011. <Disponível em: https://censos.ine.ptZ>.

Instituto Português do Desporto e da Juventude: IPDJ (2015). Livro Branco da Juventude. 3 anos de ação. Lisboa: Instituto Português do Desporto e Juventude, IP. <Disponível em: http://online.fliphtml5.com/fbes/dczx/#p=3>.

Instituto Português do Desporto e Juventude, 2020: IPDJ (2020). Lisboa +21 - Políticas e Programas de Juventude numa Perspetiva Global. 1ª Edição, Centro de Juventude de Lisboa:Lisboa.

Lauritzen, P., & Guidikova, I. (2002). European youth development and policy: The role of NGOs and public authority in the making of the European citizen. In: *R. Lerner, F. Jacobs, & D. Wertlieb (Eds.), Handbook of applied developmental science 3* (pp. 363– 382). London: Sage.

Lobo, M.C., Ferreira V.S., Rowland, J. (2015). Emprego, mobilidade, política e lazer: Situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspetiva comparada. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

McKibbin, W. e Fernando, R. (2020). The economic impact Of Covid 19. In: *Baldwin, R. Weder di Mauro, B. 2020. Economics in Time of COVID 19*. Center for Economic Policy Research: London, pp.45-52.

Medeiros, G.L., (2019). Uma freguesia com objetivos globais. Projeto de elaboração de metas para a junta de freguesia da misericórdia consoante a agenda 2030 do desenvolvimento sustentável. ISEG:Lisboa.

Mendes, C. & Sofia Morgado, S. (2008). Lisbon Metropolitan Area: centralities, urban growth and policies. 44th ISOCARP Congress 2008.

Mittal, S. e Singh, T. (2020). Gender-Based Violence During COVID-19 Pandemic: A Mini-Review. Frontiers in Global Women´s Health, 08 September 2020.

https://doi.org/10.3389/fgwh.2020.00004 <Disponivel em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fgwh.2020.00004/> (Acesso em: 10/04/2021).

Muls, L.M. (2008). Desenvolvimento Local, Espaço e Território: O Conceito de Capital Social e a Importancia da Formaçao de Redes entre Organismos e Instituições Locais. *Revista EconomiA, Brasília (DF), v.9, n.1, p.1–21.*

Osofsky, J. D., Osofsky, H. J., e Mamon, L. Y. (2020). Psychological and social impact of COVID-19. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy,* 12*(5*), pp.468–469. < Disponível em: https://doi.org/10.1037/tra0000656>.

Pais, J.M. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social, vol. XXV (105-106), pág.139-165.*

Pais, J.M., Bendit, R. Ferreira, V. (Orgs.). (2011). *Jovens e rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 395-410.*

Piqueiro, A. R. e Jennings, W.G., 2021. Domestic Violence During Covid 19. Council on Criminal Justice.https://kslnewsradio.com/wpcontent/uploads/2021/03/Domestic_Violence_During_COV.pdf

Rede Social Lisboa. (2016) (ed). II Diagnóstico Social de Lisboa 2015-2016. Lisboa.

Rede Social Lisboa. (2017) (ed.). Agenda Estratégica do Desenvolvimento Social de Lisboa 2017-2020. Lisboa.

República de Portugal. (2017). National report on the implementation of the Agenda 2030 for Sustainable Development. Portugal. Voluntary National Review. Ministério de Negócios Estrangeiros: Lisbon.

República portuguesa e Instituto Português do Desporto e Juventude e Centro Juventude Lisboa (2020) (ed.). Lisboa +21 - Políticas e Programas de Juventude numa perspetiva global. 1ª edição. Lisboa: Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2018. Diário da República, 1.ª série — N.º 170 — 4 de setembro de 2018.

Rohwerder, B. (2020). Social impacts and responses related to Covid-19 in low- and middle-income countries. Institute of Development Studies K4D.

Rowland, J., Ferreira, V.S., Vieira, M. M., Pappámikail, L. (2014). Nem em emprego, nem em educação ou formação: jovens NEEF em Portugal numa perspetiva comparada. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Dos Reis Santos, B. (2018). Novas Centralidades na Coroa Norte de Lisboa. Faculdade de Arquitetura: Universidade de Lisboa.

Sanier, L. & Morell, A. (Coord). (2021). Os jovens em Portugal hoje. Fundação Francisco Manuel dos Santos: Lisboa.

Santomauro, D. et al (2021). Global prevalence and burden of anxiety and depression disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the Covid-19 pandemic. *The Lancet, 398,* pp.1700-1712.

Santos, S. (2017). Mobility and Spatial Planning in the Lisbon Metropolitan Area. *Finisterra, Volume LII, Número 104, Centro de Estudos Geográficos*, pp. 557-72.

SGAL (2005). Alta de Lisboa: a memória e o futuro. Lisboa: Sociedade Gestora da Alta de Lisboa.

Stecanela, N., Ferreira, P. (2007). Das biografias estandardizadas às biografias de escolha: desenvolvimentos teóricos da sociologia da juventude. *Revista Educação e Cidadania,* 9, pp. 79-113.

Tavares, Inês; Ana Filipa Cândido; Jorge Caleiras; e Renato Miguel do Carmo (2021), Desemprego em 2020. Impactos da pandemia, mapeamentos e reflexões, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat). (2013). State of the World's Cities 2012/13. Prosperity of Cities. Routledge: New York. 184p.

United Nations (2018). Youth 2030. Working with and for young people. United Nations: New York.

Vale, D.S. (2018). "Lisboa: População, alojamento e acessibilidade". In: Sposito, M.E.B. & Fernandes, J.A.R. (ed.) *Brasil e Portugal vistos desde as cidades: As cidades vistas desde o seu centro* (pp.227-244). São Paulo: Cultura Académica.

Vieira, M. M. , Ferreira, T. & Pappámikail, L. & (2017). Jovens Neef: mudanças e continuidades no pós-crise. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Vieira, M.M., Ferreira, V. S. (2019), Juventude(s) do Local ao Nacional – Que Intervenção? Lisboa: Observatório Permanente da Juventude, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Português do Desporto e Juventude. Porto: Edições Afrontamento.

Williamson, H. (2007). A complex but increasingly coherent journey? The emergence of 'youth policy' in Europe. *Youth & Policy, No 95*, pp.57-72.

Anexos

Anexo 1: Guião de perguntas das entrevistas individuais com os jovens

Bloco 1 – perfil do jovem

- Nome.
- Idade.
- Onde vive.
- Qual foi o percurso da sua vida até hoje: Onde nasceu, onde morava e mora hoje e com quem, as escolas que frequentou, já exerceu alguma atividade profissional/de estágio voluntário ou remunerado?
- Qual a sua ocupação atual? (se estudante, perguntar em qual escola/faculdade frequenta).
- Como é a sua a rotina diária? (ex: como o seu dia e o que você faz no decorrer dele – lembrar: alimentação, convívio com família e amigos...).

Bloco 2 – desafios e perspetivas (social/económico/cultural)

- Quais são as maiores dificuldades que enfrenta no geral? (ex: em termos de relacionamentos sociais e familiares, materiais, de habitação, saúde, emprego, deslocamento...).
- Como/onde você se vê em 5 anos? (ex: profissional, familiar, onde quer morar…) - porquê?
- O que esta a fazer para realizar este objetivo?
- Quais são as dificuldades que espera encontrar na concretização do seu objetivo? (ex: falta de qualificação, falta de tempo, falta de oportunidade, falta de conhecimento, <u>falta de apoio</u> (que tipo?)

Bloco 3 – efeitos pandemia

- Houve mudanças na sua rotina e nas condições de vida por causa da COVID 19? Quais?
- Como a pandemia da COVID-19 intensificou as dificuldades para alcançar o seu objetivo?
- A pandemia da COVID-19 reduziu algumas dessas dificuldades e/ou criou alguma oportunidade para o seu desenvolvimento pessoal?

Bloco 4 - vivências no território

- Quais os programas/projetos/serviços na Freguesia (associações, junta, escolas, igreja...) que você conhece e utiliza?
  <u>SIM</u>: passa para pergunta 15.
  <u>NÃO</u>: passa para a pergunta 16.

- Você acha que os programas/projetos/serviços que você utiliza te ajudam a realizar seu objetivo de futuro?
  <u>SIM</u>: Como? Como poderiam ajudar mais?
  <u>NÃO</u>: Então, como poderiam ajudar?

- Que tipo de assistência (ferramentas/ajuda?) você precisaria para realizar o seu objetivo? (ex: cursos, apoio familiar/escola/órgãos públicos, apoio financeiro...). -
- O que você gostaria que mudasse na zona me que vive?
- O que podes fazer para contribuir para o desenvolvimento da zona em que vives? (ex: trabalho com as associações, vizinhos, apoio aos mais velhos/mais jovens...).

Anexo 2: Questionário

Bloco 1 – perfil socioeconómico

1. **Idade**
   a. Menos de 15 anos
   b. Entre 15 e 17 anos
   c. Entre 18 e 21 anos
   d. Entre 22 e 24 anos
   e. Mais de 24 anos

2. **Sexo**
   a. Feminino
   b. Masculino
   c. Indeterminado
   d. Prefiro não dizer

3. **Como se identifica?**
   a. Negro(a)
   b. Branco(a)
   c. Cigano(a)
   d. Asiático(a)
   e. Outra: _____
   f. Prefiro não dizer

4. **Qual a tua nacionalidade?**
   a. Português por naturalidade
   b. Português por aquisição
   c. Estrangeiro

5. **Qual a zona em que vives? (marque apenas uma opção)**
   a. Alta de Lisboa
   b. Alto do Chapeleiro
   c. Ameixoeira Velha
   d. Bairro Cáritas
   e. Campo das Amoreiras
   f. Charneca
   g. Galinheiras
   h. Paço da Ameixoeira
   i. Quinta da Atalaia
   j. Quinta da Mourisca
   k. Quinta da Torrinha
   l. Quinta das Lavandeiras
   m. Quinta de Santa Clara
   n. Quinta de São João Batista
   o. Quinta do Grafanil
   p. Reguengo
   q. Outra Freguesia

6. **Há quanto tempo vives na Freguesia de Santa Clara?**
   a. Menos de 5 anos
   b. Entre 5 e 10 anos
   c. Há mais de 10 anos

d. Desde que nasci
e. Não se aplica

7. Quantas pessoas vivem na tua casa incluindo tu?
a. 1
b. 2
c. 3
d. 4
e. 5 ou mais

8. Com quem moras?
R:_____

9. **Tu ou alguém na tua casa recebe algum subsídio**?
a. Sim
b. Não
c. Não sei
d. Prefiro não dizer

10. Qual tua ocupação atual?
a. Apenas estudante (de curso técnico/escola/universidade/formações)
b. Estudante-trabalhador
c. Voluntário
d. Estagiário
e. Nem trabalho nem estudo
f. Outra

11. Qual escola/centro de formação frequentas?
a. Escola Básica Pintor Almada Negreiros
b. Escola Secundária do Lumiar – Lindley Cintra
c. Escola Profissional Gustave Eiffel
d. Gabinete de Inserção Profissional das Amoreiras
e. Gabinete de Inserção Profissional da ALCC
f. Outra
g. Não se aplica

12. Qual a fonte de rendimento dos teus responsáveis? (marque as opções que se aplicam)
a. Trabalho por conta de outrem
b. Trabalha por conta própria
c. Pensão de Reforma
d. Subsídio
e. Não sei
f. Outra

13. O que fazes no teu tempo livre na freguesia/zona em que vives? (marque até 3 opções)
a. Desporto
b. Convívio com amigos
c. Convívio com família
d. Passeios / excursões
e. Compras
f. Eventos culturais
g. Livros
h. Voluntariado

i. Jogos online
j. Outras atividades
k. Nada

14. Quais das seguintes experiências já tiveste no passado? (marque apenas 1 opção)
a. Trabalho remunerado
b. Estágio
c. Voluntariado
d. Nunca trabalhei
e. Outro

Bloco 2 – Desafios e perspetivas

15. Quais são os maiores desafios que enfrentas no teu dia a dia? (Podes marcar até 5 opções)
a) Poucas competências
b) Dificuldades financeiras
c) Poucas oportunidades de emprego
d) Problemas de habitação
e) Problemas de saúde (física/mental)
f) Dificuldade de mobilidade
g) Obrigações familiares que interferem com outras atividades
h) Falta de tempo
i) Falta de integração comunitária
j) Falta de apoio de instituições/associações
k) Poucas opções interessantes/atrativas de estudo
l) Dificuldades de aprendizagem
m) Poucas oportunidades para desenvolver o meu talento
n) Discriminação
o) Bullying
p) Conflitos (familiares, comunitários ou outros)
q) Desafios pessoais (timidez/baixa autoestima/solidão/agressividade, etc)
r) Outros: _____

16. Gostarias de estudar mais?
a) Sim
b) Não

17. Gostarias de ter um bom emprego?
a) Sim
b) Não

18. Gostarias de contribuir para melhorar a zona onde vives?
a) Sim
b) Não

19. Gostarias de seguir a profissão dos teus pais?
a) Sim
b) Não

20. Gostarias de ter uma vida melhor do que a que tens?
a) Sim
b) Não

21. O que queres para o futuro nos próximos 5 anos? (Podes marcar até 3 opções)

a) Concluir os estudos secundários
b) Ingressar numa Universidade/ Curso Superior Profissional
c) Continuar a viver na freguesia
d) Mudar da freguesia
e) Sair da casa dos pais
f) Encontrar um emprego
g) Constituir uma família
h) Encontrar um emprego na área em que formei
i) Não sei
j) Outros

22. Estás a fazer ou pretendes fazer algo para realizar este plano?

a) Sim
b) Não

23. O que estás a fazer ou pretendes fazer para realizar este plano?

R:_____

24. Quais são as barreiras que esperas enfrentar no futuro para realizar este plano? (Podes marcar até 5opções)

a) Poucas competências
b) Dificuldades financeiras
c) Poucas oportunidades de emprego
d) Problemas de habitação
e) Problemas de saúde (física/mental)
f) Dificuldade de mobilidade
g) Obrigações familiares que interferem com outras atividades
h) Falta de tempo
i) Falta de integração comunitária
j) Falta de apoio de instituições/associações
k) Poucas opções interessantes/atrativas de estudo
l) Dificuldades de aprendizagem
m) Poucas oportunidades para desenvolver o meu talento
n) Discriminação
o) Bullying
p) Conflitos (familiares, comunitários ou outros)
q) Desafios pessoais (timidez/baixa autoestima/solidão/agressividade, etc.)
r) Outros: _____

Bloco 3 – Impacto da pandemia

25. Quais as principais mudanças que foram causadas pela COVID-19? (Podes marcar até 3 opções)

a) Dificuldade de acesso à educação
b) Falta de condições para o estudo
c) Falta de Dinheiro
d) Perda do teu emprego
e) Perda de emprego de um familiar
f) Mudança de rotina diária
g) Isolamento em casa
h) Conflitos familiares

i) Redução do apoio de instituições locais
j) Aumento do apoio de instituições locais
k) Violência doméstica
l) Outros
m) Não houve

26. Qual o aspeto da tua vida foi <u>mais</u> afetado pela pandemia da COVID-19? (Marque apenas 1 opção)

a) Finanças
b) Social
c) Psicológico-emocional
d) Convívio familiar
e) Convívio com amigos
f) Emprego
g) Educação
h) Saúde
i) Outro
j) Nenhum

27. Como julgas o impacto da pandemia da COVID-19 na sua vida? (marque apenas 1 opção)

a) Paralisou
b) Dificultou muito
c) Dificultou um pouco
d) Facilitou
e) Indiferente
f) Não sei

28. A pandemia da COVID-19 criou alguma oportunidade para o teu desenvolvimento pessoal?

a) Sim
b) Não

29. Qual a oportunidades para o teu desenvolvimento pessoal que a COVID-19 criou? (marque apenas 1 opção)

a) Aulas online facilitaram acesso a cursos
b) Criaram-se novas oportunidades de negócios/empregos
c) Mais tempo livre para dedicar-se a atividades de desenvolvimento pessoal (desporto, cultura, lazer, entre outras)
d) Aumento da solidariedade
e) Saber usar as tecnologias de comunicação
f) Outra
g) Não sei
h) Nenhuma

<u>Bloco 4 – Serviços locais</u>

30. Utilizas algum serviço da Junta da Freguesia onde vives?

a) Sim
b) Não

31. Conheces alguma associação ou projeto da zona onde vives?

a) Sim
b) Não

32. Consideras que os programas/projetos/serviços para jovens da zona contribuem para melhorar a tua vida?

a) Sim
b) Não
c) Não sei

33. O que os programas/projetos/serviços para jovens da zona fazem para melhorar a tua vida? (marque até 3opções)

a) Oferecem oportunidades para desenvolvimento de habilidades e capacidades individuais
b) Oferecem oportunidades de integração com outros membros da freguesia
c) Oferecem apoio psicológico e emocional
d) Oferecem reforço escolar
e) Oferecem preparação para o mercado de trabalho
f) Oferecem bolsas de alimentos e outros auxílios às famílias
g) Oferecem espaços e atividades de lazer para os jovens
h) Oferecem ajuda para regularizar documentos
i) Realizam eventos e projetos que integram mais os jovens
j) Não sei
k) Nada
l) Outros: _____

34. O que falta para melhorar a tua vida, que os programas/projetos/serviços para jovens da zona podemfazer? (marque até 3 opções)

m) Oferecer oportunidades para desenvolvimento de habilidades e capacidades individuais
n) Oferecer oportunidades de integração com outros membros da freguesia
o) Oferecer apoio psicológico e emocional
p) Oferecer reforço escolar
q) Oferecer preparação para o mercado de trabalho
r) Oferecer bolsas de alimentos e outros auxílios às famílias
s) Oferecer espaços e atividades de lazer para os jovens
t) Realizar eventos e projetos que integram mais os jovens
u) Não sei
v) Nada
w) Outros: _____

35. O que gostarias que mudasse na freguesia em que vives? (marque até 3 opções)

a) Mais serviços/programas para jovens
b) Mais escolas
c) Espaço cultural, de arte e convívio para jovens
d) Mais infraestruturas e eventos desportivos
e) Maior integração entre os moradores
f) Maior segurança
g) Maior mobilidade de transportes com o resto de Lisboa
h) Melhor distribuição de infraestruturas e serviços nas zonas da freguesia
i) Nada

36. Consideras que podes contribuir para a mudança na sua freguesia?

a) Sim
b) Não

37. **Como podes contribuir para a mudança da zona onde vives?**

R: _____

Anexo 3: Guião de perguntas das entrevistas com as instituições e organizações

1. Quais são os planos do desenvolvimento local (geral)?
2. Pode indicar documentos & estudos e estatísticas que descrevem os problemas dos jovens residentes na freguesia?
3. Quais os problemas principais de jovens de 15 a 24 anos
4. Há estudos, dados ou indicadores do impacto da pandemia que nos recomenda?
5. Quais são os projetos destinados para os jovens atualmente? Quais são projetos futuros?
6. O que a Freguesia oferece para os jovens?
7. A quem envolveu para desenvolver estas iniciativas / projetos?
8. Quais são organizações parceiras da Associação/Organização?
9. Quais os mecanismos da colaboração? (Mecanismos)
10. Como os jovens contribuem para o desenvolvimento local?
11. Como avalia a participação dos jovens no desenvolvimento da freguesia?
12. Quais são iniciativas locais de jovens?
13. Entre 2001 e 2011, o número de jovens entre 15 e 24 anos diminuiu na Santa Clara. Quais foram as razões?
14. Quais são zonas de concentração de jovens?

Anexo 4: Consentimento informado

Formulário de Informação ao Participante

Investigador: <Nome do Investigador >

Organização: ISEG / CESA / Oficina Global

O senhor(a) é convidado(a) a participar neste estudo sobre "Perspetivas do desenvolvimento de jovens residentes na freguesia Santa Clara, Lisboa". Antes de decidir fazer parte do estudo é importante que o senhor(a) compreenda claramente a informação apresentada.

Objetivo e descrição do estudo

Este estudo é realizado para identificar perspetivas de desenvolvimento da juventude residente na Freguesia Santa Clara, Lisboa, no tempo pós-pandemia Covid-19 e reconciliá-las com o plano de desenvolvimento local.

Nós gostaríamos de investigar o impacto da Covid-19 na camada jovem na freguesia e recolher as necessidades dos jovens para o seu desenvolvimento pessoal, os serviços e programas para jovens existentes na freguesia e entender as barreiras e lacunas de suporte que os jovens enfrentam.

Para este efeito serão realizadas discussões de grupos focais compostos por jovens e entrevistas individuais de pessoas de referência.

Para este estudo serão recrutados volta de jovens e pessoas chaves de referência provenientes das autoridades publicas, sector privado e de organizações da sociedade civil que trabalham na freguesia.

A recolha de dados do estudo terá uma duração de 4 meses de setembro a dezembro de 2021.

Proteção da privacidade

Faremos tudo para preservar a sua privacidade. Toda a informação que nos for fornecida não será partilhada com terceiros, somente com os investigadores ligados ao estudo. O seu nome não irá aparecer nos relatórios ou publicações resultantes do estudo.

Participação Voluntária

A sua participação no estudo é completamente voluntária. Cabe ao jovem decidir se participa ou não.

Riscos e benefícios:

A participação neste estudo não implica riscos para sua saúde, sua carreira e reputação.

A sua participação tem como benefício indireto a melhoria da oferta de serviços e programas para jovens. Não há benefício diretos em termos monetários ou outros.

Formulário de Consentimento Informado

ISEG / CESA, Oficina Global

Título do estudo: "Perspetivas do desenvolvimento dos jovens residentes na freguesia Santa Clara, Lisboa"

Eu, _____(participante) declaro que recebi informação sobre este estudo, sobre os objetivos, condições ou metodologia e duração do estudo e possíveis riscos e benefícios. Eu entendi tudo o que me foi lido e as minhas perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Recebi cópia do documento com informação ao participante e o formulário de consentimento informado.

Eu dou consentimento livre para minha participação e concordo com a gravação da discussão / entrevista para os fins do estudo.

Data _____ **Hora** _____

Assinatura do participante:

_____

Anexo 5: Inventário de organizações com intervenções para jovens

Nome da organização	Objetivos	Grupo-alvo	Intervenções
Na área das Galinheiras e Ameixoeira PER			
Associação Miguel Reis (não tem sede)	1. Luta por valores 2. Promover o respeito entre as diferentes culturas e etnias	2 grupos: Crianças de 4 a 12 anos, jovens de 12 a 21 anos. Número de jovens oscila entre 20 a 40.	Em curso: Treinos em artes marciais nas terças e quintas na Escola Básica na Rua Maluda. No passado: existe há 6 anos, parado entre Março 2020 e Setembro 2021
Associação dos Moradores das Galinheiras	• Administração da Comissão em conjunta do AUGI Quinta da Torrinha • Apoio ao Grupo Comunitário • Apoio aos moradores (documentação, solução de problemas com GEBALIS) • Levantamento de dados de necessidades de famílias carentes, de pessoas com deficiência etc. para JF • Negociações com serviços públicos: Transporte publico	• AUGI: proprietários dos edifícios • Toda a comunidade / moradores	Em curso: Comissão AUGI COMVIV-20 – Comunidade Viva! (326, Bairros Saudáveis) No passado: Projeto de recolha de lixo, sensibilização, Teste da Covid-19 na comunidade (antigénio e PCR)
Associação Lusofonia Cultura e Cidadania (ALCC)	• Promover a integração legal e social dos imigrantes • Transmitir conhecimentos sobre Cidadania e Inclusão, Empreendedorismo, Formação, Igualdade de Oportunidades	Imigrantes. Jovens incluídos nos projetos em curso de empreendedorismo	Em curso: Apoio social (alimentos, segurança social, habitação), Formação e empreendedorismo (GPI), Apoio documental. Não há projetos específicos para jovens. No passado: Erasmus, Empreendedorismo jovem (20 jovens, 5 projetos aprovados). No futuro: Continuação dos apoios atuais.

Centro de Desenvolvimento Comunitário de Ameixoeira da SCML, Rua Fernando Gusmão	• Criação de relação com pessoas de diferentes culturas residentes na zona. • Fortalecimento do processo de cidadania.	Toda a comunidade, adultos. Pouco contacto com jovens adultos.	Passado: Projeto com AKDN "Capacidades", formações e convívio comunitário Em curso: Apoio ao cidadão (tratamento de documentos, digitalização) Formação e informação (Saúde geral, saúde mental) No passado: 2018: Grupo de 40 jovens. Apoio para ocupação nos tempos livres No futuro: conquistar a nova geração de jovens.
Centro Social Paroquial da Charneca-Galinheiras, Estrada Militar/Largo das Galinheiras	• Resposta às carências vividas no bairro	Toda a comunidade. Grupos de jovens na paroquia.	Em curso: não tem atividades para jovens por falta de possibilidade, tem centro de dia, apoio domiciliário (SAD), jardim infantil de 65 crianças. Alimentação. No passado: ATL (atividades de tempos livres).
Centro de Atletismo, Largo das Galinheiras	• Promover atividades desportivas nas Galinheiras	Crianças, jovens, adultos	No presente: parou devido a pandemia e de falta de colaboração das escolas.
Culturface. Associação Cultural para o Desenvolvimento	• Promover estratégias inclusivas e cidadãs na ação com os migrantes • Ajudar na aproximação de vários grupos imigrantes • Promover a capacidade de uso da comunicação social e o merchandising de empreendedores imigrantes	Crianças, jovens, empresários imigrantes	Em curso: Atualmente não tem projeto. Iniciativas pontuais com crianças nas escolas. No passado: GIIRC'3° - Gabinete de imagem integrada e recursos comunicacionais para o Terceiro Sector. Formação sobre empreendedorismo, comunicação social, Festa da diversidade No futuro: MixOeira_inovar (Bairros saudáveis), Radio comunitária
Raízes – Projeto Passaporte	1. Apoio às crianças e jovens com fraco suporte familiar e capacitação	150 crianças e jovens de 10 a 21 anos	Em curso: Projeto passaporte. Suporte escolar, atividades tecnológicas (competências básicas no computador), motoras, lúdicas, cidadania e género.

	para vida saudável 2. Apoio à sociedade		
Grupo comunitário Galinheiras Ameixoeira (GCGA)	• Intervir de forma aberta e com a participação de todos e todas na resolução de problemas e necessidades que as populações sentem no dia-a-dia, melhorando a sua qualidade de vida	Toda a comunidade residente	Reforço da participação comunitária. Em 2020: Diagnóstico participativo para candidatura para o projeto COMVIV-20, Trabalho do ECAR (Equipa de contato e acompanhamentos de referência): levantamento de necessidades, rastreio e testagem da Covid-19.
Raízes, R. Quinta da Santa Susana	• Apoio às crianças e jovens com fraco suporte familiar na diminuição do insucesso escolar e promoção de talentos e vida saudável		Em curso: Escolhas, Projeto Podcast, Projeto Passaporte Mira Jovens – Eco Embaixadores, Alto Impacto – Galaria de Artes, Música entre Nos. No passado: Claquete
Grupo Desportivo Águias da Charneca	• Promoção de futebol, atletismo e ciclismo	Crianças Jovens Adultos	Grupo de jovens de 7-18 anos: 30 Seniores com mais de 18 anos (até 40 anos): 20.
Clube Desportivo do Reguengo	• Já não faz atividades.		
Na área da Alta de Lisboa			
AKDN	• Promoção de Desenvolvimento Social: Programa CDLS (Contratos Locais de Desenvolvimento Social) abrange Santa Clara, Chelas e Alcântara. Trabalho através dos parceiros.	Crianças e jovens	Projeto passado: “Capacidades” fez surgir grupos comunitários. Em curso: CLDS com intervenções na área - Empregabilidade e formação - Família e violência doméstica - Nível comunitário

Associação dos Moradores do PER 11, R Raul Rego Lote 8 2ºB	3. Promover a vida em comunidade de diferentes grupos sociais e étnicos. 4. Incentivar jovens através de formações, ajudar na procura de emprego e ajudar tornar a vida mais ativa	Toda a comunidade. Jovens.	Projetos passados: BIPZIP – "Comunidade PER 11", BIPZIP "Conexão de superação" em 2020: como superar a Covid-19 e ficar conectado. 2021: Festival iminente. Em curso: Atividades próprios para jovens. No futuro: Projeto BIPZIP, horta.
Grupo Desportivo Recreativo Tunelense	• Promoção de atividades recreativas e de convívio: futsal, zumbo, sala de jogos, cafetaria	Jovens Mulheres Sócios adultos	Em curso: 45 jovens de 9 a 16 anos inscritos no futsal. 20 senhoras de 18 a 30 anos inscritos no zumbo.
UDAL - União Desportiva Alta de Lisboa	• Escola de futebol	Jovens Adultos	Atua no Complexo Desportivo Alta de Lisboa
Clube Atlético da Alta de Lisboa	• Promoção de judo e da ginástica	Crianças Jovens Pais	289 utentes inscritos, dos quais 260 jovens menor de 18 anos.
Associação Espaço Mundo, Rua José Cardoso Pires, Lote 7.13	• Ajudar os jovens e dar resposta a comunidade • Trabalhar juntos para o bem- estar de todos	Jovens	No passado: Loja de lotes com vida – com objetivo de organizar os lotes Em curso: BIP ZIP LX Code – Edita o teu futuro, um projeto da comunicação digital. 40-60 jovens/dia. Atividades comunitários como a Feira do Sorriso. Projetos futuros: BIPZIP Alta Digital
Centro Social da Musgueira, Rua Maria Margarida 6/6A	• Serviços para criança/Creche • Centro de dia para seniores e cuidados domiciliários. • Centro comunitário: oferece para jovens de 10-14 anos atividades de estudo e atividades de tempo livre. Mediateca: espaço lúdico para todos os jovens.	Crianças Jovens Idosos	Projetos no passado: BIP ZIP "A minha festa é linda", para aprender organizar festas. BIPZIP "LXConnect": contato entre cidadãos e instituições. Em curso: Jovens: antes da pandemia entre 40-45 jovens do 5º a 9º ano, na mediateca 60-80 por dia. Numero do jovens nos estudos e na mediateca baixou durante a pandemia

CLIP RD, Rua Luis Piçarra 12A	• Promover o trabalho em conjunto das associações da Alta de Lisboa para potenciar recursos e qualidade de trabalho	Associações	Em Santa Clara a única associação que trabalham com jovens que é membro do CLIP é a Associação de Moradores do PER 11
APEAL, Associação de Pais e Encarregados de Educação do Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar	• Ajudar os pais e encarregados de educação e todos os alunos ter uma melhor educação • Promover atividades extracurriculares • Ajudar crianças com necessidades especiais e alunos em risco	Pais, crianças e jovens	Projeto (Re)Criar as Tradições de Lisboa Projeto GPS – Informação de Pais para Pais Projeto Escola da Comunidade Projeto Voluntariado "Mais Comunidade para uma Melhor Escola" Projeto Clube da Harmonia Projeto Grupo Teatro do Oprimido – Escola D. José I Como parceiros – Rugby da (m)Alta e Coro Vocalizze
Grupo Recreativo Águias da Musgueira	• Promoção de futebol	Crianças, jovens e adultos	Inscrições por ano: 24 menores de 15 anos, 24 juniores de 17 a 19 anos, e 25 seniores (19 a 44 anos).

Anexo 6: Tabela de Cursos da Escola Profissional Gustave Eiffel, Lumiar

EPGE Lumiar | 2021 – Número de alunos/as por curso por sexo

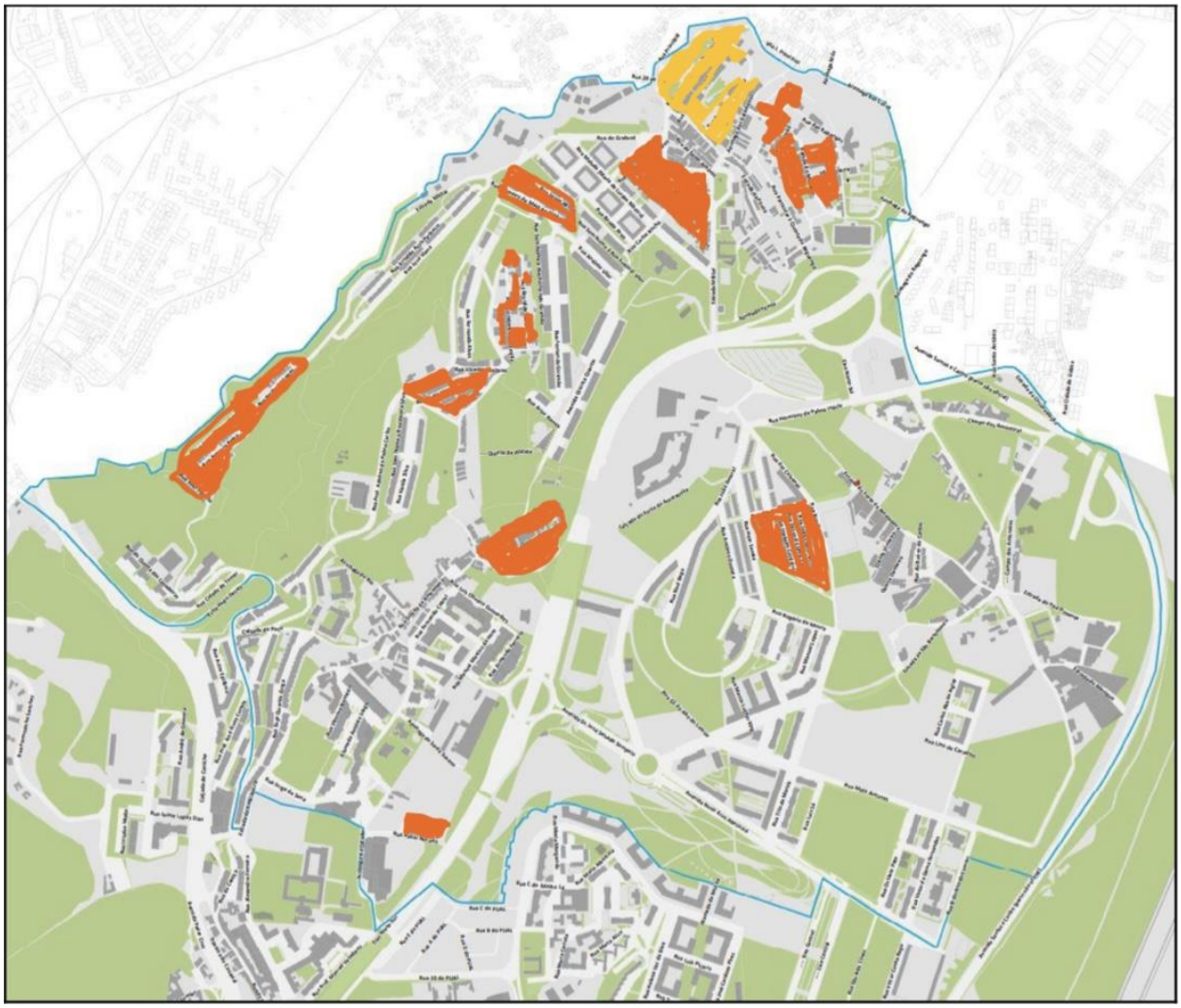
curso:	alunos sexo feminino				alunos sexo masculino			
	total	1º ano	2º ano	3º ano	total	1º ano	2º ano	3º ano
TCMRPP	38	15	12	11	25	10	7	8
TÉCNICO AUXILIAR DE SAÚDE	51	19	12	20	15	5	6	4
TÉCNICO DE RESTAURANTE BAR	20	6	7	7	33	15	10	8
ANIMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL	26	8	6	12	9	3	4	2
TÉCNICO DE ÓTICA OCULAR	25	11	7	7	6	2	1	3
TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO E SERVIÇO DIGITAL	10	3	4	3	21	8	7	6
RECECIONISTA DE HOTEL	14		9	5	3		2	1
TÉCNICO DE CONSTRUÇÃO CIVIL	6	3	3		29	9	13	7
ASSISTENTE FAMILIAR E DE APOIO À FAMÍLIA - CEF	24	14	10		15	8	7	
PADARIA E PASTELARIA - CEF	8	8			14	14		
OMH	8	8			3	3		
MSR	0				12		12	
MAMV	0				11	11		
TÉCNICO DE MECATRÓNICA AUTOMÓVEL	0				65	22	22	21
TÉCNICO DE PROTEÇÃO CIVIL	6		2	4	30	8	9	13
TÉCNICO DE AÇÃO EDUCATIVA	50	21	17	12	4	3		1
TÉCNICO DE COZINHA E PASTELARIA	32	12	8	12	27	9	10	8
TOTAL	318	128	97	93	322	130	110	82

Anexo 7: Edifícios municipais e sua população na Freguesia de Santa Clara

Zona	Edifícios Municipais	Fogos Municipais	Renda Média €	População aproximada	Zona de origem
Alta de Lisboa Centro: PER 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11	84	1965	83.87	3521	Musgueira Norte, Musgueira Sul, Quinta Grande, Quinta do Levy, Rua Arco Carvalhão, Vale do Forno, Travessa do Pardal, Calvanas, Charneca
Alto do Chapeleiro	12	14	65.53	25	Grande parte do património alienada
Ameixoeira	108	1061	64.11	2971[2]	Quinta do Louro, Quinta da Pailepa, comunidade circense da zona de Carnide, casas provisórias das Galinheiras, Amadora e Vale do Forno
Charneca do Lumiar	2	98	70.46	764	Quinta da Pailepa, Ameixoeira e bairro das Galinheiras
Quinta das Lavadeiras	2	35	90.99	63	Grande parte do património alienada
Total	**208**	**3173**		**7344**	

Fontes: Gebalis, Março 2020 e [2]Gebalis, Fevereiro de 2019. Ameixoeira 2028 Projetar Futuros

Anexo 8: Mapa AUGIS



Legenda:

Áreas sujeitas a reabilitação

Áreas sujeitas a loteamento

Fonte: Adaptado do mapa da CML, 2018 e do CML, Plano Diretor Municipal, 2012.

Anexo 9: Projetos para jovens do BIP/ZIP na Freguesia de Santa Clara, 2011-2021

Ano	Total do Número de Candidaturas	Total Candidaturas aprovadas	Candidaturas aprovadas de Santa Clara	Projetos envolvendo jovens	Título	Promotor	Objetivo geral
2021	94	31	3	2	Dá-te-Rumo	Associação de Moradores do PER 11	Estimular o empreendedorismo de jovens, diminuir exclusão social dos jovens, participação ativa dos jovens na comunidade
					MOS no Bairro	Vai Associação	Formação de qualidade em dança, Promoção de hiphop. Desenvolvi-mento dos jovens
2020	131	38	2	1	Conexão e Superação	Associação de Moradores do PER 11	Desenvolvimento do empreendedorismo jovem
2019	92	44	5	2	Comunidade Per11	Associação de Moradores do PER 11	Desenvolvimento do potencial dos jovens do território no combate ao isolamento dos idosos e partilhas intergeracionais
					Música entre Nós	Raízes	Criação de um grupo de jovens para participar nas atividades artísticas e de sociabilidade
2018	106	40	3	1	Somos Per 11	Raízes	Desenvolvendo a área psicossocial, cultural, desportiva e educativa dos moradores do PER11
2017	107	38	2	2	NÔS RETRATO	ALCOMUM	Produção dos Retratos dos moradores
					Balcão de Santa Clara	Centro Social e Paroquial da Charneca /Galinheiras	Gabinete de apoio as famílias vulneráveis e capacitação nas áreas da gestão doméstica, literacia nutricional e promoção da saúde

2016	122	43	1	1	Faz-te em Santa Clara	Centro Social e Paroquial da Charneca /Galinheiras	Autonomização das famílias beneficiárias de apoio alimentar e desenvolvimento de competências socioeducativas do saber/fazer
2015	106	37	1	1	Alimentar em Rede	Centro Social e Paroquial da Charneca /Galinheiras	Capacitar e qualificar as organizações que prestam serviço de apoio alimentar e sensibilizar famílias sobre seus direitos e deveres
2014	146	39	2	2	Cantina Comunitária da Ameixoeira	Junta da Freguesia Santa Clara	Fornecimento de uma refeição diária a preços reduzidos a toda a comunidade em situação de insegurança alimentar
					Ameixoeira Criativa	Associação Lusófona Cultura e Cidadania	Formação em costura e produção de material para venda
2013	108	52	5	2	Cantina Comunitária da Ameixoeira	Junta da Freguesia Santa Clara	Abertura duma cantina comunitária, Fornecimento de refeições saudáveis a preços reduzidos a toda a comunidade, Formação na área alimentar
					Refaz-te - Oficina de Reciclagem	ARAL- Associação de Residentes do Alto do Lumiar AVAAL- Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa	Criação de um serviço de reciclagem no território, promovendo profissões antigas
					Ameixoeira Criativa	Junta da Freguesia Santa Clara	Formação em costura e produção de material para venda
					Mediadores Comunitários	Junta da Freguesia Santa Clara	Aumento de3 segurança e do sentimento de segurança no Bairro com a criação de um Grupo de Mediadores Comunitários

					Prevenção ao envelhecer	PROSAUDESC	Melhorar a qualidade de vida dos idosos
2012	106	28	3	2	C*3 em Movimento - (Re) Descobrir Redes na Comunidade	Associação de Moradores do Bairro das Calvana, Centro Social Paroquial da Charneca	Qualidade de vida da população sénior, partilha de competências
					Participar para alimentar	ANAFS - Associação Nacional dos Alistados das Formações Sanitárias	Formação para estilos de vida saudáveis
					Viva o Desporto	Clube Desportivo do Reguengo	Promover a qualidade e disseminação do Desporto e Exercício
2011	77	32	2	1	Zipa-te na Loja do ICDI	Instituto de Cooperação para o desenvolvi-mento internacional	Criação de um espaço comunitário; Promoção de convívios interculturais e intergeracionais
					C*3 em Movimento - (Re) Descobrir Redes na Comunidade	Associação de Moradores do Bairro das Calvana e Associação de Moradores do Bairro da Cruz Vermelha	Qualidade de vida da população sénior, partilha de competências
Total	1195	422	29	17			